



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Representações da Família e Auto-Representação da Criança
com Gaguez

Raquel Andreia Gregório dos Santos
Nº 11822

Orientador de Dissertação:
PROF. DOUTORA JUDITE CORTE REAL

Orientador de Seminário de Dissertação:
PROF. DOUTORA JUDITE CORTE REAL

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOLOGIA
Especialidade em Psicologia Clínica

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Judite Corte Real, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/ 2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis” (autor desconhecido).

Esta é certamente a parte que me dará mais prazer fazer, por tudo o que ela implica e pela complexidade de sentimentos e emoções que envolve.

Depois de obstáculos vencidos, consegui aqui chegar... ACREDITEI E VENCI... Este percurso traz-me boas e más recordações, mas acima de tudo, muitas experiências, conhecimentos, verdadeiras amizades, conheci pessoas fantásticas que nunca vou esquecer e muitas delas que tomarei como exemplo. Posso dizer que cresci muito a todos os níveis...

Aos meus pais, a quem devo tudo, que sempre acreditaram em mim, quando eu própria muitas vezes não acreditei e que nunca me deixaram desistir... Por todas as palavras que partilharam comigo, lágrimas que confortaram e apoio nos momentos em que mais precisei...

Mãe, mulher guerreira e genuína, obrigada pelo teu amor, toda a força e energia que sempre me transmitiste e inculcaste... admiro-te muito... não tenho palavras quanto a ti... tu sabes disso...

Pai, eu sei que estás sempre lá... obrigada por todo o apoio e ensinamentos que me deste ao longo da vida, a aprendizagem que sempre me transmitiste em dar valor às coisas e a tudo o que conquistamos com esforço...

Obrigada por partilharem este caminho comigo...

A ti Diogo, companheiro, aquela pessoa que está sempre presente na minha vida e com quem eu partilho o meu dia-a-dia, obrigada por todo o amor, apoio e motivação que me deste para nunca desistir... obrigada pela tua paciência em ouvir-me nos muitos dias que precisava de partilhar o que sentia... obrigada por seres quem és e por fazeres parte da minha vida... e como te é tão característico “*Pronto... é claro que vou conseguir...*”

Já emocionada, agradeço a toda a minha restante família que sempre me deu força e encorajou nesta caminhada.

A ti Cláudia, aquela pessoa que tem e terá sempre um lugar muito especial na minha vida, aquela amiga que me acompanha há anos e que partilha comigo todas as pedras e

sorrisos da vida... Para ti não há palavras... Apenas um agradecimento incondicional pela tua verdadeira amizade e pelo apoio e ajuda que me tens dado neste percurso sofrido e nas diversas situações ao longo da minha vida... Obrigada...

A ti Martuxa, miúda gira e com um sorriso puro, obrigada pela tua amizade e apoio que me deste em tornar este momento possível, que quero partilhar contigo...

À minha família de coração (Carluxa, D. Irene, Sr. Zé e Patrícia), um muito obrigada por todas as palavras de conforto, apoio e motivação para chegar até aqui...

Às minhas amigas Ispianas, obrigada pelos momentos únicos, de partilha, apoio, ajuda e amizade que me concederam ao longo deste nosso percurso.

A todos os meus restantes amigos e não menos importantes, que acompanharam o meu percurso e o meu anseio em terminá-lo depois de tantas batalhas e sofrimento, o meu sentido agradecimento pelo apoio e vivências partilhadas... e agora têm que cumprir a vossa promessa e vir comemorar comigo...

A todos os Terapeutas, pais e respectivas crianças que participaram na recolha dos dados, um muito obrigada pela vossa preciosa colaboração, pois sem ela, este trabalho não teria sido possível.

E à orientadora deste trabalho, Prof. Dra. Judite Corte-Real, a quem muito devo, pois ao longo destes anos para “encerrar esta janela entreaberta que teima em fechar”, foi a primeira pessoa que me acolheu, compreendeu, acreditou em mim e tornou possível o fim desta caminhada... Obrigada por toda a sua paciência, motivação, disponibilidade, ensinamentos e partilha...

Obrigada a todos por serem quem são e por existirem na minha vida!

ÍNDICE

Artigo Revisão de Literatura	1
Representação da Família e Auto-Representação da Criança com Gaguez	1
1. Gaguez	6
1.1. Definição Geral do Conceito de Gaguez	6
1.2. Incidência e Prevalência da Gaguez	8
1.3. Etiologia da Gaguez	10
1.4. Comportamentos e Atitudes Relacionados com a Gaguez	14
2. A Família e a sua Influência na Criança	17
2.1. Conceito e Representação da Família	17
2.2. Funções Parentais	19
2.1.1. Papel da Função Materna	20
2.1.2. Papel da Função Paterna	21
2.3. Estilos de Interação entre Pai e Mãe	22
3. Influência das Relações Parentais na Representação da Família em Crianças com Gaguez	24
Conclusão	31
Referências Bibliográficas	32
Artigo Empírico	37
Representação da Família e Auto-Representação da Criança com Gaguez	37
Resumo	38
Abstract	39
Introdução	40
Método	50
Tipo de Estudo	50
Participantes	50
Instrumento	52
Procedimento	57
Apresentação e Análise dos Resultados	58
Apresentação e Análise dos Resultados do Teste do Desenho da Família Imaginária e Real	58
Análise dos Elementos Formais do Desenho da Família Imaginária	59
Análise do Questionário do Desenho da Família Imaginária	61
Análise dos Elementos Formais do Desenho da Família Real	69
Apresentação e Análise do Questionário do Desenho da Família Real	71
Conclusão da Análise dos Dados do Desenho da Família Imaginária e Real	78

Apresentação e Análise dos Resultados da Entrevista Semi-Estruturada	81
Conclusão da Análise da Entrevista Semi-Estruturada	109
Apresentação e Análise dos Resultados do Questionário de Ligação Parental para Adolescentes (QLP – A).....	114
Discussão dos Resultados.....	121
Conceito e Representação da família	122
Representações Parentais e Práticas Educativas.....	123
Representações Parentais e Relação com a Gaguez	126
Representação da Própria Criança como Falante	131
Conclusão	133
Referências Bibliográficas.....	137
Anexos.....	142
Anexo A: Dados Gerais dos Participantes.....	143
Anexo B: Entrevista Sobre o Conceito de Família.....	147
Anexo C: Questionário de Ligação Parental - Adolescência	152
Anexo D: Carta de Consentimento Informado	155
Anexo E: Desenhos da Família Imaginária e da Família Real	159
Anexo F – Apresentação e Análise dos Elementos Formais do Desenho da Família Imaginária.....	169
Anexo G – Apresentação e Análise dos Elementos Formais do Desenho da Família Real	173
Anexo H – Análise de Dados no SPSS	177

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Idade das Crianças	51
Quadro 2: Aparecimento da Gaguez	51
Quadro 3: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Configuração Familiar”, segundo o nº total de participantes e o género	61
Quadro 4: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Contextualização do Desenho”, segundo o nº total de participantes e o género	62
Quadro 5: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Mais Simpática”, segundo o nº total de participantes e o género	63
Quadro 6: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Menos Simpática”, segundo o nº total de participantes e o género	64
Quadro 7: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Mais Feliz”, segundo o nº total de participantes e o género	65
Quadro 8: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Menos Feliz”, segundo o nº total de participantes e o género	66
Quadro 9: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura de Autoridade”, segundo o nº total de participantes e o género	66
Quadro 10: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura que Exerce Menos Autoridade”, segundo o nº total de participantes e o género	67
Quadro 11: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura de Identificação”, segundo o nº total de participantes e o género	68
Quadro 12: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Configuração Familiar”, segundo o nº total de participantes e o género	72
Quadro 13: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Contextualização do Desenho”, segundo o nº total de participantes e o género	72
Quadro 14: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Mais Simpática”, segundo o nº total de participantes e o género	73
Quadro 15: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Menos Simpática”, segundo o nº total de participantes e o género	74
Quadro 16: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Mais Feliz”, segundo o nº total de participantes e o género	75
Quadro 17: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	76

<i>“Figura Menos Feliz”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 18: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	77
<i>“Figura de Autoridade”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 19: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	77
<i>“Figura que Exerce Menos Autoridade”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 20: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	81
<i>“Conceito de Família”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 21: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	83
<i>“Função/Papel da Família”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 22: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	84
<i>“Representação da Estabilidade Familiar”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 23: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	84
<i>“Atribuição Causal das Mudanças no Ciclo de Vida Familiar”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 24: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	85
<i>“Representação do Papel da Figura Paterna/Função Paterna”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 25: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	87
<i>“Representação do Papel da Figura Materna/Função Materna”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 26: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	88
<i>“Representação de Papéis de Género”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 27: Percentagens das Sub-Categorias encontradas nas respostas à Categoria	89
<i>“Diferenças de Género”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 28: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	90
<i>“Representação dos Papéis Parentais”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 29: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	91
<i>“Conceito Alargado de Família – Função/Papel”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 30: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	93
<i>“Composição/Configuração do Agregado Familiar”, segundo o nº total de</i>	

participantes e o género

Quadro 31: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	93
<i>“Representação Materna”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 32: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	94
<i>“Representação Paterna”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 33: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	95
<i>“Tendência Afectiva/Figura mais Valorizada, Investida e Importante”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 34: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	96
<i>“Membro da Família com quem a Criança Interage mais Tempo”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 35: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	97
<i>“Figura de Protecção”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 36: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	98
<i>“Figura de Conflito”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 37: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	99
<i>“Sentimentos/Reacção do Próprio face à Gaguez”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 38: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	100
<i>“Reacção Parental face à Gaguez”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 39: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	101
<i>“Sentimento do Próprio face às Atitudes das Figuras Parentais perante a Gaguez”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 40: Percentagens das Sub-Categorias encontradas nas respostas à Categoria	102
<i>“Sentimentos Positivos”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 41: Percentagens das Sub-Categorias encontradas nas respostas à Categoria	102
<i>“Sentimentos Negativos”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 42: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	103
<i>“Sentimento de Discriminação no Seio Familiar”, segundo o nº total de participantes e o género</i>	
Quadro 43: Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática	104
<i>“Percepção da Criança acerca da Imagem/Representação que a Família tem de Si”,</i>	

segundo o nº total de participantes e o género

Quadro 44: *Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática* 105

“Figura de Apoio Face à Gaguez”, segundo o nº total de participantes e o género

Quadro 45: *Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática* 106

“Desejo de Mudança na Família”, segundo o nº total de participantes e o género

Quadro 46: *Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática* 107

“Desejo de Mudança face à Gaguez”, segundo o nº total de participantes e o género

Quadro 47: *Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática* 108

“Atribuição Causal do Desejo de Manutenção/Mudança face à Gaguez”, segundo o nº total de participantes e o género

Quadro 48: *Estatística Descritiva e Teste de Wilcoxon: Comparação respostas* 115

pai/mãe na dimensão carinho (itens e score total)

Quadro 49: *Estatística Descritiva e Teste de Wilcoxon: Comparação respostas* 117

pai/mãe na dimensão autonomia (itens e score total)

Quadro 50: *Estatística Descritiva e Teste de Wilcoxon: Comparação respostas* 119

pai/mãe na dimensão protecção (itens e score total)

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: <i>Dimensão Carinho</i>	116
Gráfico 2: <i>Dimensão Autonomia</i>	118
Gráfico 3: <i>Dimensão Protecção</i>	120
Gráfico 4: <i>Score Total três dimensões: Carinho, Autonomia e Protecção</i>	120

ARTIGO REVISÃO DE LITERATURA

REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA E AUTO-REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA COM GAGUEZ

RESUMO

A gaguez é uma das patologias da linguagem mais enigmáticas, caracterizada por uma desordem no ritmo e fluência de diálogo, que surge mais frequentemente entre os dois e os cinco anos, período em que os pais têm um papel determinante no bem-estar e desenvolvimento da criança, em todas as áreas. Neste contexto, tem-se observado que quando a criança começa a demonstrar algumas hesitações no seu discurso, as atitudes e comportamentos dos pais, nomeadamente as correcções que fazem à criança, podem, paradoxalmente, aumentar as dificuldades em falar. O presente estudo tem como objectivo analisar a problemática da gaguez, tendo em consideração a importância do meio familiar, mais particularmente, das figuras parentais, nas representações da criança como falante. Consideramos que este estudo pode ser uma mais valia, quer para técnicos, quer principalmente para familiares de crianças com gaguez, no sentido de os consciencializar da importância do seu papel, no desenvolvimento da criança e das atitudes mais adequadas face à sua gaguez.

Palavras-chave: Gaguez; Representação Parental; Representação como Falante.

ABSTRACT

The stutter is one of the most enigmatic language pathologies characterized by a disorder on the dialogues' rhythm and fluency, which frequently happens to children with ages between two and five years old, period that gives to the parents a determinant role on the child's welfare and growth, in all areas. Under these circumstances, it has been observed that when the child starts showing some hesitations about its speech, the parents' attitudes and behaviors, particularly the corrections they make to the child, may, paradoxically, increase the difficulty on speaking. This study aims the analysis of stutter considering the importance of the familiar environment, more particularly the parental figures on the child's representations as a speaker. We consider that this study may be an added value, not only for experts, but also, and mainly, to the stutterer child's family, on an attempt to aware them about their role importance on the child's growth and the most suitable attitudes towards its stutter.

KeyWords: Stuttering; Parental Representation; Representation as Speaker

INTRODUÇÃO

A gaguez é uma temática polémica, pois apesar de ter sido objecto de estudo por vários investigadores, ainda não foram encontradas hipóteses explicativas que contribuíssem para a sua compreensão. Torna-se assim importante o estudo empírico desta perturbação da linguagem, de forma a adquirem conhecimentos e respostas que constituam uma mais valia para todos aqueles que fazem parte do contexto social da pessoa com gaguez, nomeadamente técnicos, professores, educadores e essencialmente os pais das crianças com esta problemática. Neste trabalho pretende-se abordar a gaguez, tendo em consideração aspectos psicológicos realçados por autores como Barros e Severino (2005), nomeadamente a sua associação a vivências abandonicas ou conflitos com as figuras parentais.

Sabemos que o desenvolvimento de uma criança está dependente do ambiente ou contexto que a rodeia, das respostas que dele obtém e dos prestadores de cuidados, geralmente os pais, que são as figuras mais importantes na vida de uma criança, pois o seu desenvolvimento saudável depende da forma como irão responder às suas solicitações e necessidades. Rutter (1989) e Pires (1990, citado por Ferreira, 2005) definem «comportamento parental» como o conjunto de cuidados fornecidos e respostas dadas às crianças, num ambiente adequado ao seu desenvolvimento, no que concerne a pedidos, necessidades, interacções sociais e mesmo comportamentos disruptivos. Como afirma este autor, o comportamento parental tem uma forte influência nas interacções da criança com o meio que a rodeia e no seu desenvolvimento equilibrado. Desde que nasce e mesmo ainda dentro do útero materno, a criança é exposta ao discurso e à língua materna das pessoas do seu meio, adquirindo gradualmente a linguagem para expressar as suas necessidades básicas e mais tarde fazer pedidos, emitir opiniões, interagindo assim com o mundo que a rodeia. A fala é o vínculo comunicativo imposto a cada bebé que nasce, um meio privilegiado de comunicação em todas as sociedades, sendo através dela que a criança estabelece relações interpessoais ao longo da sua vida, de grande importância para a construção da sua identidade (Gaiolas, 2010). A linguagem molda a sua compreensão em relação ao mundo que a rodeia e ajuda-a a formar os seus próprios pensamentos, a expressar emoções, dá-lhe a satisfação interior de ser compreendida.

Segundo Brazelton e Sparrow (2003), a aprendizagem e aquisição da linguagem é uma aventura nova e estimulante para uma criança de três anos, pois descobre como esta influencia os outros e como pode suscitar reacções através do seu discurso. O poder das palavras constitui o reforço que incentiva a aprendizagem da linguagem e de facto as palavras dão à

criança um novo poder sobre si mesma e sobre o mundo que a rodeia e a criança vai tomando consciência do quanto as palavras são poderosas, não só para se expressar, como também para controlar o que se passa à sua volta. Quando a capacidade é limitada para utilizar o poder da linguagem, advém a frustração que poderá conduzir ao balbuciar, ao gaguejar e até mesmo a birras. A criança sabe o que quer dizer e o facto de não ser capaz de o exprimir torna a situação ainda mais difícil de suportar e nestas alturas muitas vezes os pais julgam que estão a proteger o filho da frustração, fornecendo-lhes palavras ou executando os seus desejos antes de ele os ter expresso, mas a frustração pode constituir um meio de motivar a criança a dominar esta situação por ela própria.

A família tem um papel fundamental na construção da personalidade da criança, no seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social e todo o ser humano tem necessidade de uma família, de se sentir amado, respeitado e protegido. Os laços afectivos familiares fortes, os limites e regras bem estabelecidas transmitem às crianças segurança e uma boa auto-estima.

Neste trabalho específico sobre a gaguez, iremos analisar a relação entre esta alteração da linguagem falada e a importância do meio familiar, nomeadamente das figuras parentais, como fonte de uma sociabilização mais ou menos positiva numa criança que sofra desta perturbação da linguagem.

Na revisão da literatura iremos abordar as várias perspectivas, como as psicológicas, biológicas e sócio-ambientais na tentativa de explicação da gaguez. Este capítulo é composto por três áreas temáticas, incidindo a primeira sobre a gaguez, a segunda sobre a representação da família e práticas parentais e por último na terceira foca-se a relação entre as crianças com gaguez e os seus pais, de forma a se fundamentar o estudo empírico desenvolvido e apresentado na segunda parte deste trabalho.

Pensamos ser importante perceber a forma como as crianças com gaguez percebem as suas figuras parentais, a sua relação e representações nesta área, pois tal como referem Pereira e Barbosa (2008), a criança com gaguez está “presa” a algo que a impede de ser livre e espontânea na comunicação e na inter-relação com os demais, o que pode levar a algum sofrimento. Todas as questões que possam ajudar na compreensão do modo como as crianças com gaguez representam a família, qual a sua importância, as funções que desempenha e a influência que estas relações poderão ter ao nível da linguagem, são de grande relevância, pois poderão sensibilizar familiares e todos aqueles que rodeiam estas crianças, para a importância das suas relações, no sentido de lhes proporcionar um desenvolvimento saudável a todos os níveis.

ABORDAGEM TEÓRICA

1. GAGUEZ

1.1. DEFINIÇÃO GERAL DO CONCEITO DE GAGUEZ

A gaguez é desde sempre considerada uma das patologias da linguagem mais enigmáticas e desafiantes, pois apesar de uma procura contínua das suas possíveis causas por parte dos investigadores e clínicos, ainda não foi encontrada uma hipótese definitiva e válida para a sua compreensão. A gaguez é um conceito para o qual existem diversas definições, embora contendo alguns pontos concordantes, como o facto de se considerar uma perturbação da fala com certas características. Seguidamente iremos então apresentar, algumas das definições de gaguez encontradas na literatura.

Segundo Dalton (1997), a gaguez é uma desordem de ritmo e fluência de diálogo. O orador é muitas vezes impedido de dizer aquilo que pretende, por uma repetição involuntária, um prolongamento ou cessação de som ou sílaba. Na forma mais severa da gaguez, o acto da fala pode ser acompanhado, por irregularidades respiratórias, expressões faciais carregadas e movimentos corporais.

Boone e Plante (1994), salientam na gaguez dificuldades associadas à repetição e prolongamento involuntários de sons e sílabas da fala que o indivíduo se esforça por eliminar.

Marcelli (2005), distingue a gaguez tónica caracterizada por um bloqueio e impossibilidade de emitir um som durante algum tempo e a gaguez clónica, marcada pela repetição involuntária, sacudida e explosiva de uma sílaba, sendo muitas vezes a da primeira frase.

Segundo Gaiolas (2010), a gaguez pode também ser classificada como ligeira, moderada (intermédia) e grave (avançada), verificando-se que, quanto mais frequentes e longas forem as interrupções no fluxo da fala, quanto menor controlo a pessoa tiver sobre a fala e quanto mais tensão existir no acto de falar, mais acentuada se considera a gaguez.

Van Riper (1997), afirma que a definição exacta de gaguez leva sempre a dificuldades, porque a única pessoa que sabe verdadeiramente o que é a gaguez, é o próprio gago; define a gaguez (Van Riper, 1971) como um distúrbio da prosódia, em que o ritmo da fala está alterado, com bloqueios, hesitações ou prolongamentos, podendo ocorrer movimentos corporais associados (torcer as mãos, balançar a cabeça, entre outros). Segundo este autor a gaguez pode ser intermitente, apresentando diversos estágios de evolução, do leve ao severo,

verificando-se que os seus sintomas mostram diversos níveis de tensão (de baixa tensão a um esforço evidente); na sua perspectiva os quadros associados variam muito de indivíduo para indivíduo e podem influenciar no agravamento dos sintomas, dependendo este nomeadamente de estados emocionais, da consciência sobre o problema, pressão, stress de comunicação, bem como de factores ambientais, entre outros.

No “Terminology of Communication Disorders” (1996, citado por Germano, 2002), a gaguez é referida como uma perturbação na fluência normal, em que as suas características básicas incluem um ou mais dos seguintes aspectos que se seguem: a) bloqueio audível ou silencioso; b) repetição de sons e sílabas; c) prolongamento de sons; d) interjeições; e) quebra de palavras; f) circunlóquios; g) palavras produzidas com excesso de tensão.

Jakubovicz (1997), definiu a gaguez usando fenómenos observáveis e não observáveis; como fenómenos observáveis a autora referiu a repetição ao nível do fonema, da sílaba, alongamento de sons, bloqueios na fonação, posições articulatorias fixas, pausas silenciosas, frases incompletas, inserção de sons estranhos à fala, mudanças súbitas na tonalidade e na intensidade da voz, falha no ritmo, falta de sincronização entre a respiração e a fonação, distorções faciais e corporais, introdução sistemática de pequenas frases ou interjeições e esforço motor durante a fala. Como fenómenos emocionais não observáveis, a autora referiu o conflito entre falar e não falar, medo das palavras, sentimento de frustração e vergonha, falta de confiança na sua habilidade para falar, ansiedade em situações onde se tem que falar, embaraço, autodefesa, tensão, irritação e confusão, dúvidas e ambiguidades.

Friedman (2004), descreve também a gaguez como: repetições, hesitações, bloqueios e tremores, visíveis na actividade da fala, acompanhada ou não de secundarismos verbais, isto é, de sons, sílabas, ou palavras desnecessárias, que se somam à mensagem veiculada e movimentos de outras partes do corpo, associados à actividade verbal, estranhos à actividade de fala convencional.

Segundo Gaiolas (2010) e a «Classificação Internacional de Doenças – CID» a gaguez é considerada cientificamente como um distúrbio de fluência verbal (da fala), sendo a fluência de modo muito generalista, equiparada à fluidez da fala, isto é, à ausência de interrupções demoradas no fluxo normal da fala. Contudo, do ponto de vista desta autora, a nível terapêutico, é importante dar à gaguez uma dimensão mais alargada, devendo esta ser encarada como uma patologia da comunicação verbal oral (verbal, por se utilizarem palavras, e oral, por implicar a produção de fala). Nesta perspectiva deparamo-nos não só com aspectos intrínsecos à gaguez, como também relacionados com a própria pessoa que gagueja (aspectos

psicológicos, linguísticos, afetivos e motores) e aos seus interlocutores (personalidade, maneira como reagem ao discurso da pessoa que gagueja). Para Salvaterra (2000), a gaguez é descrita como uma perturbação do processo complexo de comunicação, ou seja, da interação dinâmica entre o indivíduo que fala e o que ouve; é assim encarada como uma perturbação no processo de desenvolvimento da linguagem, ligada a atitudes desadequadas do meio, que desenvolvem nas crianças sentimentos de incompetência e inabilidade para falar, levando a uma baixa auto-estima e a um auto-conceito de desvalorização. Desta forma, a abordagem terapêutica a ser feita pelos técnicos, deve não só ser destinada à pessoa com gaguez, mas também ao seu contexto educativo e familiar, ou seja, às pessoas que interagem com o sujeito no seu dia-a-dia, no caso da criança à sua família em particular.

1.2. INCIDÊNCIA E PREVALÊNCIA DA GAGUEZ

Segundo Rustin, Botterill e Kelman (1996), a maior parte dos casos de gaguez começam durante a infância, normalmente depois dos dezoito meses e antes dos doze anos, verificando-se que o seu período crítico é entre os dois e os cinco anos, altura de grande desenvolvimento a nível psíquico, linguístico, neurológico e cognitivo. Kloth, Kraaimaat, Janssen e Brutten (1999, citado por Packman & Attanasio, 2004), salientam também o período entre os dois e os cinco anos, como o mais provável para a incidência da gaguez. Por outro lado, Yairi e Ambrose (1992, citado por Rustin et al. 1996), referem uma clara tendência para que a gaguez ocorra por volta dos três anos de idade e que esta se manifeste mais cedo nas raparigas do que nos rapazes, talvez pelo facto das raparigas evidenciarem um desenvolvimento mais precoce ao nível da maturação do sistema nervoso central, existindo também uma estreita relação entre o começo da gaguez e o desenvolvimento do diálogo e capacidades linguísticas. Segundo Yairi e Lewis (1984, citado por Packman, & Attanasio, 2004), vários estudos apontam para que o início da gaguez se dê entre os vinte e quatro e os quarenta e dois meses e que a média da idade para os rapazes é de trinta e quatro meses e para as raparigas de trinta e um meses; estes autores referem que o maior risco para a incidência da gaguez em crianças, é a partir dos três anos de idade, constatando-se que aumenta em 75% aos três anos e meio, na idade pré-escolar. Embora na opinião generalizada dos diversos autores, a gaguez se revele em crianças com idades compreendidas abaixo dos cinco anos, esta pode surgir mais tarde, embora não se encontrem justificações para tal suceder.

Homzie e Lindsay (1984) e Marcelli (2005), referem que a gaguez é uma perturbação no domínio das interações orais que se manifesta habitualmente dos três aos cinco anos e afecta cerca de 1% da população mundial, mencionando também que existe maior incidência de gaguez no sexo masculino relativamente ao feminino (proporção de uma rapariga em cada três ou quatro rapazes). Homzie e Lindsay (1984) referem ainda outros aspectos, nomeadamente a percentagem de pessoas que apresentam gaguez temporária ser de 4 a 5%, a idade de início ser dos dezoito meses aos dois anos e de 95% das pessoas gagas apresentarem problemas de comunicação até aos sete anos, verificando-se que quatro em cada cinco dos casos recuperam na puberdade. Estes autores salientam também uma forte evidência de que há uma predisposição hereditária para a gaguez devido à grande proporção de casos com antecedentes familiares com esta perturbação.

Segundo o DSM-IV-TR (1995), em 98% dos casos, o início da gaguez surge antes dos dez anos de idade, ocorrendo em cerca de 5% das crianças; contudo, com o aumento da idade, a percentagem de novos casos diminui bastante.

Segundo Salvaterra (2000), verifica-se que a gaguez surge mais frequentemente entre os dois e os três anos, sendo esta uma fase em que o desenvolvimento da linguagem se dá mais rapidamente, isto porque, o vocabulário da criança cresce cerca de cinquenta para duzentas e cinquenta palavras e a construção frásica aumenta e torna-se mais complexa. Nesta fase a criança está a aprender a controlar os mecanismos da fala, a adaptar e a tentar adequar o seu discurso aos padrões e ritmos dos seus pais, que são as pessoas do seu meio com quem a criança mais deseja comunicar. Assim, com o aumento da complexidade da linguagem, a sua fluência pode diminuir e a criança pode começar a ter algumas hesitações e repetições no seu discurso. Salvaterra (2000), considera um período de disfluência normal e alguns estudos fizeram notar a existência de determinados períodos de disfluência, na generalidade das crianças (com ou sem gaguez), quando o desenvolvimento da linguagem é mais rápido e intenso.

Segundo Gaiolas (2010), a criança inicialmente aprende os conceitos e absorve tudo o que está à sua volta e só depois é que consegue expressar esses novos conhecimentos; assim, é possível para a criança perceber o que lhe estão a dizer, mas poderá ainda não conseguir usar o novo vocabulário que aprendeu no seu discurso, pois terá que aprender a integrar os novos conhecimentos com os que já possuía. Será então normal que a criança não consiga falar logo de forma fluente e que a sua fala apresente disfluências normais (hesitações, repetições e pausas, entre outras coisas), também consideradas como gaguez fisiológica ou de

desenvolvimento; será ainda de referir, que a forma como se lida com as disfluências normais dos dois ou três aos cinco anos é essencial, pois irá influenciar a maneira de falar da criança e a forma como a criança se vê enquanto falante.

Van Riper (1971) e Yairi (1983, 1992, citado por Rustin et al., 1996), concluíram que na maior parte dos casos o início da gaguez é bem definido e relativamente breve. Yairi constatou também que a gaguez severa tem uma forte tendência para estar relacionada com um aparecimento súbito. Estes autores afirmam que após o primeiro ano do aparecimento da gaguez é notável a sua redução, verificando-se que, quanto mais precoce for o diagnóstico dos sintomas, mais eficaz será a sua intervenção. Em suma, a prevalência da gaguez não é de fácil: pensa-se que 5% de todas as crianças irão experimentar um período de gaguez, que poderá ter a duração de três meses ou mais, manifestando-se três vezes mais no género masculino, do que no feminino e que quatro em cada cinco crianças recuperarão após os dezasseis anos. Alguns autores como Andrews, (1987 citado por Dalton, 1997) e Yairi, Ambrose e Cox (1996, citado por Packman & Attanasio, 2004), defendem também que nalguns casos, pode surgir uma tardia disfunção da fala após alguns anos de diálogo normal e fluente e esta ocorrer associada a um acontecimento marcante. Yairi e Ambrose (1992, citado por Lees, 1999), mencionam também que é mais provável a recuperação da gaguez no género feminino, do que no masculino.

1.3. ETIOLOGIA DA GAGUEZ

Segundo Van Riper (citado por Meira, 2003), um dos autores mais respeitados do meio e que dedicou toda a sua vida ao estudo da gaguez, apesar das muitas hipóteses que são colocadas sobre este fenómeno, nenhuma das teorias explica a sua causa, desconhecendo-se a sua origem; este autor defende a **multicausalidade da gaguez**, não apresentando propriamente uma teoria, mas a seguinte equação:

$$G = \frac{(PFACH) + (mSmP) + sC}{M + FI}$$

Como desencadeante da gaguez considera-se, no numerador: punição, frustração, ansiedade, culpa, hostilidade mais medo de situação, medo da palavra, mais o stress da comunicação; no denominador: a moral ou força do ego ou autoconfiança mais fluência.

Segundo Gaiolas (2010), embora não se tenha chegado a nenhum consenso relativamente à causa da gaguez, as pesquisas realizadas nas diferentes áreas da ciência

sugerem algumas teorias explicativas das possíveis causas, na área da neurologia, genética, psicologia e sócio-ambiental. Para Friedman (2004), as teorias orgânicas contemplam como causa problemas neurológicos, nomeadamente: afasias, lesões cerebrais, dominância cerebral, descoordenação motora, bem como factores hereditários, congénitos, metabólicos e outros.

Na área da Neurologia as pesquisas realizadas, segundo Gaiolas (2010) parecem indicar que existe uma maior actividade do hemisfério direito no processamento da fala das pessoas com gaguez, em comparação com as pessoas fluentes, cujo hemisfério esquerdo é o mais activo. Tem sido também estudada a possível existência de algum tipo de distúrbio temporal entre as áreas de preparação e de execução da linguagem no hemisfério esquerdo das pessoas com gaguez.

Segundo Gaiolas (2010), as pesquisas na área da genética apontam para a existência de uma predisposição genética/hereditária para o desenvolvimento desta patologia, observando-se que sensivelmente cerca de 40% a 50% dos casos diagnosticados com gaguez, têm familiares com esta patologia comunicativa; no entanto estes estudos ainda não são conclusivos.

Drayna (1997, citado por Packman, & Attanasio, 2004), refere estudos que apontam para uma maior incidência em gémeos monozigóticos, comparativamente aos dizigóticos e Andrade (1997), destaca os seguintes pontos de suporte à importância da hereditariedade na gaguez: predominância no sexo masculino; predominância nos filhos mais velhos e mais novos e se houverem antecedentes na família nuclear (pais, irmãos) a probabilidade é maior, se se verificarem na família alargada (tios, primos, avós) ou em parentes distantes, a probabilidade é menor, mas ainda assim bastante significativa e no caso de um irmão gémeo, a probabilidade é muito elevada.

Para Marcelli (2005), à gaguez estão associados factores como os hereditários (em cerca de 30% dos casos), a deslateralidade (esquerdinos, lateralização não homogénea), que está longe de ser observada em todos os casos da mesma forma, uma vez que, nem todas as pessoas com gaguez são esquerdinas, observando-se também a existência de um atraso da linguagem (frequente em cerca de 50% das pessoas gagas).

Têm sido feitas investigações, não apenas no sentido de se perceber até que ponto a predisposição genética por si só determinará o desenvolvimento de uma gaguez crónica, como também se existem factores externos que influenciam a instalação da gaguez a partir dessa predisposição genética. Segundo Pereira e Barbosa (2008), embora se possa incluir a hereditariedade como uma das possíveis causas da gaguez, pois é vulgar esta perturbação

surgir em pessoas em cujas famílias existem casos de gaguez, como, avós, pais ou irmãos, por outro lado pode também manifestar-se em indivíduos que na fase da aquisição da linguagem são sujeitos ao convívio com pessoas gagas, evidenciando-se assim a importância do meio na origem desta perturbação da linguagem.

Segundo Friedländer (1974), a influência da hereditariedade como possível causa da gaguez, não foi ainda unanimemente resolvida pelos especialistas, pois aparentemente, só uma certa fraqueza dos centros motores da fala ou dos músculos necessários à fala é hereditária, sem que a gaguez daí resulte obrigatoriamente. O facto de haver alguém na família com este tipo de problema pode levar a que os pais estejam mais atentos à fala da criança de forma a ajudá-la. Contudo, este medo da hereditariedade por parte dos pais pode também causar o efeito oposto, originando na criança o medo de falar e a convicção de que não é capaz de o fazer; no entanto se os pais transmitirem segurança e confiança à criança, a gaguez poderá não se desenvolver.

Caldas (2000), sugere que para analisar a gaguez do ponto de vista biológico devemos considerar que temos três grupos de indivíduos que podem constituir objecto de estudo. O primeiro grupo consiste em crianças que manifestam uma gaguez transitória, num período específico do desenvolvimento, uma vez que pelos dois, três anos de idade, em algumas crianças verifica-se este tipo de gaguez; esta perturbação gera na maioria das vezes uma grande ansiedade nos pais, apesar de desaparecer com o tempo. O segundo grupo consiste em indivíduos que apresentam gaguez para o resto da vida, registando-se este fenómeno em determinada altura e posteriormente torna-se definitivo; nestes casos coloca-se como hipótese algum acontecimento específico, traumático na vida da pessoa com gaguez (como um susto ou qualquer outro acontecimento), embora não haja dados estatísticos que a confirmem. Por último, o terceiro grupo, é constituído pelos indivíduos em que a gaguez é resultado de uma lesão cerebral, como é o caso de adultos que não tendo qualquer sintoma de gaguez, após uma lesão, normalmente vascular, ficam com um discurso semelhante ao discurso dos gagos, denominando-se “gaguez adquirida na idade adulta”. Este grupo, segundo o autor, permite fundamentar a hipótese de existir uma correlação entre uma disfunção de origem ou de natureza psicológica e disfunção orgânica real resultante da lesão do cérebro.

Embora se acredite que a ansiedade e os distúrbios emocionais/psicológicos são consequência da gaguez e não a sua causa propriamente dita, defende-se que a gaguez poderá ter uma origem em factores psicológicos, que se tornam crónicos através do comportamento aprendido, pois a pessoa inconscientemente associa o acto de falar a um aumento exacerbado

da tensão muscular e como consequência gagueja (Gaiolas, 2010). Para Dalton (1997), apesar da origem estar raramente associada a factores emocionais, não há dúvida que enquanto esta disfluência continuar, os factores psicológicos terão sempre um papel importante na continuação desta patologia, podendo ter efeitos negativos graves na imagem que a criança tem de si. Assim, as atitudes tidas por parte dos outros, como a impaciência e o aumento da ansiedade em situações de comunicação, poderão levar à perda de confiança e sentimentos de incapacidade e ao evitamento de situações que impliquem a comunicação e relação com o outro, restringindo a vida da pessoa com gaguez.

Para Marcelli (2005), a gaguez acentua-se quando a relação é susceptível de desencadear emoção (pai, escola, estranho, entre outros) e atenua-se ou desaparece quando as emoções estão mais facilmente controladas.

Segundo Pereira e Barbosa (2008) e Marcelli (2005), as investigações evidenciam que aproximadamente 80% das pessoas com gaguez recuperam espontaneamente antes dos dezassete anos de idade, no entanto, os restantes 20% pela sua persistência e entraves relacionais, podem receber um acompanhamento psicológico se o necessitarem, a fim de conhecerem alguns métodos de controlo da gaguez ou para trabalharem algum aspecto emocional que esteja associado a esta perturbação (baixa auto-estima, dificuldades de sociabilização, perturbações comportamentais, entre outras). Quanto mais precoce for a abordagem terapêutica, de preferência entre os cinco e os sete anos, mais rápidos e melhores serão os resultados; após os dez anos e na adolescência, os tratamentos e os resultados tornam-se mais difíceis de atingir. Segundo Friedman (2004), as teorias psicológicas, sustentam que a gaguez é sintoma de traumas, conflitos afectivos, necessidades sexuais inconscientes não resolvidas (fixação oral ou anal) ou agressividade reprimida, entre outros.

No que respeita às pesquisas a nível sócio-ambiental, para Gaiolas (2010) o ambiente por si só não é considerado como causa da gaguez, mas antes como um factor externo que pode influenciar a sua instalação e agravamento. Para Friedman (2004), as teorias sociais, vêem as causas da gaguez na relação do indivíduo com os outros, isto é, como um hábito adquirido em consequência do reforço negativo do meio sobre a fala, por julgamentos inadequados de pessoas significativas sobre as hesitações normais da fala da criança e pela influência da cultura em sociedades competitivas que ao conferirem valor extremo ao prestígio social, atribuem um valor à competência da fala.

A articulação entre o psicológico, o social, e o orgânico, revela-se num quadro coerente para explicar os comportamentos (hesitações, bloqueios, repetições e evitamentos) como característicos do quadro de gaguez.

Segundo Gaiolas (2010), de uma forma geral, devemos começar a preocupar-nos se as disfluências durarem mais de doze a catorze meses consecutivos e se constituírem cerca de 10% da fala da criança. Assim, os factores de risco que terão maior influência na instalação da gaguez são: ser do sexo masculino; persistência das disfluências por mais de dezoito/vinte meses; existência de parentes na família com gaguez ou outro tipo de problema na fala; reacção da criança à própria fala e a sua personalidade (tímida, perfeccionista, ansiosa, ambiciosa, hipersensível, entre outros); reacção da família e da escola à fala da criança (grau de exigência imposto pela família e pela escola) e apresentação de outros problemas linguísticos ou de algum atraso de desenvolvimento global da criança. Em suma, conclui-se que não existe nada em concreto como causa específica da gaguez, defendendo-se sim, que possivelmente a sua causa se deva a uma combinação de algumas destas teorias aqui descritas, acreditando-se que a gaguez tenha diversas causas e que varia de pessoa para pessoa, daí a complexidade em descobrir a sua origem e prevalência.

1.4. COMPORTAMENTOS E ATITUDES RELACIONADOS COM A GAGUEZ

A gaguez pode constituir um problema que condiciona e limita a vida relacional do sujeito gago, visto que as dificuldades de comunicação podem minorar as possibilidades de acesso e progressão em múltiplas profissões, sendo também a pessoa gaga muitas vezes excluída do convívio social.

Segundo Gaiolas (2010), com a frequente ocorrência de disfluências, a criança começa a detectar as reacções das pessoas à sua fala, muitas vezes de impaciência, ansiedade ou preocupação e que por vezes resultam em comentários desagradáveis. Apercebe-se assim, e interioriza que já não é capaz de controlar a sua fala, um meio crucial para a sua relação com os outros, verificando que quando quer falar, algo involuntário a retém no início ou a meio da frase, não lhe possibilitando passar a mensagem como gostaria. Ao tentar procurar novamente a forma com que falava até então, intensifica a força nos músculos destinados à produção da fala e complementares, o que dá origem a expressões faciais tensas e exageradas, a movimentos involuntários como piscar os olhos ou tremer os lábios, entre outros. O medo de

falar e ficar retido numa palavra instala-se e a criança começa a condicionar a sua vida, aventurando-se apenas em situações que considera de fala segura.

Marcelli (2005), refere também que a gaguez é muitas vezes acompanhada por diversos movimentos motores, como expressões faciais, tiques ou vários gestos mais ou menos estereotipados do rosto, mãos, membros inferiores, assim como de manifestações emotivas (rubor, mal-estar, suor das mãos) que podem surgir em simultâneo.

Para Caldas (2000) e Friedländer (1974), as pessoas que gaguejam recorrem muitas vezes também a estratégias de salvaguarda para ultrapassarem situações de gaguez, como o falar pausadamente, a procura de um sinónimo da palavra em causa para não a pronunciarem, ou então debatem-se com a dificuldade de usarem verbalmente a palavra que à partida sabem ser difícil de pronunciar. Estes autores referem ainda, que por vezes se verifica um fraco contacto ocular com o ouvinte, a pessoa gaga pode por exemplo, fingir que está a fazer pausas para pensar, quando na realidade está bloqueada. Segundo Pereira e Barbosa (2008), muitas pessoas gagas apresentam também percepções e sentimentos negativos relacionados com eles próprios e com a gaguez, nomeadamente a frustração, culpa, vergonha, baixa auto-estima e sentimento de inutilidade, com os quais têm de se debater diariamente.

Friedländer (1974), salienta contudo, que existem algumas pessoas com gaguez que tentam libertar-se do complexo de inferioridade e fazer-se notar de alguma maneira. Esta auto-valorização e imagem segura que querem dar de si, nem sempre corresponde ao real e mesmo que acabem por conseguir enganar-se a si próprios ou aos outros quanto às suas dificuldades, não se libertam da opressão que lhes pesa no espírito e da insegurança interna. Gaiolas (2010), evidencia a influência dos factores psicológicos na gaguez que ocorrem num ciclo, ou seja, o aumento de situações difíceis e constrangedoras irá determinar o aumento de sentimentos negativos, medos e evitamento de situações sociais. Este ciclo irá também depender da personalidade da pessoa que gagueja e da forma como lida com a gaguez, pois o medo e a forma como se deixa afectar por estes sentimentos negativos dita influência na sua qualidade de vida. Assim, a gaguez afecta a pessoa e toma a dimensão que esta lhe dá, existindo pessoas com uma gaguez acentuada que a assumem e vivem normalmente, fazendo a gaguez parte das suas vidas, mas não o centro das mesmas e pessoas com uma gaguez ligeira que lhe dão demasiada importância, o que condiciona negativamente as suas vidas.

Segundo Salvaterra (2000), os pais têm um papel determinante na fase em que a criança começa a demonstrar algumas hesitações no seu discurso, pois uma atitude incorrecta por parte dos pais, que são as pessoas mais significativas na vida da criança, face à sua linguagem,

ou seja face às suas tentativas de comunicação, pode ser determinante para o desenvolvimento linguístico posterior. As atitudes incorrectas face a hesitações e/ou repetições da criança passam nomeadamente por um meio demasiado exigente, pressionando a criança a falar para além das suas capacidades e do seu desenvolvimento, por um baixo nível de tolerância, impaciência e irritação, ou ainda chamar a criança à atenção e rotular as suas dificuldades como gaguez. Estas atitudes inadequadas por parte dos pais, que são as figuras com quem a criança mais deseja comunicar, poderão levá-la a tomar consciência das suas dificuldades quanto à sua linguagem e ao esforçar-se e procurar desesperadamente falar sem repetições e/ou hesitações (evitar a disfluência) de forma a agradar e a corresponder positivamente às expectativas criadas pelos pais, como por outros adultos significativos para a criança, pode desencadear ainda mais períodos de disfluência, instalando-se a gaguez propriamente dita.

Quando se fala da influência que os contextos sócios emocionais podem ter no desenvolvimento da criança, nomeadamente no desenvolvimento linguístico, as atitudes e crenças por parte dos pais são um factor importante, que influenciam as suas práticas educativas. A criança começa também a desenvolver as suas próprias crenças sobre a linguagem e sobre o acto de falar, de acordo com a experiência que vai adquirindo e pela qualidade da interacção com os pais e as respostas que deles obtém, uma vez que estas têm uma grande importância para a formação dessas crenças. A ideia de que falar é difícil e desagradável, que o facto de gaguejarem ou hesitarem em qualquer palavra é uma vergonha, são algumas das crenças e atitudes associados à gaguez que as levam a ter medo de alguns fonemas e situações específicas e consideram que a pessoa com quem comunicam fica impaciente e que se diverte com as suas dificuldades.

Segundo Salvaterra (2000), para um sucesso terapêutico é necessário uma abordagem a nível do contexto sócio-familiar, visando a melhoria da interacção pais-criança, de forma a proporcionar um ambiente mais favorável à comunicação; neste contexto, torna-se necessário alterar a percepção negativa que os pais têm da criança e da sua gaguez, bem como melhorar e modificar o tipo de resposta que dão face à comunicação verbal do filho e alertá-los e consciencializá-los para as atitudes adequadas a terem face às dificuldades da criança. O objectivo desta intervenção será levá-los a minorar o sofrimento da criança, demonstrando compreensão, modificando o auto-conceito e auto-estima da criança que gagueja, para que esta se sinta segura de si, pois desta forma a sua gaguez pode desaparecer ou tornar-se mais ligeira. Segundo Shapiro (1999, citado por Ratner, 2004), para haver uma potencial fluência, o modelo de diálogo a que a criança deverá ser exposta, terá de ser simplificado, suavizado e

atenuado. Friedländer (1974), refere ser crucial que os pais recorram a especialistas conscienciosos do problema, uma vez que a gaguez está estreitamente ligada à vida afectiva da criança e só pode ser influenciada por alguém que faça parte dela. Neste contexto, será necessário ajudar os pais a criarem estratégias e formas de auxiliarem a criança a lidar com as dificuldades sem a sufocarem com a sua inquietação, nomeadamente nunca a apelidando de gaga, mas demonstrando-lhe que gostam dela e de falar com ela; devem falar-lhe sempre de forma calma, utilizar uma linguagem simples, escutá-la atentamente sem a interromper e alertar os restantes familiares para tal, evitando expor a criança a situações emotivas que a assustem ou desorientem, preparar a criança para tudo o que a possa agitar e destabilizar, nomeadamente estar fora da sua zona de conforto, utilizar rotinas no seu dia-a-dia e por último, ajudar a criança a enriquecer o seu vocabulário e a aumentar a confiança em si própria.

2. A FAMÍLIA E A SUA INFLUÊNCIA NA CRIANÇA

*“Crescer é ser-se como um rio em que os pais serão as margens;
Se elas se tornarem apertadas, transbordará;
Se não as tiver pode crescer em todas as direcções e sendo assim,
ser tudo é ser coisa nenhuma”*

Sá (1993, citado por Sá, Sottomayor, Rosinha e Cunha, 1996, p.13)

Neste capítulo pretendemos fazer uma reflexão sobre o conceito de família, a função maternal e paternal, bem como a sua importância na representação que a criança faz da sua família.

2.1. CONCEITO E REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA

Desde o seu nascimento, a criança não é só condicionada pela sua herança biológica, como pelas relações que vai estabelecendo com as pessoas que a rodeiam e com quem convive. Sullerot (1997) e Almeida (1987), salientam que a família constitui a primeira cédula social para as crianças, adquirida ao nascer e que vai modelar o seu futuro, pois proporciona e transmite valores culturais e tradicionais, incutindo-lhes assim padrões de referência; através

da relação com as figuras parentais e da experiência no seio familiar a criança forma as suas próprias concepções e conceitos.

A família é o primeiro contexto de vida para a criança, um centro de formação de indivíduos e não apenas um agente reprodutor de novas gerações, tendo por isso, um papel fulcral no desenvolvimento sócio-afectivo da criança. Para Antunes (1998), a família é a primeira e a maior influência no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, processando-se este através de interacções dinâmicas e contínuas, que requerem estabilidade.

Segundo Osório (2002), nos dias de hoje, o conceito de família apresenta-se cada vez mais diversificado, dadas as suas mudanças no último século, tanto no que diz respeito aos membros que a compõem como quanto ao seu funcionamento; contudo a representação que nos é comum e que preservamos é a de uma família constituída por um casal, com os seus filhos, desempenhando os papéis que lhe são socialmente destinados, isto é, uma família nuclear e tradicional. Para Sullerot (1997), a família é um fenómeno da natureza e da cultura, que confere à criança a sua identidade genética, absolutamente única, singular e insubstituível; no seu seio criam-se laços evidentes que persistem para toda a vida entre mãe/filho(a) e pai/filho(a) e respectivos irmãos. Na mesma perspectiva, Carvalho (2008), refere que a família é uma fonte de riqueza, uma comunidade em que as relações são profundas e espontâneas, onde os membros estão ligados por laços de amor, expressões recíprocas de afectos, protecção, sentimentos de entreaajuda, de apoio, gratidão e respeito. Para Colette Codaccioni (citado por Sullerot, 1997, p. 280), a família é um lugar de transmissão dos valores humanos, permitindo o desenvolvimento: *“ela representa para cada indivíduo o símbolo da felicidade quotidiana, o primeiro lugar onde fazemos a descoberta de nós próprios, seres humanos, somos feitos para amar e ser amados [...] a família é a primeira fonte de riqueza económica”*.

Atendendo à importância da família na construção da identidade, na formação e desenvolvimento psíquico e afectivo da criança, o conceito de representação de família tem sido objecto de pesquisa em vários campos de investigação, na área das ciências sociais e humanas.

Segundo Santiago (1997, citado por Guerreiro, 2007), a representação da família expressa relações entre a criança e os familiares, as informações que dela possuem, imagens e significados, ou seja, representações previamente construídas que se associam a atitudes em relação aos diversos fenómenos que nela ocorrem. Uma das fontes de informação mais importantes sobre a família é criada pela qualidade de vivências de determinadas

experiências. As representações que se constroem da família são um conjunto de conceitos originados no dia-a-dia, durante as comunicações interpessoais, ou seja, cada ser humano representa mental e emocionalmente o conceito/concepção de família através do seu ponto de vista e da sua experiência pessoal.

Para Abric (1994, citado por Guerreiro, 2007), existem quatro grandes tipos de representações que interferem na situação de interacção, sendo elas, (1) *representação do eu*, podendo considerar-se o Eu privado, ou seja, o que pensamos ser, a imagem que fazemos de nós próprios e o Eu público, a imagem que pretendemos transmitir aos outros, seja de forma consciente ou inconsciente; (2) *representação do Outro*, o nosso comportamento em relação ao outro, depende da imagem que temos dele; (3) *representação da Tarefa* podendo ser influenciada pela natureza e objectivos da tarefa, uma vez que, uma mesma tarefa pode ser apresentada com objectivos diferentes e (4) *representação do Contexto*, a organização do espaço e o contexto influenciam a representação de uma determinada situação e também os comportamentos. Segundo o autor, várias pessoas podem ter uma mesma representação, compartilhando do mesmo núcleo central, mas a concretização ser diferente. Para Woodward (2000), cada representação da família, é somente uma versão entre muitas outras que poderiam ser concretizadas, pois através dela os significados são produzidos e damos sentido à nossa experiência, ao que somos, e ao que podemos vir a ser.

Através das representações procuramos perceber que processos as crianças utilizam quando constroem a sua representação de família, combinando a sua história pessoal e as suas relações interindividuais e intergrupais (Abric, 1996, citado por Guerreiro, 2007). Neste trabalho, pretendemos abordar a representação da família, relacionando-a com a problemática da gaguez, tentando mais especificamente compreender de que forma as relações parentais podem influenciar as representações que as crianças com gaguez têm das figuras parentais e enquanto falantes.

2.2. FUNÇÕES PARENTAIS

Cada criança tem um pai e uma mãe, usualmente presentes desde o seu nascimento no seu mundo objectal, com quem se vai relacionando de diferentes formas. Nos primeiros tempos de vida da criança, a figura materna é sem dúvida a mais importante e privilegiada, assegurando os cuidados do bebé, proporcionando-lhe bem-estar e a satisfação das suas necessidades. Esta relação precoce entre mãe/filho é um aspecto fundamental no

desenvolvimento infantil. No que diz respeito à figura paterna, até há pouco tempo, existia uma propensão para excluir o pai, salientando-se mais recentemente a importância do seu papel no desenvolvimento da criança (Almeida, 1994).

2.1.1. PAPEL DA FUNÇÃO MATERNA

Segundo João dos Santos (citado por, Almeida, 1994), um crescimento equilibrado e saudável para a criança, estipula-se na qualidade da relação entre mãe/filho(a), incentivando-se à segurança e à verdadeira autonomia da idade adulta. Para o autor, mesmo que o registo destas vivências não seja verbal, há muitas coisas que dizemos, sentimos e vivemos, que definem a nossa forma de ser, que resultam dessa fase essencial onde se estabelece um contacto muito próximo com a figura materna. Quando se fala de função maternal, a ideia que usualmente ocorre é esta imagem de continente materno que permanece para toda a vida. Assim, torna-se perceptível que a função materna tenha como principal e último objectivo, criar bases sólidas para um funcionamento psíquico equilibrado, havendo portanto, uma relação precoce securizante, não sufocante, de verdadeiro apego e amor, que tornará possível um desenvolvimento emocional, afectivo e físico harmonioso, pois esta securização que inicialmente vem de fora, por parte desta figura de referência, começa a ser interiorizada, transformando-se posteriormente em auto-segurança e auto-estima e só assim a criança poderá crescer. Posteriormente, a mãe deverá gradualmente reconhecer que o seu filho já não necessita da sua intervenção e ajudá-lo-á a separar-se de si, caso contrário a criança poderá viver a sua experiência de independência adequada para a sua idade, como algo que está errado e sentir ressentimento e culpabilização.

Segundo Bion (1973), dada a importância da figura materna, espera-se que esta exerça uma função continente face à criança, dando-lhe colo, consolo, suporte, que a sacie e securize, transmitindo-lhe segurança, tranquilidade e concedendo-lhe as capacidades psíquicas para que a criança adquira a estabilidade e segurança que precisa.

Segundo Winnicott (1975), a presença da mãe é de extrema importância na vida do seu bebé, pois o seu contacto com o corpo da mãe é fundamental para o seu desenvolvimento emocional. O recém-nascido precisa de protecção para conseguir enfrentar o novo mundo e lidar com as novas sensações e emoções (agradáveis e desagradáveis), às quais não consegue dar significado sozinho.

Bowlby (1982), refere que factor algum tem efeitos mais profundos no desenvolvimento

da personalidade da criança, do que as experiências infantis no seio da família, começando nos primeiros meses e na relação com a mãe. A criança escolhe para sua figura principal de apego, a pessoa que lhe dá mais atenção e que lhe presta os cuidados necessários, sendo esta geralmente a figura materna. Em suma, a função materna tem como objectivo principal construir bases sólidas para um funcionamento psíquico equilibrado e uma boa relação precoce que permite um desenvolvimento emocional e afectivo harmonioso, pois a segurança transmitida de início é gradualmente interiorizada, transformando-se em auto-segurança e auto-estima. Assim, a influência de uma mãe nos primeiros anos de vida é muito importante para o crescimento e desenvolvimento da criança a todos os níveis.

2.1.2. PAPEL DA FUNÇÃO PATERNA

Ross (1979), na literatura psicanalítica, a figura paterna foi considerada durante muito tempo como acessória, vista mais como figura de autoridade moral e protectora, mas sem estar directamente envolvida no crescimento emocional dos filhos e nos cuidados a ter, dando portanto a ideia de uma relação pai/criança por vezes destrutiva e pouco afectuosa. Nos dias que correm defende-se que tal como a mãe, o pai tem um papel primordial no desenvolvimento da criança, pelo apoio emocional que dá à família e especialmente à mãe.

Segundo Winnicott (1987), na fase de unidade da díade mãe/criança, logo após o nascimento da criança, o pai tem um papel primordial no apoio e suporte à relação maternal, estabelecendo-se aqui portanto uma relação pai – mãe/criança. Nesta fase o papel da figura paterna é proteger esta unidade, mantendo-a em segurança em relação ao mundo exterior, de forma a que a mãe consiga estabelecer uma verdadeira relação de amor com o seu bebé, sendo que só posteriormente é que a relação pai/criança se irá autonomizar desta díade. Quando a criança é confrontada com o segundo objecto, segundo Bergeret (1976), a criança recebe por intermédio da figura materna um pai, constituindo-se um primeiro ensaio da representação parental. Esta transmissão deriva da própria referência paterna da mãe, assim como da sua relação com o pai da criança. Segundo Cath (1986, citado por Almeida, 1994), a forma como transmite e visualiza o papel do marido, como pai, é talvez um dos factores mais relevantes para a forma como a criança se irá relacionar com a figura paterna e com os outros homens e mulheres ao longo da sua vida. Neste processo, a mãe pode ter um papel determinante na mediação e constituição de atitudes positivas e negativas para com o pai e assim contribuir para um protótipo inconsciente de todas as representações posteriores e idealizações do pai. O

pai tem também como principal função ser o agente separador, que vem de fora e diferencia as duas figuras da díade mãe/criança, uma vez que a criança por sua vez precisa do pai para se conseguir desligar da mãe e a mãe da criança, pois é com as suas solicitações afectivas que vai permitir-lhe o afastamento necessário para que a relação não tenha um carácter simbiótico e patológico. A figura paterna além de ser o facilitador da triangulação, tem também um papel muito importante na formação da identidade sexual (especialmente nos rapazes oferecendo um modelo sólido de identificação masculina) e nas escolhas objectais, bem como um papel primordial na construção da personalidade da criança.

Será importante salientar assim, a complementaridade da função maternal e paternal, pois não só o pai e a mãe são influenciáveis no exercício das suas funções, como também enquanto casal afectam o desenvolvimento dos seus filhos. A criança começa por separá-los no início a fim de os compreender, para depois se identificar mais com uma das partes e se descobrir a si própria. Posteriormente, a criança volta a uni-los e a partir da necessidade em mantê-los juntos, forma um novo modelo: o de casal.

2.3. ESTILOS DE INTERACÇÃO ENTRE PAI E MÃE

Uma vez que parte do nosso estudo se baseia nas representações que as crianças com gaguez têm da figura materna e paterna, pareceu-nos importante incluir aqui um pequeno apontamento sobre os aspectos mais práticos e concretos relacionados com o papel do pai e da mãe e com o desempenho de cada um.

Segundo Lamb (1986), têm-se verificado algumas diferenças no decorrer dos tempos, mais em relação à actuação do pai do que da mãe. No que concerne à mãe, muito embora se tenha vindo a verificar uma grande mudança devido ao ingresso da mulher no mercado de trabalho, continua a ser ela quem assume predominantemente o papel de educadora, dado que é com a mãe que os filhos passam mais tempo e interagem mais; continua a ser a mãe quem assume maior responsabilidade em dar resposta às necessidades da criança e o pai na maioria dos casos assume um papel mais secundário. Para Lamb (1986), no que diz respeito ao papel paterno, tem-se vindo a observar uma mudança na conceptualização dos papéis paternais, uma vez que o pai era visto como o formador moral, como fonte de sustento económico, como modelo de tipificação sexual e actualmente, tem um papel mais envolvente, mais participativo nos cuidados diários e necessidades dos filhos.

Apesar da ideia de que há um novo modelo de papel paterno através da participação activa do pai na educação dos filhos, na verdade existem muitos pais com uma concepção muito diferente da sua função paterna. Assim, muitos conservam a ideia primordial que relaciona o papel paterno ao sustento da família e de forma indirecta, à educação e saúde afectiva dos filhos. Contudo, tem-se verificado que os pais começaram a passar mais tempo com os filhos, embora este continue muito inferior ao período de tempo que passam com a mãe; o estilo de interacção também difere, sendo a mãe mais associada aos cuidados diários e o pai a actividades lúdicas e de brincadeira (Lamb, 1986).

Parece-nos pertinente salientar, aqui não se o pai deve ou não manifestar uma atitude envolvente e participativa nos cuidados e educação dos filhos, mas sim qual a sua motivação nessa área e quais os pais que se envolvem ou não no cuidar dos seus filhos. Segundo Lamb (1986), muitos homens conservam a atitude de considerar que as tarefas de cuidar do filho se destinam à mãe e representam algo feminino, incompatível com sua masculinidade. Por outro lado, muitos homens embora motivados, referem que não possuem competências para desempenharem essas tarefas. Este autor refere ainda que no período neonatal, os pais são tão competentes como as mães e dado que esta competência se adquire no contacto diário com o bebé, como as mães estão mais presentes, adquirem maior sensibilidade, consciência das necessidades e características da criança. Por sua vez, os pais por estarem menos presentes no dia-a-dia do bebé, têm menos experiência e sentem-se menos confiantes das suas capacidades, concedendo estas responsabilidades à mãe, que na maior parte das vezes, face a um primeiro filho está tão insegura e assustada como o pai. No entanto, da mulher espera-se e exige-se sempre que saiba cuidar dos filhos não havendo hipótese para se retirar dessas funções. Além da possível motivação do pai, deve também ter-se em conta a motivação da mãe em querer que o pai se envolva, uma vez que muitas mulheres não o quer, por razões de poder na dinâmica familiar, pois o facto do pai ter uma atitude mais participativa nos cuidados diários dos filhos, pode vir a ameaçar o poder e autoridade que a mulher tem no papel de mãe e gestora da casa.

Segundo um estudo realizado por Amazonas, Lima, Siqueira e Arruda (2008), sobre a representação da família implícita em livros didácticos usados por crianças em escolas particulares no centro de Recife, verificou-se que os livros representam a família, sobretudo de acordo com o modelo tradicional. Os papéis de cada membro da família encontrados nos livros, atribuem à figura materna a responsabilidade pelas actividades domésticas e os cuidados com os filhos; aos homens fica o papel de prover o sustento e proteger a mulher e os

filhos, que por sua vez têm como tarefas primordiais, estudar, ajudar e obedecer aos pais. Aos avós, é delegada a tarefa de proporcionar lazer, nutrir uma relação de amizade com os seus netos, trocar experiências, dar conselhos e exercer autoridade, bem como constituírem figura de identificação. As atitudes relacionadas à família que mais se destacaram, foram a solidariedade, união, harmonia, companheirismo, amizade, respeito e o diálogo.

Estamos numa altura de rápidas mudanças, onde ser pai e ser mãe envolve um conjunto de papéis que recorrem a motivações e representações próprias e partilhadas, sendo ambas as funções paterna e materna importantes e por vezes, os pais podem sentir necessidade em trocarem de papéis um com o outro, pois diferentes estilos de ensino e de comunicação, estimulam diferentes aspectos nos filhos, tendo ambos os progenitores extrema importância no desenvolvimento da criança, não podendo nenhum ser considerado melhor que o outro (Almeida, 1994). Os progenitores exercem papéis e abordagens divergentes, complementando-se e aumentando a probabilidade de melhor prepararem as crianças para as exigências sociais e cognitivas da vida (Guerreiro, 2007).

3. INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES PARENTAIS NA REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA EM CRIANÇAS COM GAGUEZ

Neste capítulo iremos tentar relacionar a problemática da gaguez na criança e sua família, a influência das relações parentais nesta perturbação e mais especificamente as representações das figuras parentais na criança.

Segundo Krause (1982, citado por Souza, 2010), a gaguez é um distúrbio da infância que normalmente começa a desenvolver-se ao mesmo tempo em que a fala é adquirida, de forma que a origem do stress e demandas conflituosas estão centradas em torno da transmissão de valores e expectativas dos pais para as crianças. Para Gaiolas (2010), é normal que todos aqueles que vão ser pais criem expectativas em relação à criança que vai nascer e também é natural que seja difícil para os pais encarar um problema de fala desta natureza. Segundo Lemos, Barros e Amorim (2006), ter uma criança com deficiência ou dificuldades especiais, inclusive na linguagem, gera angústia familiar e pode desencadear conflitos que afectam a saúde da família e as possibilidades de desenvolvimento e aprendizagem da criança. Se tais dificuldades não forem tratadas, comprometem o futuro dessa criança do ponto de vista emocional, social, cognitivo e de aprendizagem.

Gaiolas (2010), refere que os maiores modelos das crianças na infância são os pais e os educadores e que as crianças copiam comportamentos, atitudes, maneiras de estar e também de falar. Durante a infância, o centro do universo da criança é o amor dos pais, pois necessita de se sentir amada em qualquer circunstância e sob quaisquer condições de fala. É por isso, importante que a criança sinta que o seu modo de falar é aceite pelos pais, independentemente do lugar em que se encontre (seja na sua casa, na rua, entre outros) e das pessoas com quem se relacione.

Segundo Krause (1982, citado por Souza, 2010), a gaguez é o resultado de experiências passadas com dificuldades de fala geradas pela expectativa dos outros significativos para com a criança, tendo em consideração valores assumidos numa dada sociedade e projectados sobre ela; as pessoas gagas têm tipicamente lembranças negativas em relação à sua fala na infância.

Para Souza (2010), quando uma criança tem uma gaguez acentuada e atinge um grande grau de ansiedade por não conseguir falar, é importante que esta receba carinho dos seus pais, que a peguem ao colo, segurem as mãos ou fiquem apenas junto da criança, de forma a distrair a sua atenção, pois o contacto físico com os pais nas horas de ansiedade ajuda-a a sentir-se mais confiante. Quanto mais próximos forem os pais, quanto mais conversarem com a criança, mais esta se sentirá necessária e auto-confiante, pois toda a manifestação de amor e carinho aumentará a auto-estima da criança e ajudará na sua recuperação.

Segundo Gaiolas (2010), a adolescência é uma fase de grandes mudanças, onde surgem novas inquietações, os pais passam para segundo plano e os amigos ganham um lugar primordial nesta idade. Um adolescente com uma idade compreendida entre os catorze e dezoito anos já aprendeu a lidar com a sua gaguez, arranjando mecanismos de defesa, que podem ir desde não se importar com a forma como fala, ao evitamento de situações em que possa gaguejar e até mesmo ao isolamento. Nesta idade, assim como em crianças dos três aos seis anos, o papel dos pais consiste em confortar o adolescente e fazê-lo sentir que pode sempre contar com eles, quando este os procura ou quer partilhar o que sente com eles.

A relação do sujeito com o outro, enquanto ser social, constitui uma base fundamental para o desenvolvimento da linguagem, o mesmo se verificando com a fala, onde a relação precoce mãe/criança adquire um lugar proeminente. Anzieu (1979), situando-se no ponto de vista psicanalítico, refere que a criança tem acesso à fala através de toda a dialéctica do desejo que dirige à mãe e do desejo em que a mãe o mantém. A autora prossegue, referindo que a linguagem resulta destes investimentos recíprocos entre um e outro, já que a criança começa por ser banhada pela voz da mãe, depois pelas outras vozes que a rodeiam; assim, dificuldades

nesta interacção traduzem-se na maior parte das alterações da linguagem na criança, tanto na sua forma oral como na escrita. Para a autora, as perturbações de aquisição da linguagem na criança estão em estreita ligação com a problemática afectiva. Para Ratner (2004), a figura paterna em geral, demonstra uma linguagem mais complexa e um vocabulário mais sofisticado, tendendo a corrigir a criança mais vezes do que a figura materna (por exemplo: a figura paterna refere-se aos nomes correctos dos animais selvagens/domesticados e a figura materna utiliza diminutivos, os “gatinhos e os leõezinhos”). A figura paterna, é vista como uma “ponte” entre a linguagem adulta e a linguagem infantil.

Segundo Law (2001, citado por Lemos et al. 2006), os pais das crianças com dificuldades de linguagem são menos compreensivos e mais críticos do que os pais de crianças com um desenvolvimento da linguagem normal, verificando-se que as mães destas crianças tendem a satisfazer as suas necessidades físicas, mas não se envolvem activamente com os filhos. O autor considera ser este um factor determinante na produção e manutenção das dificuldades.

Cooper e Cooper (1996, citado por Ratner, 2004), apontam os pais como um factor primordial no tratamento da gaguez, sendo que aproximadamente 92% dos terapeutas de fala, recomendam o aconselhamento parental, para ajudar/prevenir a gaguez pré-escolar. Muitos dos terapeutas afirmam que se sabe tão pouco sobre gaguez e seu tratamento, que não se pode apontar os pais como a causa da gaguez, mas a influência das suas atitudes e acções.

Segundo Lemos et al. (2006), crianças e pais estabelecem relações comunicacionais pautadas por reacções “nervosas” e insatisfatórias, ocorrendo falhas na capacidade de expressão dos filhos e na sua compreensão pelos pais. As explicações que os familiares dão para as dificuldades, demonstram sentimentos de culpa que podem tornar-se paralisantes e deixá-los impotentes para lidar com a situação; em muitos casos os pais, ao explicarem o que pensam ser as causas do problema do filho, evidenciam em muitos momentos sentimentos de culpa e noutros apoiam-se em justificações externas. Ratner (2004), menciona também que frequentemente, quando os pais procuram a ajuda de um terapeuta da fala, esse facto deve-se a já estarem cansados de ouvirem a criança a gaguejar e quererem simplesmente que esta pare. No entanto, a maioria dos pais estão realmente preocupados com as capacidades linguísticas dos filhos e interessados em resolver o problema da gaguez.

Para Souza (2010), na sequência desta problemática, há que realçar alguns factores psicológicos nesta perturbação; os problemas na fala demonstrados pela criança dependem dos seus sentimentos e percepção de si mesma como comunicador efectivo, assim como do

seu entendimento de como as pessoas reagem perante a sua gaguez. Geralmente, as crianças que gaguejam não o fazem quando cantam, falam em coro ou em voz baixa. Acredita-se que 5% das crianças com menos de cinco anos passaram em alguns estágios de desenvolvimento da linguagem pela fase da gaguez. Segundo Sheehan (1975), a gaguez não é um distúrbio da fala, mas um problema de identidade, um conflito que gira ao redor do “Eu” e de um papel. Geralmente, a pessoa gaga não tem dificuldades quando está só, o que é uma característica significativa do distúrbio, sendo que nesses momentos, pode falar livremente, já que não lhe está a ser exigido comunicar com outras pessoas e por isso mesmo o autor refere que a gaguez é um comportamento associado a um papel específico para o falante e para a sua relação com o ouvinte. Assim, como são necessários dois para dançar um tango, também são necessários dois para gaguejar, o falante e o ouvinte.

Segundo Friedländer (1974), o medo «de não poder falar» impressiona repentinamente a pessoa gaga; no que diz respeito às crianças, será necessário começar-se por perguntar como nasce o medo de falar, que tem tantas consequências prejudiciais para a sua vida. Neste âmbito, a autora descreve três situações que considera importantes de realçar. Numa primeira situação, demonstra-nos que o medo pode nascer numa família aparentemente feliz e preservada de acontecimentos agitados, com uma criança excessivamente protegida por uma família que não lhe dá qualquer autonomia, acrescentando-se ainda o facto do pai censurar a mãe por ter “estragado” a criança com tanta protecção e ridicularizar a fraqueza do filho, causando o desprezo do pai sofrimento à criança. Esta criança tenta modificar-se, mas como os pais não reconhecem os seus esforços, torna-se ainda mais ansiosa, não sendo assim de admirar que muitas vezes sinta um nó na garganta. A segunda situação consiste numa criança que sofre constantemente mudanças repentinas que podem gerar a incerteza e o medo e que a acrescentar a isto, existe ainda a particularidade desta criança ser canhota, hábito esse que os pais tentam corrigir o mais cedo possível. Segundo a autora, os especialistas nem sempre estão de acordo quanto à relação directa que poderá existir entre o uso da mão esquerda e as perturbações na fala, mas muitas são as indicações que parecem confirmar esta teoria. Nos esquerdinos, os centros cerebrais relacionados com a fala, estão do lado direito, ao invés de estarem do lado esquerdo como nos indivíduos dextros, uma vez que o comando dos centros cerebrais é feito por cruzamento e como consequência, contrariando essa relação, dá-se a perturbação na fala. Assim, ao reprimir-se na criança esquerdina uma disposição natural, prejudica-se o seu psiquismo, podendo-se causar estados de ansiedade ou gaguez. Sobre as mudanças de vida, a autora refere uma mudança de país, de língua, das pessoas que

envolviam a criança, associadas à ausência do pai devido à guerra e à presença de uma mãe que também sofria muito com a separação do marido, transmitindo os seus pensamentos e sentimentos depressivos para o filho; a acrescentar a todos estes factores, a criança é ainda surpreendida com a vinda de um irmão, deixando não só de ser o centro das atenções como também presencia a atitude do pai, que ao regressar a casa manifesta admiração pelo irmão desvalorizando-o e aumentando ainda mais a sua insegurança íntima. Estes pais provocaram no filho sentimentos de inferioridade e medo de falar durante a fase de desenvolvimento da fala. As crianças não aprendem a falar com a mesma idade e quando há atrasos a nível do seu desenvolvimento mental ou psíquico, a fala também se desenvolve mais tardiamente. Assim, o facto dos pais ralharem com os filhos, as exigências demasiadas, constrangimentos ou repressões em nada melhoram a vida psíquica da criança, porque tal como o corpo, deve desenvolver-se segundo as suas próprias leis. Os casos apresentados pela autora, demonstram que a opressão que pesa sobre as crianças, não vem só de um medo paralisante que as impede de falar, mas sim de toda uma conjuntura deprimente que as desanimam nas relações com os outros, e o facto de se deterem não constitui um mau hábito, mas a expressão de um sofrimento íntimo. Numa terceira situação, a autora dá-nos o exemplo de uma criança que se encontrava na fase de aquisição da linguagem e que sem se aperceber começou a repetir a palavra que verbalizava. Essa repetição é notória em todas as crianças, de maneira mais ou menos marcada na altura em que adquirem as formas das palavras, mas à medida que se exercitam e se encontram mais seguras de si, essa repetição desaparece. Contudo, se os pais, ambiciosos e impacientes, repreendem e a corrigem a todo o instante, essa falta de segurança acentua-se, tendo sido isto o que aconteceu com esta criança. Os pais censuravam-na por repetir as palavras, na fase de aquisição da linguagem e desenvolvimento da fala, julgando que esta o fazia por maldade ou por mau hábito, quando pelo contrário, a criança manifestava assim o seu desejo em falar e o trabalho que tinha para conseguir, acentuava ainda mais a sua insegurança e o seu medo de falar. Estes pais, cometeram um erro crucial, apelidaram o seu filho de «gago», ficando assim de certa forma rotulado perante si próprio e dos seus pais; ao sentir uma grande pressão a criança tenta lutar, criando estratégias de forma a evitar repetir as palavras. Esta criança não estando segura de si, habitua-se a interromper o que está a dizer e em vez de repetir, estágio natural do desenvolvimento da fala, pára ao meio da frase, indício já evidente de que a sua fala não é normal. O medo de falar apodera-se desta criança, sobretudo nas alturas em que não quer expor-se ao ridículo e quando deseja especialmente

causar uma boa impressão, mas quanto mais se esforça para falar bem, menos consegue, devido a ficar “preso” a toda esta emoção e pressão.

Johnson (1959) e Sheehan (1975), ambos pessoas gegas, são talvez os dois autores mais representativos para abordar a temática da gaguez. Johnson (1959), propõe que a gaguez surge nos ouvidos dos ouvintes, uma vez que no início da linguagem oral toda a criança apresenta vacilações, interrupções e repetições que são classificadas como gaguejar. As reacções dos adultos e as correcções e recomendações que os pais fazem à criança a respeito da sua dificuldade em falar fazem com que ela tome consciência do seu “mau falar” e concentre a sua atenção na sua forma de falar. A criança esforça-se por antecipar as suas possíveis falhas e isso traz como consequência o que o autor denomina de reacção antecipatória do esforço. Para Johnson, a gaguez não aparece antes do seu diagnóstico, mas com ele e depois dele e coloca a tónica nos pais, presumindo que a gaguez tenha uma causa psicológica. Pensava-se que se os pais notassem a gaguez e se falassem sobre ela, ela não desapareceria e instalar-se-ia. Esta teoria *diagnosogénica* de Johnson, é uma das teorias mais divulgadas, tendo-se concluído que de facto os pais das crianças gegas tendem a ser mais ansiosos, dominantes ou perfeccionistas, mas a questão do diagnóstico como causa não pôde ser verificada.

A teoria psicossocial da gaguez de Friedman (2004), com a sua abordagem centrada no sujeito, destaca o papel da “ideologia do bem falar” e da estigmatização do falante, para compreender a origem da gaguez e de como se desenvolve a imagem de falante no sujeito, bem como o que está envolvido neste processo. A autora aponta para a existência de uma “ideologia do bem falar”, que intervém nas relações de comunicação entre a criança e os outros que lhe são significativos, como pais e professores, entre outros; esta ideologia não se cria apenas nas relações particulares, nem se limita a elas, é mais ampla e pertence ao grupo social. Segundo Friedman (2004), a gaguez é considerada um estigma, levando a que não se aceite a forma de falar da criança por se julgar errada, inadequada, um sinal de defeito, ignorando-se assim as dificuldades naturais decorrentes do processo de aquisição de linguagem. A “ideologia do bem falar” implica que os conteúdos socioculturais construídos atribuam à criança o rótulo de gago, o que marcará negativamente a sua relação com os outros. Este tipo de julgamento indevido, feito com frequência por alguns pais e professores, parece em parte dever-se, a uma visão idealizada da fala. Friedman (2004), refere ainda que o comportamento de não-aceitação da forma espontânea de falar da criança, manifestado a partir da “ideologia do bem falar”, gera nas relações de comunicação uma mensagem paradoxal, caracterizando-se por não permitir uma resposta adequada. Assim, passa-se à

criança a mensagem “fale correctamente” exigindo-se um comportamento específico, acima das suas possibilidades de execução, numa interacção onde geralmente estão envolvidas além da própria criança, as pessoas significativas para si, como pais e professores, existindo assim uma forte relação de dependência física e/ou psicológica por parte da criança. Neste contexto de forte ligação da criança (o receptor) a pessoas significativas (emissores) ela tenta obedecer à mensagem; no entanto quando a fala ao invés de se desenvolver numa situação onde as relações de comunicação preservam a espontaneidade e reforçam a capacidade acontece num contexto em que as relações de comunicação impõem restrições à forma espontânea e reforçam a incapacidade, acabam por prejudicar o desenvolvimento natural da criança. Para a autora, a fala é uma actividade espontânea e a sua não-aceitação leva a criança a interferir na sua produção, pois deseja continuar a comunicar de uma forma que seja aceite pelos outros. Friedman (2004), refere também que na formação da imagem estigmatizada de falante, a auto-imagem se vai formando a partir de informações e vivências do meio e se a família demonstrar que a gaguez da criança é indesejável, ela terá uma auto-imagem de mau falante. Para a criança se sentir aceite, poderá tentar falar bem, mas o empenho não funciona por se tratar de uma actividade mecanicamente espontânea; assim quanto mais se esforça, mais gagueja, estado a que autora designou como “Gaguez de Sofrimento”, podendo aos quatro anos já se ter instalado devido à formação de uma auto-imagem negativa.

Segundo Lane (1984), os conteúdos da consciência, constituídos pela linguagem e pelo pensamento são as representações que o indivíduo tem de si mesmo, do meio ao seu redor, das suas actividades, das outras pessoas, do passado e do futuro e esses conteúdos da consciência manifestam-se através das representações que o indivíduo faz do seu meio.

O presente trabalho baseou-se na leitura de um conjunto de autores que se debruçaram sobre a problemática da gaguez, com o intuito de identificarem as possíveis causas para o seu aparecimento e agravamento e seus aspectos intrínsecos, como a importância da qualidade da relação com as figuras parentais e possíveis consequências. Procuramos também salientar quais os comportamentos preventivos e terapêuticos a adoptar face a esta problemática, tendo em conta o papel determinante da família na manifestação, evolução ou erradicação da gaguez.

CONCLUSÃO

O presente estudo tem como objectivo analisar a representação que as crianças com gaguez têm da sua família, mais particularmente das figuras parentais, assim como a auto-representação enquanto falantes.

A teoria de Friedman salienta a existência de uma “ideologia do bem falar”, que dificulta a comunicação entre a criança e os outros que lhe são significativos, principalmente os seus pais. Nesta perspectiva o rótulo de “gago” marcará desde sempre a relação da criança com os outros, levando a que os pais face às disfluências normais dos filhos actuem inadequadamente tentando corrigi-las, enfatizando assim uma incapacidade e subsequentemente o desenvolvimento de uma auto-imagem da criança como mau falante. Os pais não têm noção de que algumas exigências podem provocar reacções psico-motoras ou emocionais significativas na origem do desenvolvimento da gaguez. Friedman refere que a fala é uma actividade espontânea, desenvolvendo-se favoravelmente num contexto onde as relações de comunicação preservam essa espontaneidade e reforçam a capacidade. Para se sentir aceite, a criança poderá tentar falar bem, mas somente o empenho não funciona, pois trata-se de uma actividade mecanicamente espontânea, verificando-se que quanto mais a criança se esforça, interfere na produção do discurso e gagueja mais.

Com a realização deste estudo, pretendemos de algum modo prestar o nosso contributo no sentido de sensibilizar quer os técnicos, quer sobretudo a família de crianças com gaguez, para a importância de atitudes e comportamentos adequados, de forma a prevenir, modificar e melhorar a situação de gaguez.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. (1994). *A Representação Materna, Paterna e Filial de Crianças Normais e Deprimidas*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Almeida, J. (1987). *Adolescência e motricidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Amazonas, M., Lima, A., Siqueira, D., & Arruda, G. (2008). Representação de Família e Material Didático. *Interamerican Journal of Psychology*, 42 (002), 236-246.
- American Psychiatric Association (APA). DSM-IV-TR – *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (1995). (4ª Ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andrade, C. R. F. (1997). Intervenção precoce em Fonoaudiologia. In: BEFI, D. (Ed), *Fonoaudiologia na Atenção Primária à Saúde*, 3. São Paulo: Lovise.
- Antunes, A. (1998). Programa de Intervenção Precoce – a Importância da Família. *Cadernos da Educação de Infância*, 48. APEI.
- Anzieu, A. (1979). “A fala, metáfora do corpo.” In Anzieu, Didier. *Psicanálise e Linguagem*. Lisboa: Moraes.
- Barros, A. & Severino, I. (2005). *A Importância da Linguagem no Desenvolvimento Psíquico do Indivíduo*. Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e Instituto Politécnico da Guarda.
- Bergeret, J. (1976). Dépressivité et dépression dans le cadre de l’économie défensive. In *Revue Française de Psychanalyse*, 40 (5 – 6), 835 – 1044.
- Bion, W. (1973). *Introdução às ideias de Bion*. Porto Alegre: Imago Editora.
- Boone, D. & Plante, E. (1994). *Comunicação Humana e seus Distúrbios*. (2ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Bowlby, J. (1982). *Formação e rompimento dos laços afectivos*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, Lda. (Tradução do original em inglês *Making and breaking of affectional bonds*, R.P.L., London, 1979).
- Brazelton, T. B., & Sparrow, J. D. (2006). *A Criança dos 3 aos 6 anos – O desenvolvimento emocional e do comportamento*. Lisboa: Editorial Presença.
- Caldas, A. (2000). *A herança de Franz Joseph Gall. O cérebro ao serviço do comportamento humano*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Carvalho, S. (2011). *A morte é a curva da estrada. Repercussões do luto em pré-adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Dalton, P. (1997). *Stuttering*. Cambridge handbook of Psychology, health and medicine: - Cambridge: University Press, p. 601-602. United kingdom: Cambridge University Press.
- Ferreira, L. (2005). *Parentalidade e Problemas de Comportamento*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Friedländer, M. (1974). *A Educação da Criança – Problemas quotidianos* (João dos Santos), vol. I, Livros Horizonte. (Tradução do original em Francês *Soucis D’Enfant*. Nouveau Guide Psychologique de L’Education. (Edition Rencoutre, Lausanne, 1961).
- Friedman, S. (2004). *Gagueira: Origem e Tratamento*. São Paulo: Plexus.
- Gaiolas, M. (2010). *Gaguez da Infância à Adolescência*. Cascais: Vogais&Co.
- Germano, H. (2002). *Contributo da Psicossomática para a sua Compreensão e Tratamento*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

- Guerreiro, M. (2007). *Representação de Família em crianças que vivem em família e em crianças institucionalizadas*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Homzie, M. & Lindsay, J. (1984). Language and the young stutterer: a new look at old theories and findings. *Brain & Language*, 22(2), 232-252.
- Jakubovicz, R. (1997). *A Gagueira: teoria e tratamento de adultos e crianças* (5ª ed). Rio de Janeiro: Revinter.
- Johnson, W. (1959). *The onset of stuttering*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Lamb, M. (1986). O Papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*, 1992, 1(X), 19 – 34.
- Lane, S. (1984). *Linguagem, pensamento e representações sociais*. In Psicologia Social (13ª ed., pp.32-39). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Lees, R. (1999). Stammering in School Children. *Support for Learning*, 14(1), pp. 22-26.
- Lemos, M., Barros, C., & Amorim, R. (2006). Representações familiares sobre as alterações no desenvolvimento da linguagem de seus filhos. *Distúrbios da comunicação*, 18(3) pp. 323-333. São Paulo.
- Marcelli, D. (2005). *Infância e psicopatologia*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Meira, I. (2003). *Fundamentos em Fonoaudiologia – Linguagem*, 5, 53-68. Brasil: ABDR – Associação Brasileira de Direitos Reprográficos - Guanabara Koogan.
- Osório, L. (2002). *Casais e Famílias: Uma visão contemporânea*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Packman, A., & Attanasio, J. (2004). *Theoretical issues in stuttering*. Hove: Psychology Press.

Pereira, A. & Barbosa, I. (2008). *A Gaguez*. Porto: Universidade Portucalense.

Ratner, N. B., (2004). *Caregiver-Child Interactions and Their Impact on Children's Fluency: Implications for Treatment - Language, Speech & Hearing Services in Schools*, 35, 46-56. The University of Maryland, College Park: American Speech-Language-Hearing Association.

Ross, J. (1979). *Fathering: A review of some psychoanalytic contributions on paternity*. *The International Journal of Psychoanalysis*, 60, 317-327.

Rustin, L., Botterill, W., & Kelman, E. (1996). *Assessment and therapy for young dysfluent children: family interaction*. London: Whurr Publishers.

Sá, E., Sottomayor, M., Rosinha, I. & Cunha, M. (1996). *Abandono e Adopção*. Coimbra: Livraria Almedina.

Salvaterra, F. (2000). *Quem fala assim....* Cadernos CEACF – Centro de Estudo e Apoio à Criança e à Família, vol. 15-16, Lisboa.

Sheehan, J.G. (1975). *Conflict Theory and Avoidance Reduction Therapy*. In: Eisenson, Jonh, Ed., *Stuttering a second Symposium*. New York: Harper and Row.

Souza, L. (2010). *O Papel da Família na Prevenção da Gagueira*. Consultado em Março, 23, 2011, através do site: <http://www.webartigos.com/artigos/o-papel-da-familia-da-prevencao-da-gagueira/46792/>.

Sullerot, E. (1997). *A Família. Da Crise à Necessidade*. Lisboa: Instituto Piaget (Tradução do original em francês Le grand remue – ménage. Librairie Arthème Fayard, 1997).

Van Riper, C. (1971). *The nature of stuttering*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.

- Van Riper, C., & Emerick, L. “(Eds.)” (1997). *Gagueira*. In: Van Riper, C., Emerick, *Correção da Linguagem: Uma Introdução à Patologia da Fala e à Audiologia*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D. (1975). *A criança e o seu mundo* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Tradução do original em inglês *The child, the family and the Outside World*. Middlesex: Penguin Books, Ltd., 1965).
- Winnicott, D. (1987). *The maturational processes and the facilitating environment*. London, Hogart Press.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In T. T. Silva (Ed.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (pp.7-72). Petrópolis, RJ: Vozes.

ARTIGO EMPÍRICO

REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA E AUTO-REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA COM GAGUEZ

RESUMO

O presente estudo teve como objectivo analisar a representação que as crianças com gaguez têm da sua própria família, mais particularmente das suas figuras parentais e de si próprias enquanto falantes. Os participantes deste estudo foram dez crianças, com gaguez, a quem foi aplicado o Teste do Desenho da Família, uma entrevista semi-estruturada e um Questionário de Ligação Parental. Verificou-se que as crianças do presente estudo têm uma representação positiva da família e de ambas as figuras parentais; à figura materna são atribuídas várias funções, nomeadamente de protecção, educação e disciplina, cabendo à figura paterna uma função lúdica, entre outras. Ambas as figuras parentais são consideradas como importantes no apoio às dificuldades da fala, sentidas pelas crianças, que de uma forma geral expressam sentimentos negativos face à sua gaguez. Os resultados obtidos neste estudo, levam-nos a considerar a importância de um olhar preventivo, no sentido de sensibilizar os pais para a importância que as suas atitudes têm no bem-estar e desenvolvimento da criança.

Palavras-chave: Gaguez; Representação Parental; Representação como Falante.

ABSTRACT

The present study had as main goal the analysis of the representation that children with stuttering problems have from their own family, particularly from their parental figures and from themselves as speakers. The participants were ten children with stuttering problems, to who was applied the Family's Draw Test, a semistructured interview and a Parental Bond's Questionnaire. We have verified that these children have a positive representation of family and from both parental figures. To the maternal figure are assigned several functions, including protection, education and discipline, leaving father's figure with a recreational function among others. Both parental figures are considered as major on the support to the speaking difficulties felt by these children that in an overall express negative feelings towards their stuttering. The results from this study made us consider the importance of a preventive look to sensitize the parents for the importance that their attitudes have on the child's welfare and growth.

KeyWords: Stuttering; Parental Representation; Representation as Speaker

INTRODUÇÃO

A gaguez é desde sempre considerada uma das patologias da linguagem mais enigmáticas e desafiantes, pois apesar de uma procura contínua das suas possíveis causas por parte dos investigadores e clínicos, ainda não foi encontrada uma hipótese definitiva e válida para a sua compreensão.

Segundo Dalton (1997), a gaguez é uma desordem de ritmo e fluência de diálogo. O orador é muitas vezes impedido de dizer aquilo que pretende, por uma repetição involuntária, um prolongamento ou cessação de som ou sílaba. Na forma mais severa da gaguez, o acto da fala pode ser acompanhado por irregularidades respiratórias, expressões faciais carregadas e movimentos corporais. Van Riper (1997), afirma contudo que a definição exacta de gaguez leva sempre a dificuldades, porque a única pessoa que sabe verdadeiramente o que é a gaguez, é o próprio gago. Para este autor a gaguez pode ser intermitente, apresentando diversos estágios de evolução, do leve ao severo, verificando-se que os seus sintomas mostram diversos níveis de tensão (de baixa tensão a um esforço evidente). Este autor menciona ainda que os quadros associados variam muito de indivíduo para indivíduo e podem influenciar o agravamento dos sintomas, dependendo este de estados emocionais, da consciência sobre o problema, pressão, stress de comunicação, bem como de factores ambientais, entre outros.

Caldas (2000) e Friedländer (1974), salientam que as pessoas que gaguejam recorrem muitas vezes a estratégias de salvaguarda para ultrapassarem estas situações, como o falar pausadamente, a procura de um sinónimo da palavra em causa para não a pronunciarem, ou até mesmo debaterem-se com a dificuldade de usarem verbalmente a palavra que à partida sabem que vai ser difícil de pronunciar. Estes autores referem ainda, que outro dos sintomas da gaguez que por vezes se verifica, consiste no fraco contacto ocular com o ouvinte, fingir que se está a fazer pausas para pensar, quando na realidade se está bloqueado.

Para Gaiolas (2010), nesta problemática deparamo-nos não só com aspectos intrínsecos à gaguez, como também relacionados com a própria pessoa que gagueja (aspectos psicológicos, linguísticos, afectivos e motores) e seus interlocutores (personalidade, maneira como reagem ao discurso da pessoa que gagueja). Para Salvaterra (2000), a gaguez é descrita como uma perturbação do processo complexo de comunicação, ou seja, da interacção dinâmica entre o indivíduo que fala e o que ouve. É assim encarada como uma perturbação no processo de desenvolvimento da linguagem, ligada a atitudes desadequadas do meio, que desenvolvem nas crianças sentimentos de incompetência e inabilidade para falar, levando a uma baixa auto-estima e a um auto-conceito de desvalorização. Desta forma, a abordagem

terapêutica a ser feita pelos técnicos, deve não só ser destinada à criança com gaguez, mas também ao seu contexto educativo e particularmente ao contexto familiar, ou seja, às pessoas que interagem com a criança no seu dia-a-dia.

Kloth, Kraaimaat, Janssen, Brutton (1999, citado por Packman & Attanasio, 2004), salientam que o período mais provável para a incidência da gaguez é entre os dois e os cinco anos de idade. Embora na opinião dos diversos autores, a gaguez se revele geralmente em crianças com idades compreendidas abaixo dos cinco anos, esta pode surgir mais tarde, não se encontrando para estes casos uma justificação plausível para tal suceder. Alguns autores defendem ainda que nalguns casos, esta tardia disfunção da fala, após alguns anos de diálogo normal e fluente, está associada a um acontecimento marcante (Andrews, 1987, citado por Dalton, 1997 e Yairi, Ambrose & Cox, 1996, citado por Packman & Attanasio, 2004).

Van Riper (1971) e Yairi (1983, 1992, citado por Rustin, Botterill & Kelman, 1996), concluíram que na maior parte dos casos o início da gaguez é bem definido e relativamente breve. Em suma, a prevalência da gaguez não é de fácil análise e pensa-se que 5% de todas as crianças irão experimentar um período de gaguez, que poderá ter a duração de três meses ou mais, manifestando-se três vezes mais no género masculino, do que no feminino e que quatro em cada cinco crianças recuperarão após os dezasseis anos.

Segundo Salvaterra (2000), verifica-se que a gaguez surge mais frequentemente entre os dois e os três anos, sendo esta a fase em que o desenvolvimento da linguagem se dá mais rapidamente, isto porque o vocabulário da criança cresce e a construção frásica aumenta e torna-se mais complexa. Nesta fase a criança está a aprender a controlar os mecanismos da fala, a adaptar-se e a tentar adequar o seu discurso aos padrões e ritmos dos seus pais, que são as pessoas do seu meio com quem a criança mais deseja comunicar. Assim, com o aumento da complexidade da linguagem, a sua fluência pode diminuir e a criança pode começar a ter algumas hesitações e repetições no seu discurso. Esta autora fala de um período de disfluência normal e alguns estudos fizeram notar a existência de determinados períodos de disfluência, quer em gagos, quer em não gagos, quando o desenvolvimento da linguagem é mais rápido e intenso.

Para Gaiolas (2010), a criança inicialmente aprende os conceitos e absorve tudo o que está à sua volta e só depois é que consegue expressar esses novos conhecimentos. Assim, é possível para a criança perceber o que lhe estão a dizer, mas poderá ainda não conseguir usar os novos vocabulários aprendidos, pois terá que aprender a integrar os novos conhecimentos com os que já possuía. Será então normal que a criança não consiga falar logo de uma forma

fluente e que a sua fala apresente disfluências normais (hesitações, repetições e pausas, entre outras), também consideradas como gaguez fisiológica ou de desenvolvimento. Assim, a forma como se lida com as disfluências normais, dos dois/três aos cinco anos é essencial, pois irá influenciar a maneira de falar da criança e a forma como a criança se vê enquanto falante.

Segundo Van Riper (citado por Meira, 2003), um dos autores mais respeitados nesta área de conhecimento, tendo dedicado toda a sua vida ao estudo da gaguez, defende que apesar das muitas hipóteses que são colocadas sobre a gaguez, nenhuma das teorias explica a sua causa, desconhecendo-se a sua origem. Partindo do pressuposto e acreditando que todos os autores que apresentaram estudos nesta área tem a sua razão, Van Riper defende a multicausalidade da gaguez.

Segundo Gaiolas (2010), as pesquisas realizadas nas diferentes áreas da ciência sugerem algumas teorias explicativas das possíveis causas, na área da genética, neurologia, psicologia e sócio-ambiental. Para esta autora, pesquisas na área da genética, apontam para a existência de uma predisposição genética/hereditária para o desenvolvimento desta patologia, sendo que sensivelmente cerca de 40% a 50% dos casos diagnosticados com gaguez, têm familiares com esta perturbação comunicativa, contudo estes estudos ainda não são conclusivos. Segundo Pereira e Barbosa (2008), embora se possa incluir a hereditariedade como uma das possíveis causas da gaguez, pois é vulgar esta perturbação surgir em pessoas cujas famílias tenham casos de gaguez, como, avós, pais ou irmãos, pode também manifestar-se em indivíduos que na fase da aquisição da linguagem são sujeitos ao convívio com pessoas gagas, evidenciando-se assim a importância do meio na origem desta perturbação da linguagem. Ainda segundo Friedländer (1974), o facto de haver alguém na família com este tipo de problema, pode levar a que os pais estejam mais atentos à fala da criança tentando ajudá-la. Contudo, este medo da hereditariedade por parte dos pais, pode também causar o efeito oposto, originando na criança o medo de falar e a convicção de que não é capaz de o fazer; por outro lado, se os pais tiverem uma conduta baseada na confiança e inculcaram segurança à criança, esta perturbação não se desenvolverá.

Na área da Neurologia as pesquisas realizadas, indicam que existe uma maior actividade do hemisfério direito, no processamento da fala das pessoas com gaguez, em comparação com as pessoas fluentes, cujo hemisfério esquerdo é o mais activo. Tem sido também estudada a possível existência de algum tipo de distúrbio temporal entre as áreas de preparação e de execução da linguagem no hemisfério esquerdo das pessoas com gaguez; no entanto, estes estudos fornecem apenas hipóteses para a causa desta patologia (Gaiolas, 2010).

Na área da psicologia, acredita-se que a ansiedade e os distúrbios emocionais/psicológicos são consequência da gaguez e não a sua causa propriamente dita. Defende-se que a gaguez poderá ter uma origem em factores psicológicos, que se instalam e tornam-se crónicos através do comportamento aprendido, pois a pessoa inconscientemente associa o acto de falar a um aumento exacerbado da tensão muscular e como consequência gagueja (Gaiolas, 2010). Para Dalton (1997), apesar da origem da gaguez estar raramente associada a factores emocionais, não há dúvida que enquanto esta disfluência continuar, os factores psicológicos terão sempre um papel importante na continuação desta patologia, podendo ter efeitos negativos graves na imagem que a criança tem de si. Assim, as atitudes por parte dos outros, como a impaciência e o aumento da ansiedade em situações de comunicação, poderão levar a sentimentos de incapacidade, à perda de confiança e ao evitamento de situações que impliquem a comunicação e relação com o outro, restringindo a vida da pessoa. Gaiolas (2010), evidência ainda que os factores psicológicos influenciam a gaguez e que ocorrem num ciclo, ou seja, o aumento de situações difíceis e constrangedoras irão determinar o aumento de sentimentos negativos, medos e evitamento de situações sociais. Este ciclo irá também depender da personalidade da pessoa gaga e de como lida com a gaguez, pois o medo e a forma como se deixa afectar por estes sentimentos negativos, dita a influencia desta perturbação na sua qualidade de vida. Assim, a gaguez afecta a pessoa e toma a dimensão que esta lhe dá, existindo pessoas com uma gaguez acentuada que a assumem e vivem normalmente, fazendo a gaguez parte das suas vidas e não o centro delas e pessoas com uma gaguez ligeira que lhe dão excessiva importância condicionando negativamente as suas vidas.

No que respeita às pesquisas a nível sócio-ambiental, para Gaiolas (2010) o ambiente por si só também não é considerado como causa da gaguez, mas antes como um factor externo que pode influenciar a sua instalação e o seu agravamento. Para Friedman (2004), as teorias sociais, vêem as causas da gaguez na relação do indivíduo com os outros, isto é, como um hábito adquirido em consequência do reforço negativo do meio sobre a fala, por julgamentos inadequados de pessoas significativas sobre as hesitações normais da fala da criança e pela influência da cultura em sociedades competitivas que ao conferirem um valor extremo ao prestígio social, o associam à competência da fala.

Para Salvaterra (2000), os pais têm um papel determinante na fase em que a criança começa a demonstrar algumas hesitações no seu discurso, pois uma atitude incorrecta por parte dos pais que são as pessoas mais significativas na vida da criança, face à sua linguagem,

ou seja face às suas tentativas de comunicação, pode ser determinante para o desenvolvimento linguístico posterior. As atitudes incorrectas face a hesitações e/ou repetições da criança passam por um meio demasiado exigente, pressionando a criança a falar para além das suas capacidades e do seu desenvolvimento; baixo nível de tolerância; impaciência; irritação; rotular as suas dificuldades como gaguez e chamar a sua atenção para essa perturbação. Estas atitudes inadequadas por parte dos pais, que são as figuras com quem a criança mais deseja comunicar, poderão levá-la a tomar consciência das suas dificuldades de linguagem, esforçando-se e procurando desesperadamente falar sem repetições e/ou hesitações (evitar a disfluência), de forma a agradar e a corresponder positivamente às expectativas criadas tanto pelos pais, como por outros adultos significativos para a criança, podendo assim desencadear mais períodos de disfluência e estabelecer-se a gaguez propriamente dita. Quando se fala da influência que os contextos sócios emocionais podem ter no desenvolvimento da criança, nomeadamente no desenvolvimento linguístico, as atitudes e crenças por parte dos pais são um factor importante que influenciam as suas práticas educativas. A criança começa também a desenvolver as suas próprias crenças sobre a linguagem e sobre o acto de falar, de acordo com a experiência que vai adquirindo e pela qualidade da interacção com os pais e as respostas que deles obtém, uma vez que estas têm uma grande importância na formação dessas crenças. A ideia de que falar é difícil e desagradável, que o facto de gaguejarem ou hesitarem em qualquer palavra é uma vergonha, são algumas das crenças e atitudes associadas à gaguez que levam estas crianças a terem medo de alguns fonemas e situações específicas, considerando que a pessoa com quem comunicam fica impaciente e que se diverte com as suas dificuldades.

A articulação entre o psicológico, o social e o orgânico, revela-se assim fundamental na explicação dos comportamentos (hesitações, bloqueios, repetições e evitamentos) característicos do quadro da gaguez.

Johnson (1959) e Sheehan (1975), ambos pessoas gagas, são talvez os dois autores mais representativos para abordar a temática da gaguez. Johnson (1959), evidenciou que a gaguez surge nos ouvidos dos ouvintes, uma vez que no início da linguagem oral toda a criança apresenta vacilações, interrupções e repetições que são classificadas como gaguejar. As reacções dos adultos e as correcções e recomendações que os pais fazem à criança a respeito da sua dificuldade em falar, fazem com que ela tome consciência do seu “mau falar” e concentre a sua atenção na sua forma de falar. A criança esforça-se por antecipar as suas possíveis falhas e isso traz como consequência o que o autor denomina de reacção

antecipatória do esforço. Para Johnson (1959), a gaguez não aparece antes do seu diagnóstico, mas com ele e depois dele, colocando a tónica nos pais, focando a gaguez a causa psicológica da gaguez. Segundo este autor se os pais notassem a gaguez e se falassem sobre ela, ela não desapareceria e instalar-se-ia. Esta teoria *diagnosogénica* de Johnson, é uma das mais divulgadas, tendo-se concluído que os pais das crianças gagas tendem a ser mais ansiosos, dominantes ou perfeccionistas, mas a questão do diagnóstico como causa não pôde ser verificada.

O ser humano é desde o seu nascimento, não só regulado pela sua herança biológica, como pelas relações que vai estabelecendo e formando com as pessoas que o rodeiam e com quem convive. A família ocupa no desenvolvimento de cada um, um lugar importante na educação e no desenvolvimento sócio-afectivo. Segundo Osório (2002) nos dias de hoje, o conceito de família apresenta-se cada vez mais diversificado, tanto no que diz respeito a configurações (como os membros se dispõem e se inter-relacionam), quanto ao seu funcionamento, contudo a representação que é comum e que se preserva, é a de uma família constituída por um casal e filhos, desempenhando os papéis que lhe são socialmente destinados, isto é, uma família nuclear e tradicional. Para Sullerot (1997), a família não é apenas um agente reprodutor de novas gerações é também o centro de formação de indivíduos, constituída com bases psicológicas, económicas, religiosas, éticas e políticas. A família exerce a primeira e a maior influência no desenvolvimento das crianças, verificando-se que a sua estabilidade é fundamental na construção da identidade, formação e desenvolvimento psíquico, social, cognitivo, emocional e afectivo da criança.

O conceito de representação de família tem sido objecto de pesquisa em vários campos de investigação, na área das ciências sociais e humanas. Segundo Santiago (1997, citado Guerreiro, 2007) a representação da família é a manifestação de uma relação entre a criança e os actores que lhe atribuem um determinado significado, informações que dela possuem, as imagens e representações previamente construídas nos indivíduos, que se associam a atitudes em relação aos diversos fenómenos que nela ocorrem. As representações que se fazem da família são determinadas pela qualidade da vivência de experiências familiares no dia-a-dia, durante as comunicações interpessoais, ou seja, cada ser humano representa mental e emocionalmente o conceito de família segundo o seu ponto de vista e a sua experiência.

Bowlby (1982), refere que factor algum tem efeitos mais profundos no desenvolvimento da personalidade da criança, do que as experiências infantis no seio da família, começando nos primeiros meses e na relação com a mãe. Cada criança desde o seu nascimento vai-se

relacionando de diferentes formas com o seu pai e com a sua mãe; a criança escolhe para sua figura principal de apego, a pessoa que lhe dá mais atenção, que lhe presta os cuidados necessários, sendo esta geralmente a figura materna, revelando-se esta fundamental num desenvolvimento psíquico, emocional e afectivo equilibrado ou harmonioso. Numa boa relação precoce a segurança transmitida é geralmente interiorizada, transformando-se em auto-segurança e auto-estima na criança.

Segundo Ross (1979), na literatura psicanalítica, a figura paterna foi considerada durante muito tempo como acessória, vista mais como figura de autoridade moral e protectora, mas sem estar directamente envolvida no crescimento emocional dos filhos e nos cuidados a ter, dando-se portanto a ideia de uma relação pai/criança por vezes destrutiva e pouco afectuosa. Nos dias que correm defende-se que tal como a mãe, o pai tem um papel primordial no desenvolvimento da criança, pelo apoio emocional que dá à família e especialmente à mãe. Segundo Bergeret (1976), a criança recebe por intermédio da figura materna um pai, sendo confrontada com um segundo objecto, realizando o primeiro ensaio da representação parental. Esta transmissão depende do próprio referencial paterno da mãe, assim como a sua relação com o pai da criança. Neste processo, a mãe pode levar a atitudes positivas ou negativas para com o pai e assim contribuir para um protótipo inconsciente de todas as representações posteriores e idealizações do pai.

Lamb (1986), refere que tem verificado algumas diferenças no decorrer dos tempos, mais na actuação do pai do que da mãe, muito embora se tenha verificado uma grande mudança, devido ao ingresso da mulher no mercado de trabalho, continua a ser esta quem assume predominantemente o papel de educadora, dado que é com a mãe que os filhos passam e interagem mais tempo e quem assume maior responsabilidade em dar resposta às necessidades da criança, tendo o pai um papel mais secundário. Por outro lado segundo Lamb (1986), tem-se observado uma mudança dos papéis paternais, pois o pai antes visto como fonte de sustento económico e formador moral, como modelo de tipificação sexual, mais recentemente, com um papel mais envolvente e participativo nos cuidados diários e na satisfação das necessidades dos filhos. Tem-se verificado que os pais começaram a passar mais tempo com os filhos, embora este continue muito inferior ao período de tempo que passam com a mãe, observando-se também um estilo de interacção diferente, sendo a mãe mais associada aos cuidados diários e o pai a actividades lúdicas e de brincadeira.

Para Gaiolas (2010), é normal que todos aqueles que vão ser pais criem expectativas em relação à criança que vai nascer e também é natural que seja difícil para os pais, encarar um problema de fala como a gaguez.

Gaiolas (2010), salienta que os maiores modelos das crianças na infância são os pais e os educadores e que as crianças imitam comportamentos, atitudes, maneiras de estar e também de falar; durante a infância, o centro do universo da criança é o amor dos pais, pois tem necessidade de se sentir amada em qualquer circunstância, incluindo e sob quaisquer condições de fala. É por isso, importante que a criança sinta que o seu modo de falar seja aceite pelos pais, independentemente do lugar em que se encontre e das pessoas com quem se relacione.

Segundo Krause (1982, citado por Souza, 2010), a gaguez é o resultado de experiências passadas com dificuldades de fala geradas pela expectativa dos outros significativos para com a criança, tendo em consideração valores assumidos numa dada sociedade e projectados sobre ela. As pessoas gagas têm tipicamente lembranças negativas em relação à sua fala na infância.

A teoria psicossocial da gaguez de Friedman (2004), com uma abordagem centrada no sujeito, destaca o papel da “ideologia do bem falar” e da estigmatização do falante, para se compreender a origem da gaguez e de como se desenvolve a imagem de falante no sujeito, bem como o que está envolvido neste processo. Para a autora esta ideologia intervém nas relações de comunicação entre a criança e os outros que lhe são significativos, como pais e professores, não se criando apenas nas relações particulares, nem se limitando a elas, pois é mais ampla e pertence ao grupo social; Friedman (2004), mostra o quanto os indivíduos consideram a gaguez como um estigma, não se aceitando assim a forma de falar da criança, sendo julgada de errada ou inadequada, um sinal de defeito, ignorando-se assim as dificuldades naturais decorrentes do processo de aquisição de linguagem. A “ideologia do bem falar” implica conteúdos socioculturais construídos, que atribuem à criança o rótulo de gago, marcando negativamente a sua relação com os outros; julgamentos indevidos são feitos com frequência por pais e professores, devendo-se em parte a uma visão idealizada da fala. Friedman (2004), refere ainda que o comportamento de não-aceitação da forma espontânea de falar da criança, manifestado a partir da “ideologia do bem falar”, gera nas relações de comunicação uma mensagem paradoxal, caracterizada por não permitir uma resposta adequada. Assim, passa-se à criança a mensagem para que “fale correctamente” exigindo-se um comportamento de fala específico, acima das suas possibilidades de execução. Para Friedman (2004), a fala é uma actividade espontânea e a sua não-aceitação leva a criança a

interferir na sua produção, pois deseja continuar a comunicar de uma forma que seja aceite pelos outros, acabando por prejudicar o seu desenvolvimento natural. Numa interacção deste tipo, geralmente estão envolvidas além da própria criança, as pessoas significativas para si, como pais e professores, existindo assim uma forte relação de dependência física e/ou psicológica por parte da criança; neste contexto de forte ligação da criança (o receptor) a pessoas significativas (emissores), ela tenta obedecer à mensagem passada pelos últimos. Friedman (2004), refere ainda que na formação da imagem estigmatizada de falante, a auto-imagem se vai formando a partir de informações e vivências do meio e se a família demonstrar que a gaguez da criança é indesejável, ela terá uma auto-imagem de mau falante. Então, a criança para se sentir aceite, poderá tentar falar bem, mas o empenho não funciona, por se tratar de uma actividade mecanicamente espontânea, verificando-se que quanto mais se esforça, mais gagueja. A este estado a autora designou de “Gaguez de Sofrimento” e aos quatro anos já se pode ter instalado devido à formação de uma auto-imagem negativa.

O facto dos pais ralharem com os filhos, as exigências demasiadas e constrangimento em nada melhora a situação de gaguez, porque a vida psíquica da criança, assim como o corpo, deve desenvolver-se segundo as suas próprias leis.

Para Law (2001, citado por Lemos, Barros & Amorim, 2006), os pais das crianças com dificuldades de linguagem, são menos compreensivos e mais críticos do que os pais de crianças com um desenvolvimento da linguagem normal, verificando-se que as mães tendem a satisfazer as suas necessidades físicas, mas não se envolvem activamente com os filhos, que segundo o autor constitui um factor determinante na produção e manutenção das dificuldades.

Segundo Souza (2010), quando uma criança tem uma gaguez acentuada e atinge um grande grau de ansiedade por não conseguir falar, é importante que esta receba carinho dos seus pais, como pegá-la ao colo, segurar-lhe as mãos ou ficarem apenas junto da criança, de forma a distrair a sua atenção, pois o contacto físico dos pais nas horas de ansiedade irá ajudá-la a sentir-se mais confiante. Quanto mais próximos forem os pais, quanto mais conversarem com a criança, mais esta se sentirá necessária e auto-confiante, verificando-se que toda a manifestação de amor e carinho aumentará a sua auto-estima e ajudará na sua recuperação. Segundo Gaiolas (2010), no caso dos adolescentes, tal como em crianças dos três aos seis anos, o papel dos pais consiste em confortar e fazê-los sentir que podem sempre contar com os pais, quando estes os procuram ou querem partilhar os que sentem com eles.

Salvaterra (2000), refere que para um sucesso terapêutico, é necessário uma abordagem a nível do contexto sócio-familiar, visando a melhoria da interacção pais-criança, de forma a

proporcionar-se um ambiente mais favorável à comunicação; para se atingir esse objectivo pode ser necessário alterar a percepção que os pais têm da criança e da sua gaguez, alertá-los e consciencializá-los para as atitudes adequadas a terem face às dificuldades da criança, tentando-se modificar e melhorar o tipo de resposta que dão face à comunicação verbal do filho. Pretende-se com esta intervenção minorar o sofrimento da criança, demonstrando compreensão para com ela e modificando o seu auto-conceito e auto-estima, para que esta se sinta segura de si e a sua gaguez desapareça ou se torne mais ligeira. Para Friedländer (1974), os pais nunca devem apelidar a criança de gaga, mas sim demonstrar-lhe o quanto gostam dela e de falar com ela, falar-lhe sempre de forma calma, utilizando uma linguagem simples, escutá-la atentamente sem a interromper e alertar os restantes familiares, de modo a evitar expôr a criança a situações emotivas que a assustem ou desorientem. Os pais devem ainda preparar a criança para tudo o que a possa agitar e destabilizar, como o estar fora da sua zona de conforto, ajudar a criança nas rotinas do seu dia-a-dia e por último, levá-la a enriquecer o seu vocabulário e a aumentar a confiança em si própria.

Dada a importância da família e mais particularmente da qualidade da relação com as figuras parentais na problemática da gaguez, possíveis causas para o seu aparecimento, agravamento e consequências, iremos desenvolver um trabalho empírico cujo objectivo é analisar qual a representação que as crianças têm da sua família, mais particularmente das suas figuras parentais, tentando verificar se a relação com os pais, está de alguma forma associada à representação da criança como falante. Procuraremos também salientar alguns dos comportamentos preventivos e terapêuticos a adoptar face a esta problemática, tendo em conta o papel determinante da família na manifestação, evolução ou erradicação da gaguez. Assim, consideramos que o nosso trabalho poderá ser uma mais valia para um olhar preventivo por parte dos profissionais da área e familiares das crianças com gaguez, pois existe uma clara necessidade em sensibilizar os pais para a importância que estes e as suas atitudes têm no desenvolvimento cognitivo, emocional e psicológico dos filhos, consciencializando-os para as atitudes e respostas adequadas face à gaguez dos filhos.

MÉTODO

TIPO DE ESTUDO

Este estudo é descritivo, transversal de natureza qualitativa e quantitativa. Nos estudos quantitativos procura-se explicar os resultados através do exame das relações estatísticas entre variáveis numa determinada situação (Ribeiro, 2008). Turato (2005), defende que os estudos qualitativos são fundamentais quando se pretende entender o significado individual ou colectivo de um fenómeno para a vida das pessoas e conhecer as vivências e representações que as pessoas têm dessas experiências de vida. Culturalmente os significados partilhados organizam o grupo social em torno de representações e simbolismos. Segundo Miranda (2008), os métodos qualitativos empregam na sua generalidade procedimentos interpretativos, com valorização dos pressupostos relativistas e a representação verbal dos dados, como é o caso do presente estudo, onde se recorreu predominantemente à análise qualitativa, embora não se tenha dispensado uma análise quantitativa.

PARTICIPANTES

Os participantes para o nosso estudo foram recolhidos aleatoriamente em vários locais, de acordo com o consentimento e disponibilidade de vários profissionais e das figuras parentais das crianças com gaguez. O grupo é constituído por 10 crianças, sendo 6 do sexo masculino (60%) e 4 do feminino (40%), com idades compreendidas entre 8 e os 13 anos, tendo na sua maioria (80%) acompanhamento por parte de um terapeuta da fala. A escolha dos participantes para este estudo teve como principais critérios de selecção as crianças sofrerem da problemática da gaguez e haver consentimento para participarem neste estudo.

Tendo em consideração outras variáveis sócio-demográficas dos participantes, como a *idade*, a *idade do aparecimento de indicadores de gaguez*, o *estado civil dos pais* e *com quem as crianças vivem*, seguidamente iremos apresentar a caracterização deste grupo.

Idade

A idade mínima das crianças é de 8 anos, a máxima de 13 e a média de 10,1. A distribuição de frequência é apresentada na tabela seguinte:

Quadro 1

Idade das Crianças

Idade	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
8	2	20%
9	3	30%
10	1	10%
11	1	10%
12	2	20%
13	1	10%

A idade com maior representatividade no nosso grupo é a de 9 anos (30%). As crianças com uma faixa etária entre os 8 e 12 anos representam 20% e 10% das crianças situa-se entre os 10, 11 e 13 anos.

Aparecimento de Indicadores de Gaguez

O aparecimento de indicadores de gaguez nas crianças participantes foi sinalizado, para situações em que a gaguez assume um carácter permanente entre os 3 e os 8 anos de idade.

Quadro 2

Aparecimento da Gaguez

Aparecimento de indicadores de gaguez	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Gaguez Periódica	2	20
Desde os 3/4 anos	1	10
Desde os 4 anos	1	10
Desde os 4/5 anos	1	10
Desde os 6/7 anos	4	40
Desde os 8 anos	1	10

Neste grupo situam-se com maior percentagem (40%) as crianças cujos indicadores de gaguez se manifestam desde os 6/7 anos de idade. As crianças com gaguez periódica representam 20% do grupo de participantes, verificando-se que a percentagem das crianças

cujos indicadores de gaguez se manifestam desde os 3/4 anos (10%), é a mesma da das restantes faixas etárias (desde os 4, 4/5 anos e 8 anos).

Com Quem Vive (Agregado Familiar)

Sobre os dados relativos à família, verificámos que os pais são na sua maioria casados (60%) e 40% divorciados, vivendo 10% das crianças com a mãe e 30% com a mãe e o padrasto.

Em anexo (Anexo A) constam alguns dados clínicos para melhor compreensão de cada uma das crianças.

INSTRUMENTO

Neste trabalho foram aplicados, o Teste do Desenho da Família (Imaginária e Real), uma entrevista semi-estruturada sobre o Conceito de Família e por último o Questionário de Ligação Parental para Adolescentes (QLP-A) (Baptista, Negrão, Lory, & Carvalho, 1997). Considerámos que esta panóplia de provas, seriam pertinentes também no sentido de se complementarem.

Teste do Desenho da Família (Imaginária e Real)

A família desempenha um papel fundamental na vida de qualquer criança, pois como é generalizadamente reconhecido, a relação com a família é primordial para o bom desenvolvimento psicológico e construção da personalidade do ser humano.

A aplicação do Teste do Desenho da Família, foi por nós utilizado, com o objectivo de apreciar como é que as crianças diferenciam e representam os vários elementos da família e consequentemente, abordar alguns aspectos da dinâmica afectiva relacional no seio do seu próprio agregado familiar. Trata-se de uma técnica de investigação psicológica, não padronizada, com o objectivo de conhecer a situação da criança dentro do seu meio familiar, representando ao mesmo tempo um modo privilegiado da criança se expressar. A criança ao desenhar, pode libertar as tensões internas e os fantasmas existentes: como referem Houzel, Emmanuelli e Moggio (2004), os processos mentais cognitivos, afectivos e intelectuais coexistem com os mecanismos de defesa ligados às pulsões primárias. Este teste foi elaborado

por Corman em 1967, com o objectivo de permitir também uma projecção da personalidade global da criança, a nível consciente e inconsciente, na medida em que expressa a sua imaginação e criatividade (Corman, 1961).

Na investigação, optámos pela versão imaginativa de Corman (1961), em que se propõe à criança: “Desenha uma família que tu imagines, que podes inventar como quiseses”, procurando desta forma obter conteúdos mais projectivos. Perante esta instrução, grande parte das crianças cria uma família desejada, permitindo-se assim, segundo este autor uma maior projecção associada normalmente a uma diminuição das defesas, pois não se tratando da própria família “quase tudo pode acontecer”. Segundo o autor, esta instrução mais geral, permite à criança construir um mundo social que lhe convenha, podendo assim afastar-se tanto quanto quiser da realidade concreta, para dar preferência às suas próprias tendências e à sua concepção pessoal da vida familiar, ou seja, este desenho permite a expressão das fantasias da criança face a uma família ideal e a si própria.

No Desenho da Família, a criança deverá escolher os membros que a constituem, o valor de cada um e o ambiente familiar; através destes aspectos a criança projectará os sentimentos que nutre pela sua família, as relações familiares, os conflitos existentes e como se sente no seio da família, como grupo e relativamente a cada um dos seus membros em particular.

Corman, (1961) no seu livro, sugere que para a realização do desenho da Família, seja posta à disposição da criança, folhas brancas A4 e lápis de carvão. Contudo, optamos por deixar à disposição das crianças, folhas brancas de formato A4, vinte e quatro lápis de cor, vinte e quatro marcadores, lápis de carvão e uma borracha, não exposta, apenas cedida à criança se esta a solicitasse, tendo sido este o material fornecido quer no desenho da família imaginária, quer no desenho da família real. Também no final de ambos os desenhos e seguindo novamente a metodologia de Corman, aplicámos um pequeno questionário, de forma a compreender melhor as vivências e fantasias da criança, assim como as suas identificações, quer conscientes, quer inconscientes. Estas questões focam: quem são as pessoas do desenho, o que fazem, a pessoa mais e menos simpática e mais e menos feliz, quem manda mais e menos e quem é que gostaria de ser.

O Desenho da Família Real, consistiu na segunda parte da prova do desenho da família, tendo por finalidade, não só o facto de podermos analisar o desenho a nível da estrutura formal e conteúdo, mas também para testar a reacção das crianças quando lhes é pedido que retratem a sua própria família, após terem desenhado uma família imaginária, considerando-se

quem é desenhado e como, qual o lugar ocupado por cada elemento e a comparação entre este desenho e o da família imaginária, analisando-se assim deformações, supressões e acréscimos ocorridos entre os dois desenhos. Pretende-se deste modo perceber como a criança representa a sua família, como se vê a ela própria, as suas fantasias e como sente e vive cada elemento da sua família.

Por fim, aplicámos o questionário mencionado anteriormente e seguidamente transcrito, pois tal como na família imaginária facilitaria a compreensão dos conteúdos dos desenhos.

Questões efectuadas após a realização dos desenhos:

- 1) Podes me dizer quem são as pessoas do teu desenho e o que elas estão a fazer?
- 2) Qual é que tu achas que é o mais simpático? E porquê?
- 3) Qual é que tu achas que é o menos simpático? E porquê?
- 4) Quem é que tu achas que é o mais feliz? E porquê?
- 5) Quem é que tu achas que é o menos feliz? E porquê?
- 6) Quem é que tu achas que manda mais? E porquê?
- 7) Quem é que tu achas que manda menos? E porquê?

A interpretação de um desenho deve ser feita em função de três categorias: o valor expressivo do grafismo, o valor narrativo (narrativa sobre e à volta do desenho que revela as problemáticas imaginárias e reais da criança) e o valor projectivo. A avaliação/interpretação de qualquer aspecto do desempenho gráfico deve ter em conta a idade real da criança e o seu nível de desenvolvimento, dependendo este do seu amadurecimento afectivo e psico-biológico (Ocampo, 2005).

Entrevista

Segundo Pedinielli (1999), na entrevista semi-estruturada o investigador ou psicólogo dispõe de um guião de entrevista, tendo presentes algumas questões que correspondem ao tema sobre o qual se pretende conduzir a investigação.

A entrevista semi-estruturada sobre o conceito de família, foi construída pela equipa de psicólogos do Serviço de Adopções da Segurança Social do Distrito de Lisboa, tendo por base um poster intitulado por “Family Experience and the roles attributed to parents”, feito pela Universidade La Laguna de Tenerife e apresentado numa conferência em Madrid.

Esta entrevista semi-estruturada, tem como intuito analisar o conceito de família das crianças e os papéis que atribuem a cada um dos seus membros, nomeadamente aos pais, irmãos e avós. Através das questões colocadas durante a entrevista é possível aceder à dinâmica familiar da criança e compreender como esta percepciona ou que representação faz de cada membro da família mais próxima.

Tendo em consideração a temática específica da gaguez, juntámos algumas perguntas sobre este assunto à entrevista semi-estruturada sobre o conceito de família referida inicialmente, nomeadamente sobre a qualidade de comunicação que a criança tem com as figuras parentais, aspecto central neste trabalho; assim, tal como a entrevista original sobre o conceito de família, introduzimos por um pequeno texto, com o objectivo de despoletar a projecção, *“Imagina que encontras um extraterrestre que acabou de chegar ao nosso planeta. Ele nunca esteve cá e vem de uma galáxia muito distante, por isso, não sabe como funcionam as coisas no nosso planeta e como não entende nada, decide fazer-te algumas perguntas. Que dirias se ele te perguntasse...”*. A partir desse pequeno texto, surgem 21 questões (Anexo B), relacionadas com a constituição de uma família e com a gaguez propriamente dita, começando-se por perguntas sobre o conceito de família de uma forma mais abrangente para facilitar a projecção da criança, seguindo-se de perguntas mais direccionadas para a própria criança sobre a sua família e dinâmica relacional, assim como para a sua vivência relativamente à gaguez; assim são abordadas questões como o conceito de família para a criança, o papel de cada um dos membros da família mais próxima, a forma como a criança vê cada uma das figuras parentais, como se sente quando gagueja e a atitude/reacção dos pais quando tal acontece.

Questionário de Ligação Parental para Adolescentes (QLP – A)

O Questionário de Ligação Parental para Adolescentes (QLP – A) (Anexo C), foi desenvolvido e validado para a população portuguesa em 1997 por Baptista, Negrão, Lory e Carvalho e foi baseado no Parental Bonding Instrument (PBI), de Parker, Tupling & Brown (1979). Para desenvolverem o questionário tiveram por base o modelo de práticas parentais educativas desenvolvido por Parker e colaboradores, que tinha por objectivo avaliar retrospectivamente a relação com os pais em indivíduos adultos.

Este questionário foi construído com o objectivo de uma avaliação dos estilos e práticas parentais educativas em adolescentes. As análises efectuadas demonstraram que o Questionário de Ligação Parental para Adolescentes portugueses apresenta uma estrutura

distinta da escala que lhe deu origem “O Parental Bonding Instrument”; neste questionário, os seus autores (Parker, Tupling & Brown, 1979), identificaram apenas dois factores, Carinho e Protecção, os quais eram avaliados por 25 itens. Na validação desta escala por Baptista, Negrão, Lory & Carvalho (1997), após a realização de uma análise factorial, os itens 8 e 25 (pertencentes à escala protecção) foram retirados (por apresentarem sempre peso inferior a 0.30 em todos os factores), tendo sido encontradas três dimensões que avaliam as percepções dos sujeitos face às práticas parentais educativas: I – Carinho; II – Autonomia e III – Protecção. Estas três dimensões explicam 56.3% e 52.3% da variância total do modelo, respectivamente para as pontuações do pai e da mãe. A *dimensão carinho* é constituída por 12 itens que sugerem afecto, empatia e proximidade; a *dimensão autonomia* é constituída por 5 itens que sugerem promoção de independência e autonomia e por último, a *dimensão protecção* é constituída por 6 itens que sugerem controlo, superprotecção, intrusão, contacto excessivo, infantilização e prevenção do comportamento independente.

Em cada uma das questões, o pai e a mãe são avaliados separadamente numa escala que varia entre 0 (nada parecido) e 3 (muito parecido).

No que respeita às qualidades psicométricas e tomando como referência o estudo realizado por Baptista (1997), verifica-se que o questionário apresenta uma homogeneidade aceitável dos itens, tendo demonstrado alguma garantia em fornecer resultados precisos.

No entanto, apesar das cautelas metodológicas, segundo os seus autores, este questionário permite elaborar estudos prospectivos que relacionem o comportamento parental e o desenvolvimento cognitivo e emocional. Assim, apesar do Questionário de Ligação Parental ser indicado para uma população adolescente, foi incluído no conjunto das provas a aplicar, dado o seu conteúdo e linguagem serem de fácil compreensão e os dados obtidos poderem complementar os das outras provas aplicadas, nomeadamente no que concerne à compreensão das relações estabelecidas entre pai – filho e mãe – filho, de grande importância na temática da gaguez.

PROCEDIMENTO

As crianças foram seleccionadas por conveniência, através de vários contactos que efectuámos com diversos espaços terapêuticos, terapeutas da fala e pais de crianças com gaguez de que tivemos conhecimento.

Foi redigida uma carta de consentimento (Anexo D), onde se expunha o teor da investigação e os seus objectivos e todos os dados inerentes à mesma, pedindo-se autorização aos encarregados de educação das crianças, para que estas pudessem colaborar neste estudo. Esta carta foi entregue, quer através de contacto directo com os pais, quer através dos terapeutas da fala que acompanhavam as crianças, tendo-se também pedido o assentimento destas para colaborarem na investigação.

Após todo este processo de salvaguarda dos aspectos éticos e deontológicos inerentes à investigação, à medida que íamos obtendo as autorizações por parte das figuras parentais, procedíamos à recolha da informação. Assim, foram marcados horários favoráveis para alguns dos encarregados de educação levarem as crianças às clínicas onde estavam a ser acompanhadas e noutros casos deslocámo-nos às escolas, para recolher os dados numa única sessão, com cada criança individualmente, por um período de cerca de uma hora e meia.

Durante estas sessões de recolha de dados, as provas foram aplicadas numa sequência previamente planeada; assim, após uma curta conversa com a criança sobre a investigação e o que iríamos fazer durante aquele período de tempo, era proposto a realização do Desenho da Família, ao qual as crianças aderiram maioritariamente de bom grado, talvez devido ao seu carácter lúdico. O Teste do Desenho da *Família Imaginária* de Corman, foi a primeira prova a ser aplicada, uma vez que, poderia ajudar a criança a ficar mais à vontade e tranquila face a uma nova situação e contacto com uma pessoa estranha, facilitando-se assim o estabelecimento de uma relação. Seguidamente solicitou-se à criança que realizasse o Desenho da sua *Família Real* e na continuidade da sessão, foi aplicada a entrevista semi-estruturada sobre o conceito de família e gaguez. Todas as entrevistas foram gravadas, após termos obtido a autorização tanto dos encarregados de educação, como das próprias crianças. Posteriormente as entrevistas foram transcritas de forma a poderem ser analisadas e por último, foi aplicado o Questionário de Ligações Parentais para adolescentes (QLP – A).

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Recorremos a procedimentos de análise qualitativa nos casos da entrevista semi-estruturada e do desenho da família, tentando através da técnica da análise de conteúdo (de uma análise categorial), extrair informações o mais possível precisas e objectivas. Inicialmente fez-se uma análise temática, agrupando-se os elementos/unidades comuns do texto, classificando-se e categorizando-os (categorias consistem em classes que reúnem um conjunto de elementos sob um título genérico), de forma a obter uma determinada organização dos elementos/mensagens (Bardin, 2004).

No que concerne à análise do questionário de ligação parental, fez-se uma análise quantitativa, estatística.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO TESTE DO DESENHO DA FAMÍLIA IMAGINÁRIA E REAL

No desenho da família, optámos por fazer uma análise o mais objectiva e clara possível, tendo como objectivo encontrar diferenças ao nível da representação da família, nomeadamente das figuras materna e paterna. Para esse efeito construímos quatro grelhas de análise, tendo em consideração alguns critérios propostos tanto pelo autor deste teste, como por Almeida (1994), no seu trabalho. Assim, construímos as nossas próprias grelhas de análise categorial, nas quais agrupámos os elementos recolhidos em dois grandes grupos: duas grelhas para os elementos formais, uma para o desenho da família imaginária, outra para o desenho da família real e duas grelhas de análise baseada nas respostas dadas pelas crianças ao questionário aplicado após a realização dos dois desenhos (família imaginária e real).

Ao longo da apresentação de resultados, iremos referir algumas das respostas dadas pelas crianças às questões sobre os seus desenhos, de forma a podermos ilustrar e tornar mais compreensivos os dados obtidos.

No anexo (Anexo E) poderá encontrar-se os desenhos da família real e imaginária realizados por estas crianças.

ANÁLISE DOS ELEMENTOS FORMAIS DO DESENHO DA FAMÍLIA IMAGINÁRIA

Relativamente à análise dos aspectos formais do desenho da família imaginária foram observados os seguintes elementos (ver Anexo F): *Amplitude do Traço*, *Força do Traço*, *Tamanho*, *Enquadramento/Zona de Enquadramento*, *Esquema Corporal*, *Diferenciação entre Gerações*, *Diferenciação Sexual*, *Distância entre Personagens*, *Elementos/Movimentos Afectuosos*, *Valorização das Figuras*, *Presença ou não de Ambiente*, *Particularidades* e se se trata de um *Desenho Sensorial ou Racional*.

Seguidamente iremos de forma sintética reportar os dados correspondentes a cada um dos elementos mencionados:

1) “*Amplitude do Traço*”: verificámos que a grande maioria das crianças (80%), apresentou uma amplitude do traço “*normal*” (tanto rapazes como raparigas), tendo apenas 10% das crianças utilizado uma amplitude de traço maior (ocupando grande parte da folha) e 10% uma amplitude menor (ocupando um espaço mínimo da folha).

2) “*Força do Traço*”: tal como no caso da amplitude do traço, a maioria (80%), situa-se dentro da “*normalidade*”, verificando-se que apenas 20% das crianças apresentam um traço fraco e fino.

3) “*Tamanho*”: 80% situam-se dentro da normalidade, existindo apenas 10% das crianças que representam as figuras em tamanho grande e 10% figuras pequenas.

4) “*Enquadramento*”: categoria correspondente à zona da página em que o desenho se situa, verificámos diferenças entre o sexo feminino e masculino, pois todas as raparigas (100%) ocuparam a folha na sua totalidade e os rapazes dividiram-se entre o centro (30%), o lado esquerdo (30%) e em baixo (30%) e alguns deles em duas áreas (em baixo e mais ao lado esquerdo). Pudemos também observar que a grande maioria (80%) dos desenhos foram representados da esquerda para a direita.

5) “*Esquema Corporal*”: verificámos que a grande maioria das crianças (80%), tanto do sexo masculino, como do feminino, representaram as suas figuras com um esquema corporal “*preservado*”, denotando-se contudo uma diferenciação, no sentido de que 20% das crianças de sexo masculino apresentou algumas dificuldades na sua representação.

6) “*Diferenciação de Gerações*”: a grande maioria das raparigas (75%), salientam uma “*Clara Diferenciação de Gerações*” através do tamanho das figuras, vestuário utilizado, adereços, verificando-se que, apenas uma rapariga apresentou uma “*Diferenciação Mínima*”, ou seja, personagens praticamente iguais. Em contrapartida, nos rapazes podemos observar

resultados divergentes, observando-se em 50% dos casos, uma “*Diferenciação Mínima de Gerações*”, com personagens quase iguais (diferenças a nível do tamanho) e 66,7% “*Não faz Qualquer Diferenciação de Gerações*”, as figuras são representadas sem elementos que assinalem essas diferenças;

7) “*Diferenciação Sexual*”: podemos verificar resultados semelhantes aos da categoria “*Diferenciação de Gerações*”, uma vez que existe uma “*Clara Diferenciação Sexual*” na representação de todas as figuras pelas crianças do sexo feminino (100%), ou seja, a totalidade das raparigas faz uma clara distinção entre géneros, através do vestuário, cabelos e adereços, contrariamente às crianças do sexo masculino, que na sua maioria (66,7%) apresentam uma “*Diferenciação Sexual Mínima*”, observando-se apenas em 10% uma “*Clara Diferenciação Sexual*” através dos adereços apresentados e noutros 10%, a diferenciação sexual é completamente “*Inexistente*”.

8) “*Distância entre as Personagens*” (representação das figuras em estratos): apenas se observou esta categoria numa das crianças do sexo feminino.

9) “*Elementos Afetuosos/Movimento, de Afecto*” (como o agarrar ao colo, um abraço, os braços esticados entre as figuras, o contacto ocular): categoria observada em três desenhos de rapazes, tendo-se verificado mais especificamente entre pais e filho e filho e pais (10%), mãe e filho e filho e mãe (10%) e pai e filho (10%);

10) “*Valorização das Figuras*” (figura desenhada em primeiro lugar, tamanho maior, na convergência dos olhares dos outros, executada com um maior cuidado e mais tempo, com detalhes ou numa posição central): salientou-se a “*Figura Paterna*” (20%), do “*Filho*” (20%) e dos “*Avós*” (20%), seguida da “*Figura Materna*” (10%), da “*Filha*” (10%) e de uma “*Figura Imaginária*”, do mundo de fantasia (10%) representada por uma criança. No que concerne às figuras menos valorizadas (desenhadas em último lugar, com menos detalhes, num plano e tamanho inferior, separadas das outras figuras, ou até mesmo omissão/supressão de uma pessoa da família), podemos observar com (10%) a “*Figura Materna*”, a “*Filha*” ou o “*Avô*”.

11) “*Ambiente*” (presença ou ausência de ambiente a enquadrar a família): à semelhança do que já foi observado noutras categorias, existe uma clara diferença na representação dos desenhos realizados pelo sexo feminino e masculino, verificando-se que, a maioria dos desenhos executados pelas raparigas apresentam “*Um Ambiente*” envolvente para além das figuras (50%), como o sol, a montanha, nuvens, árvores, animais, jardins, casa, flores, desenrolando-se a cena familiar no exterior de uma casa. No caso dos rapazes, contrariamente

às raparigas, na maioria dos desenhos executados, são representados “*Sem Ambiente*” envolvente, incluindo apenas as personagens da família, sem quaisquer outros elementos;

12) “*Particularidades*”: nesta categoria observámos “*Figuras Suspensas e Sem Apoio*” (20%), “*Ausência de Objectos Vitais*” (20%), “*Desolação/Pobreza Fantasmática*” (10%), como rostos em forma de carapaça e “*Figuras ou Pormenores Bizarros*” (20%), como acessórios com formas fálicas;

13) Desenhos de nível “*Sensorial*” (desenhos não muito precisos, com espontaneidade e dinamismo) ou desenhos de nível “*Racional*” (muito precisos, com rigor, regra/rigidez, com uma espontaneidade mais ou menos inibida, reprodução estereotipada e rítmica de personagens pouco móveis e isoladas umas das outras): verificámos também diferenças entre sexos, observando-se que as raparigas apresentam desenhos de nível sensorial (100%) e os rapazes na sua maioria de nível racional (83,3%), com uma rigidez notória.

ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DO DESENHO DA FAMÍLIA IMAGINÁRIA

As grelhas de análise do questionário sobre o desenho da família imaginária, baseiam-se numa análise temática categorial, dividida em nove temas, eles próprios sub divididos em categorias e subcategorias. As categorias encontradas após a análise do questionário são apresentadas seguidamente em diversas tabelas. Cada participante poderá ter dado respostas classificadas em mais de uma categoria.

Quadro 3

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Configuração Familiar”, segundo o nº total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Família Imaginada Nuclear	40% (4)	50% (2)	33% (2)
Família Imaginada Adoptiva	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Família Imaginada Alargada	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Família Real Nuclear	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Família Real Monoparental	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Família Imaginada Monoparental	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Outras Famílias Imaginadas (Família Monoparental com membro da geração anterior)	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Na área temática da “*Configuração Familiar*” (Quadro 3), que diz respeito ao tipo de família representada pelas crianças, podemos observar que o tipo de família mais representado é a de uma “*Família Imaginada Nuclear*” (40%), como se pode evidenciar nas seguintes respostas: “*Uma menina, um menino, o pai e a mãe*”; “*O Tiago é o pai, a Sara é a filha mais velha, o Gui é mano mais velho e a Patrícia é a mãe*”; “*desenhei a família de uma menina. Esta é a Rita, que é a filha, este é o pai José, esta é a mãe Fernanda e este é o irmão mais novo, que se chama Manel*”. Com percentagens inferiores, obtivemos referências a uma “*Família Imaginada Adoptiva*” (10%), “*Família Imaginada Alargada*” (10%), “*Família Real Nuclear*” (10%), “*Família Real Monoparental*” (10%), “*Família Imaginada Monoparental*” (10%) e “*Outras Famílias Imaginadas (Família Monoparental com membro da geração anterior)*” (10%).

Quadro 4

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Contextualização do Desenho”, segundo o nº total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Envolvidos em Actividades Lúdicas/Recreativas	70% (7)	25% (1)	100% (6)
A Parabenizar o Casamento de Amigos	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Numa Reunião Familiar	10% (1)	25% (1)	0% (0)
A Ir para Casa	10% (1)	25% (1)	0% (0)

Sobre a “*Contextualização do Desenho*” (Quadro 4), podemos observar que a grande maioria das crianças (70%), representaram as figuras da família “*Envolvidas em Actividades Lúdicas e Recreativas*”. Entre as respostas dadas pelas crianças pode-se destacar “*estamos a brincar, às escondidas*”; “*eles estão a dar um passeio no parque*”; “*estávamos na praia, a fazer surf*”; “*... estão juntos, a acampar*”; “*eles estão a ir para a praia*”; “*eh, estou a passear*”. Com percentagens muito inferiores, três crianças do sexo feminino, referiram ainda outros tipos de contextualizações no desenho, como, a ir para o “*Casamento de uns Amigos*” (10%), “*Numa Reunião Familiar*” (10%) ou “*A Ir para Casa*” (10%).

Quadro 5

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Mais Simpática”, segundo o nº total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Figura Infantil	50% (5)	50% (2)	50% (3)
Figura Paterna	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Avós	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Figura Materna	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Figura de Fantasia/Imaginária	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Todos	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Relativamente à terceira temática, “*A Figura Mais Simpática*” (Quadro 5), podemos verificar que a figura que mais se destaca, com uma percentagem de 50%, é claramente a “*Figura Infantil*”, tanto nas crianças de sexo masculino, como feminino, aparecendo mais como figura de identificação, “*o meu irmão... O mais velho! Porque é o que eu posso dizer mais coisas e contar com ele sempre. Não é mais próximo, mas é como se fosse o meu ídolo*”; “*é a menina. Ah, porque a menina, ainda é pequena e não sabe falar, ao contrário do irmão, que não sabe ser simpático e que os pais, às vezes, podem querer dizer coisas que não... que não ficam assim muito apropriadas, tipo asneiras*”; “*ah, este! (apontando para o menino). Porque... porque ele é pequenino e a mãe ensina-lhe as coisas*”. A seguir à figura infantil em termos percentuais, segue-se a referência apenas por crianças do sexo feminino, à “*Figura Paterna*” (10%) (“*eu acho que era o pai. Era mais descontraído, pronto*”) e os “*Avós*” (10%) (“*é a avó materna, porque tem um ar simpático, é querida e é muito amorosa*”). Nas crianças do sexo masculino, um rapaz refere a “*Figura Materna*” (“*a minha mãe, porque ela faz-me as vontades todas*”), outro uma “*Figura de Fantasia/Imaginária*” (“*eu acho que é ele, porque ele é um super-homem. Sim, e salva todos!*”) e por último, ainda outro rapaz “*Todos*” as figuras como sendo as mais simpáticas (“*acho que são todos simpáticos, porque são uma família feliz!*”).

Quadro 6

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Menos Simpática”, segundo o nº total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Figura Materna	30% (3)	50% (2)	17% (1)
Figura Paterna	30% (3)	25% (1)	33% (2)
Avós	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Figura Infantil	20% (2)	0% (0)	33% (2)

No que concerne à “*Figura Menos Simpática*” (Quadro 6), constatamos que as respostas dadas pelas crianças se dividem entre a “*Figura Materna*” (30%) e a “*Figura Paterna*” (30%), sendo a figura materna mais referida pelas raparigas e a figura paterna pelos rapazes. Esta questão poderá remeter para o exercício da autoridade, tal como se poderá deduzir de alguns comentários das crianças: “*é o pai, porque, às vezes, refila muito*”; “*o menos simpático acho que, às vezes, é um bocadinho o Tiago (pai)... porque, às vezes, quando a Sara – filha- deixa cair alguma coisa no chão, um brinquedo ou assim, o Tiago obriga a Sara, a pronto, a limpá-lo e pô-lo no lugar... pô-lo no lugar compreendo, mas a limpá-lo, também não percebo qual é a lógica*”; “*eu diria que é o pai... o pai é que pode dizer mais asneiras*”. No caso da figura materna, algumas crianças verbalizaram “*era a mãe, era mais autoritária.*”; “*é a mãe, porque está sempre a dizer para eu estudar e para eu me portar bem*”; “*a Fernanda (mãe), porque tem uma madeixa! Porque tem um vestido esquisito, todo vermelho e ninguém saiu aos olhos azuis*” (neste caso denota-se aqui certa desvalorização da figura materna). Entre as categorias menos referidas (com 20% cada) situam-se os “*Avós*” (“*o menos simpático é o avô, porque os avós quando ficam um bocadinho..., quando ficam assim velhos, ficam um bocadinho rabugentos*”; “*é o avô paterno! Quase sempre está rabugento, está mal disposto e está sempre a gritar com a mulher dele*”) e a “*Figura Infantil*” (referida por dois rapazes: “*eu, porque não faço nada à minha mãe*”).

Quadro 7

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Mais Feliz”, segundo o nº total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Figura Infantil	60% (6)	75% (3)	50% (3)
Figura Materna	20% (2)	0% (0)	33% (2)
Figura Paterna	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Todos	10% (1)	0% (0)	17% (1)

No que diz respeito à quinta temática “Figura Mais Feliz” (Quadro 7), constatámos que mais uma vez a “Figura Infantil” apresenta percentagens mais elevadas (60%), tendo sido salientada tanto pelo sexo masculino como feminino, podendo a criança projectar-se e identificar-se com ela (dado a proximidade de idade e papéis no seio da família), idealizando-a. Esta figura pode também simbolizar o desejo de autonomia das crianças (“o mais feliz acho que é a Sara – filha -, porque a Sara já pode fazer tudo, já vai ao Pingo Doce sozinha fazer as compras, já pode ir a casa das primas sozinha que é ali ao lado, já pode fazer coisas que eu ainda não posso”; “o mais feliz?! É o meu irmão, também, porque faz o que quer”; “o mais feliz acho que é o bebé, porque o bebé ainda não sabe muito bem como é que as coisas correm, por isso pode estar sempre a rir”; “a filha! Tem a família toda, é a mais jovem e tem muitos amigos”. Em termos percentuais a seguir à figura infantil, aparece-nos a “Figura Materna” (20%) apenas nomeada por crianças do sexo masculino (“a minha mãe, porque é ela que me dá carinhos”; “o mais feliz é a mãe! Ah, porque arranja sempre namorados e fica feliz”), a “Figura Paterna” (10%) é também referida por uma criança do sexo feminino (“o pai, porque é o mais engraçado”) e por último, “Todas” as figuras com 10% (“a família toda, porque estão sempre a fazer coisas em conjunto”).

Quadro 8

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Menos Feliz”, segundo o n.º total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Figura Materna	40% (4)	75% (3)	17% (1)
Figura Infantil	30% (3)	0% (0)	50% (3)
Avós	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Ninguém	10% (1)	0% (0)	17% (1)

No que concerne à sexta temática da análise, a “*Figura Menos Feliz*” (Quadro 8), sendo esta oposta à anterior, observámos que a figura que é maioritariamente referida é a “*Figura Materna*” (40%), principalmente pelas crianças do sexo feminino (“*eu acho que é a Patrícia - mãe representada, porque, às vezes, quando o Tiago vai sair e a Patrícia, também, tem uma coisa marcada, a Patrícia tem que desmarcar tudo para ficar com a Sara e com o Gui, por isso é que eu acho que é...*”; “*era a mãe, porque vivia num regime e, então, como mandava muito, ninguém gostava muito dela*”; “*a mãe, porque anda sempre chateada*”). Pode-se assim depreender que a figura materna é encarada por estas crianças como uma figura de autoridade, de controlo, é a pessoa responsável por cuidar dos filhos; 30% dos rapazes referem também uma “*Figura Infantil*”, associando-a à necessidade de amigos ou ser aceites (“*sou eu, porque não tenho tantos amigos*”; “*deve ser o meu irmão mais novo, porque sofre com os outros todos em cima*”; “*... esse! Porque ele queria ter amigos e não podia*”). Por último, temos a referência aos “*Avós*” (20%), pelas crianças de ambos os sexos ou “*Ninguém*” (10%) menos feliz na família.

Quadro 9

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura de Autoridade”, segundo o n.º total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Figura Materna	40% (4)	50% (2)	33% (2)
Figuras Parentais	30% (3)	0% (0)	50% (3)
Figura Infantil	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Figura Paterna	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Figura de Fantasia/Imaginária	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

A temática que se segue é a “*Figura de Autoridade*” (Quadro 9), que diz respeito à pergunta do questionário “*quem é que tu achas que manda mais? Porquê?*”, verificando-se que a figura mais vezes referida (40%) pelas crianças de ambos os sexos foi a “*Figura Materna*” (“*a mãe, porque a mãe é sempre aquele papel de má da fita, às vezes...*”; “*é a minha mãe, porque é a minha mãe que manda*”; “*a mãe, porque a mãe está mais tempo em casa*”); 30% dos rapazes referem ambas as “*Figuras Parentais*” (“*o pai e a mãe, porque, são os mais velhos e nós temos que ter respeito por eles e eles por nós*”; “*os pais, porque são os maiores de idade e os mais responsáveis*”), justificando com a hierarquia de papéis entre pais e filhos. Por último aparece a “*Figura Infantil*” mencionada por 20% das crianças, sendo associada à autoridade dos irmãos mais velhos sobre os mais novos (“*eu acho que é a Sara - filha - porque ela é mandona e manda os irmãos fazer coisas...*”; “*manda... em mim é o meu irmão. É! Porque ele bate-me*”), com 10%, segue-se a “*Figura Paterna*” (“*realmente, é o pai! É resmungão! Sim, Nunca trabalha, é preguiçoso e manda ordens*”) e a “*Figura de Fantasia/Imaginária*” referida apenas por uma criança (“*... É o super-herói, porque ele gosta de salvar pessoas e porque ele gosta de mandarem nos fatos dele, no mundo todo, pronto mais ou menos*”).

Quadro 10

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura que Exerce Menos Autoridade”, segundo o nº total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Figura Infantil	70% (7)	25% (1)	100% (6)
Figura Paterna	20% (2)	50% (2)	0% (0)
Figura Materna	10% (1)	25% (1)	0% (0)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

No que diz respeito à “*Figura que Exerce Menos Autoridade*” (Quadro 10) destaca-se a “*Figura Infantil*”, sendo referida por 100% dos rapazes e 25% das raparigas (“*é a filha e o filho, porque são mais novos, mas isso não significa que, também, não mandem*”; “*sou eu, porque ainda sou pequeno*”; “*o menino, porque ele... porque é pequenino e tem que aprender as outras coisas que os avós e a mãe sabem*”), associando-se assim o poder com a

diferença de papéis e autoridade das figuras parentais. A “*Figura Paterna*” foi a segunda figura mais referida como a que manda menos, mas apenas pelas crianças do sexo feminino (30%), que parecem considerar a mãe como a figura que manda mais (“*era o pai, porque, se calhar, como a mãe já era muito autoritária, ele compensava, pois, é para as crianças serem felizes*”; “*é o pai, porque ele sai às sete horas e vem à meia-noite*”). Por sua vez a “*Figura Materna*” foi referida apenas por 10% das crianças, (“*a mãe, porque nunca está em casa, normalmente está sossegada, faz o jantar e passa a ferro e nem sempre está a ralhar, está menos do que os outros*”), salientando-se aqui no seu todo, que a figura materna é vista como a figura autoritária, que desempenha os papéis domésticos na família.

Quadro 11

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura de Identificação”, segundo o n.º total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Figura Infantil	70% (7)	75% (3)	67% (4)
Avós	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Figura Paterna	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Figura de Fantasia/Imaginária	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Por fim, a “*Figura de Identificação*” (Quadro 11), remete para a última temática e pergunta do questionário, onde podemos observar que a figura que claramente se destaca, sendo esta a mais referida pelas crianças de ambos os sexos (70%), é a “*Figura Infantil*”, talvez pela proximidade de idade e papéis (“*eu gostava de ser a Sara – filha*”; “*o irmão, porque, apesar de ter uma... uns pais assim, pronto, mas como o pai era bom e acho que deixava fazer tudo o que quisessem e a irmã como também era adoptada, aquilo era mais engraçado*”; “*o menino. Sim, porque ele... porque ele é pequenino e porque eu também sou*”). Ainda nesta temática, temos a referência a outras figuras (cada uma com 10% das respostas), como a “*Figura Paterna*”, os “*Avós*” (“*... a avó materna, porque gosto mais dela, gostava de ter o cabelo assim e gosto das roupas delas, pretas*”) e por fim a “*Figura de Fantasia/Imaginária*” (“*esse! O super-herói, porque gosto de ajudar, voar e acabar o mundo*”).

ANÁLISE DOS ELEMENTOS FORMAIS DO DESENHO DA FAMÍLIA REAL

Seguidamente iremos reportar os dados relativos aos aspectos formais ao desenho da família real, tal como fizemos anteriormente para o desenho da família imaginária. Em anexo (Anexo G) estão apresentadas as percentagens sobre os seguintes elementos: *Amplitude do Traço*, *Força do Traço*, *Tamanho*, *Enquadramento/Zona de Enquadramento*, *Esquema Corporal*, *Diferenciação entre Gerações*, *Diferenciação Sexual*, *Distância entre Personagens*, *Elementos/Movimentos Afectuosos*, *Valorização das Figuras*, *Presença ou não de Ambiente*, *Particularidades* e se trata de um *Desenho Sensorial ou Racional*. Sobre estas categorias podemos referir, de uma forma sintética o seguinte:

1) “*Amplitude de Traço*”: verificámos que a maioria das crianças (80%) tanto do sexo masculino, como feminino, apresentam uma amplitude de traço considerada normal, verificando-se que apenas uma criança apresenta uma amplitude de traço menor (10%) e outra maior (10%).

2) “*Força do Traço*”: podemos observar tal como para a categoria anterior, que a maioria das crianças de ambos os sexos revelam um traço considerado normal (70%), apresentando duas crianças traço “*Fraco/Fino*” (20%) e uma criança um traço “*Forte*” (10%).

3) “*Tamanho*”: rapazes e raparigas representam na sua maioria (80%), figuras com um tamanho dentro da normalidade; apenas duas crianças do sexo feminino representaram figuras consideradas grandes (20%) e uma criança figuras consideradas pequenas (10%).

4) “*Enquadramento/Zona da Página*”: verificam-se representações divergentes; com uma percentagem mais elevada (40%) destaca-se a representação do desenho mais ao “*Lado Esquerdo*”, seguindo-se da representação “*Em Baixo*” (30%), “*Ao Centro*” (30%), na “*Totalidade*” da folha (30%) e por último a representação do desenho “*Em Cima*” com 10%. Ainda sobre este aspecto, podemos verificar que a percentagem de “*Zonas Brancas, do Lado de Baixo*” é mínima, pois obtivemos uma percentagem de 10%. Constatou-se também que a “*Sequência de Realização*” do desenho em 90% das crianças, foi da “*Esquerda para a Direita*”.

5) “*Esquema Corporal*”: a maioria das crianças (70%) de ambos os sexos apresentou um esquema corporal “*Preservado*” e apenas algumas crianças demonstraram “*Dificuldades*” na sua representação (20%).

6) “*Diferenciação entre Gerações*”: verificámos que estas crianças têm dificuldades na representação de gerações, observando-se que, 60% das crianças de ambos os sexos, desenharam figuras onde a “*Diferenciação é Inexistente*” e 40% das crianças, representaram

figuras com uma “*Diferenciação Mínima*”, ou seja, desenharam personagens praticamente iguais, constatando-se algumas diferenças no tamanho ou algo que as diferencia minimamente. Por último, apenas 10% das crianças realizaram desenhos, onde é notória uma “*Clara Diferenciação entre Gerações*”, como o tamanho, vestuário e adereços utilizados.

7) “*Diferenciação Sexual*”: também neste aspecto 80% das crianças de ambos os sexos representaram figuras em que a “*Diferenciação é Mínima*”, observando-se apenas um detalhe (por exemplo o cabelo), para diferenciar o sexo da figura; em 20% das restantes crianças, podemos verificar uma “*Clara Diferenciação Sexual*”, a nível do vestuário, cabelos e adereços utilizados.

8) “*Distância entre Personagens*”: verificámos que 30% das crianças representaram “*Desenhos em Estratos*”.

9) “*Elementos Afectuosos/Movimentos de Afecto*” (como abraços, braços esticados com intenção de abraçar, contacto ocular): 10% das crianças apresentaram elementos afectuosos direccionados “*Para o Próprio*” por parte da “*Figura Materna*” e 30% representou elementos afectuosos dirigidos “*Para Outros*” (10% entre a “*Filha e a Família*” e 20% entre a “*Mãe e o Pai*”).

10) Representação do “*Próprio*”, no desenho: não se verificou qualquer “*Ausência ou Exclusão*” da própria criança, observando-se que, 30% representa-se “*Mais Perto e Unido ao Pai*”, 20% “*Mais Perto e Unido à Mãe*”, 10% “*Entre a Mãe e o Pai*”, 10% “*Excluído do Casal*” e 10% “*Mais Perto da Irmã*”.

11) “*Valorização das Figuras*”: a figura desenhada em primeiro lugar, de forma central, em tamanho maior, com maior cuidado, mais rica em detalhes e pormenores e sob o olhar das outras figuras, ou seja, a figura mais valorizada por 40% das crianças, especialmente pelas raparigas é a “*Figura Materna*”; Outras figuras com uma percentagem de 10% cada, como a “*Figura Paterna*”, “*Os Irmãos*”, “*O Próprio*” e “*O Avô*”, foram também representados de uma forma valorizada. Relativamente às figuras “*Menos Valorizadas*” (desenhadas em último lugar, num plano inferior, em tamanho menor, com menos detalhes e separadas das outras figuras ou mesmo omitidas do desenho) são a “*Figura Paterna*”, os “*Irmãos*” e o “*Padrasto*”, todas eles também com uma percentagem de 10% cada.

12) “*Ambiente*”: observámos que a grande maioria das crianças de ambos os sexos (70%) realizou desenhos “*Sem Ambiente*”, incluindo apenas as figuras da família, sem quaisquer outros elementos. Por sua vez, 30% das crianças realizaram desenhos “*Com*

Ambiente”, ou seja com elementos para além das figuras da família, como casas, sol, nuvens, árvores, flores e animais.

13) “*Particularidades*”: 50% das crianças de ambos os sexos, representaram as figuras da família de “*Forma Suspensa e Sem Apoio*”, 20% com “*Ausência de Objectos Vitais*”, 10% com “*Figuras com Pormenores Bizarros*” e 10% com “*desolação/pobreza fantasmática*”, como rostos desenhados em forma de carapaça.

14) Verificámos que 90% das crianças de ambos os sexos, realizaram desenhos considerados “*Racionais*”, ou seja, desenhos muito precisos, com rigor e alguma rigidez, espontaneidade mais ou menos inibida, reprodução estereotipada e personagens pouco móveis e isoladas umas das outras; apenas uma criança do sexo feminino (10%) realizou um desenho considerado “*Sensorial*”, ou seja, um desenho não muito preciso, espontâneo e com dinamismo.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DO DESENHO DA FAMÍLIA REAL

Passaremos agora à análise das respostas dadas pelas crianças ao questionário do desenho da família real, de onde extraímos as temáticas apresentadas nas tabelas abaixo, tendo sido agrupadas de forma a apresentar os dados o mais claramente possível.

Tal como expressámos anteriormente para o desenho da família imaginária, as grelhas de análise que construímos, baseiam-se numa análise temática categorial dividida por temas, encontrando-se também estes divididos em categorias e subcategorias. As categorias encontradas neste questionário incluem: “*Configuração familiar*”, “*Contextualização do Desenho*”, “*Figura Mais Simpática*”, “*Figura Menos Simpática*”, “*Figura Mais Feliz*”, “*Figura Menos Feliz*”, “*Figura de Autoridade*” e por último a “*Figura que Exerce Menos Autoridade*”. Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria.

Quadro 12

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Configuração Familiar”, segundo o nº total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Família Real Nuclear	80% (8)	50% (2)	100% (6)
Família Alargada	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Família Real Reconstruída	10% (1)	25% (1)	0% (0)

No que diz respeito à temática “Configuração Familiar” (Quadro 12), podemos verificar que a grande maioria (80%) se refere a uma “Família Real Nuclear” (“sou eu, a minha irmã, o meu pai e a minha mãe”; “desenhei a minha família, que a minha família sou só eu, a minha mãe e o meu pai”); apenas 10% das crianças do sexo feminino referiram uma “Família Alargada” (“o meu avô paterno, a minha avó paterna. A minha mãe, o meu pai, o meu avô materno. Mais a minha avó materna, que já morreu! A avó materna, o pai, eu, a minha irmã e mais a minha tia-avó”) e 10% uma “Família Real Reconstruída” (“a minha mãe, eu e o meu padrasto Marco!”).

Quadro 13

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Contextualização do Desenho”, segundo o nº total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Envolvidos em Actividades			
Lúbricas/Recreativas	40% (4)	25% (1)	50% (3)
Em Casa – Rotina Diária	20% (2)	25% (1)	17% (1)
A Chegar a Casa	10% (1)	25% (1)	0% (0)
A Sorrir	10% (1)	25% (1)	0% (0)
A Contemplar o Céu	10% (1)	0% (0)	17% (1)
A Ir para o Aeroporto	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

Ao nível da temática “Contextualização do Desenho” (Quadro 13), podemos observar que grande parte (40%) das figuras familiares estão “Envolvidas em Actividades Lúbricas e Recreativas” (40%), (“nós estamos a brincar, à apanhada”; “estávamos... a brincar”;

“estamos a dar um passeio. Vamos a um campo”), 20% das crianças referem estar *“Em casa – Rotina Diária”*, (*“estamos em casa. O meu pai está no computador, a minha mãe está a engomar e eu e a minha irmã estamos a ver televisão”*); *“nós estávamos no nosso terraço, estávamos a acabar de jantar”*) e 10% em variadas situações, como *“A Chegar a Casa”*, (*“nós estamos a chegar a casa”*), *“A Sorrir”* (*“estamos a sorrir! Estão contentes, estão felizes! Olha, aconteceram coisas boas! Ganharam muito dinheiro, ah...o mais feliz, é que amam a eles próprios e aos outros e ganharam o euromilhões. Ganharam novecentos mil e quinhentos euros”*), *“A Contemplar o Céu”* (*“estávamos a olhar para o céu, a ver uma nuvem e o sol”*) e por último *“A Ir para o Aeroporto”* (*“estamos a ir para o aeroporto. Vamos viajar para Itália”*).

Quadro 14

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Mais Simpática”, segundo o nº total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
O Próprio	30% (3)	25% (1)	33% (2)
Figura Infantil	30% (3)	0% (0)	50% (3)
Figura Paterna	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Figura Materna	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Tia	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Todos	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Figuras Parentais	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

No que diz respeito à figura referida como a *“Mais Simpática”* (Quadro 14), relativamente à pergunta do questionário, *“quem é que tu achas que do teu desenho é o mais simpático? E porquê?”*, temos resultados divergentes, sendo que grande parte (30%) das crianças de ambos os sexos, referem *“O Próprio”* (*“o mais simpático acho que sou eu”*; *“o mais simpático é o super-homem, que sou eu, porque eu gosto de salvar pessoas e mais nada”*) e 30% das crianças do sexo masculino, referiram a *“Figura Infantil”*, associada aos irmãos e de alguma forma a uma certa idealização aos próprios (*“é o meu irmão...”*; *“ah... Porque ela – irmã - quando não conhece as pessoas começa-se a rir”*). A *“Figura Paterna”* e a *“Figura Materna”* são ambas referidas por 20% das crianças de ambos os sexos, como a figura mais simpática (*“... lá de casa, é o meu pai, se calhar... Pronto, é mais aberto com as*

peessoas. A minha mãe não. A minha mãe tem primeiro que as conhecer e essas coisas”; “..., o meu pai. Porque o meu pai deixa fazer tudo o que eu quero, mais ou menos ...”) ou (“o mais simpático acho que é a minha mãe..., porque a minha mãe, às vezes, quando o Marco está ao telefone ou assim, lá em baixo, nós vimos cá para cima, coisa que com as outras ... a minha mãe respeita-me e não grita, deixa-me falar baixinho e as outras mães nem me deixam falar”). Uma criança do sexo masculino, refere ainda ambas as “Figuras Parentais” como as mais simpáticas (“é o meu pai e a minha mãe, porque dão tudo ao meu mano e a mim”), uma rapariga a “Tia” (“para mim é a minha tia-avó! Vai sempre lá a casa, dá-me sempre mais apoio, lava as minhas roupas, porque a minha mãe é muito preguiçosa, estás a ver e que atura-nos ao sábado, quando a mãe vai às compras e assim”) e outra menina, “Todas” as figuras (“todos, porque aqui estão felizes”).

Quadro 15

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Menos Simpática”, segundo o n.º total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Ninguém	20% (2)	50% (2)	0% (0)
Figura Materna	20% (2)	25% (1)	17% (1)
O Próprio	20% (2)	0% (0)	33% (2)
Figura Infantil	20% (2)	0% (0)	33% (2)
Avós	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Figura Paterna	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Não Sabe ou Não Responde	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

No que diz respeito à temática da “Figura Menos Simpática” (Quadro 15), verificámos que 20% das crianças do sexo feminino, referem que não há “Ninguém” menos simpático (“acho que não há ninguém menos simpático”; “nenhum, porque nenhum é muito chato”), 20% das crianças refere a “Figura Materna” (“a mãe tem um feitio complicado, por isso é que eu, às vezes... Eu e ela, pronto, chateamo-nos bastantes vezes. A minha mãe tem um feitio que ela primeiro precisa da confiança e depois tem aquele feitio ruim... É mesmo complicado!”; “é a mãe, porque é a mais autoritária”), 20% dos rapazes reportam ser o “Próprio” (“é o mano e eu, porque, às vezes, nós não fazemos as vontades ao pai e à mãe”; “eu, porque, às vezes, não ligo às pessoas. Porque, às vezes, as pessoas dizem olá e eu sigo”) e também 20%

a “Figura Infantil” (“... porque ela (irmã) é chata e depois não pára de me chatear a cabeça”). Por último, 10% mencionam os “Avós” (10%) (“provavelmente, é a minha avó paterna, porque, algumas vezes, ralha connosco e diz assim: não vás para o quintal, o chão está molhado! E depois eu não obedeco às ordens, depois ela ralha comigo”), 10% a “Figura Paterna” e por fim, também com 10% “Não Sabe ou Não Responde” (“não sei... É que não sei mesmo!”).

Quadro 16

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Mais Feliz”, segundo o nº total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
O Próprio	60% (6)	75% (3)	50% (3)
Figuras Parentais	20% (2)	0% (0)	33% (2)
Figura Materna	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Padrasto	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Figura Infantil	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Figura Paterna	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

Quanto à temática relativa à “Figura Mais Feliz” (Quadro 16), a grande maioria (60%) das crianças de ambos os sexos referiram “O Próprio” como a mais feliz (“sou eu, porque tenho uma família que me adora”; “o mais feliz acho que sou eu, lá em casa... Eu acho que sou a mais descontraída lá de casa”; “eu, porque estou com um sorriso muito maior. Estou com alegria e a vida corre bem e mais nada”), 20% dos rapazes mencionaram as “Figuras Parentais” (“é o pai e a minha mãe, porque compram-nos tudo”; “hum... Esses dois...aponta para o pai e a mãe...”). Por último, com a percentagem de 10% cada, as raparigas reportam a “Figura Materna” e o “Padrasto” (“o mais feliz acho que é a minha mãe e o Marco, porque vão ter um filho e o Marco ainda não tinha tido nenhum filho, por isso acho que o Marco é muito feliz”), a “Figura Infantil” (“provavelmente, sou eu e a minha mana, porque nós não temos que nos meter na vida dos outros e os outros fazem o que quiserem e amamos as pessoas”) e ainda também com 10%, os rapazes mencionam a “Figura Paterna” (“o mais feliz é... aponta para o pai. Porque ele anda sempre com os amigos. E... em casa... Ah, ele anda sempre a brincar comigo”).

Quadro 17

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura Menos Feliz”, segundo o nº total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Figura Paterna	20% (2)	50% (2)	0% (0)
Figura Materna	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Ninguém	20% (2)	0% (0)	33% (2)
Padrasto	10% (1)	25% (1)	0% (0)
O Próprio	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Figura Infantil	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Não Sabe ou Não Responde	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

Relativamente à sexta questão do questionário da família real, extraímos como temática a “Figura Menos Feliz” (Quadro 17), verificando-se que, foram predominantemente referidas com 20% cada, a “Figura Paterna”, pelas raparigas (“o meu pai, provavelmente, porque estão sempre a discutir”; “... O pai, porque anda sempre a trabalhar e nunca quase me vê!”), a “Figura Materna”, indicada pelos rapazes e raparigas (“...a minha mãe, porque o meu pai como não se preocupa muito com a casa e com isso, a minha mãe, ela está sempre preocupada. A minha mãe não é feliz! Os meus pais estão sempre preocupados com o dinheiro e com o trabalho e não sei quê”; “o menos feliz é a minha mãe, porque ela anda sempre a ralhar comigo e com o meu pai e ... quando ela... sai de casa, ela sai um bocadinho, assim, raivosa. Assim, um bocadinho chateada, por causa que o meu pai deixa a... casa desarrumada”) e a “Ninguém”, mencionado apenas pelas crianças do sexo masculino, com respostas como “não há nenhum!”; “o menos feliz?!... Não sei! Ah, não sei! São todos felizes!”. Por último, com uma percentagem de 10% de raparigas, temos a menção à figura do “Padrasto” (“... Ah, o Marco, às vezes, fica menos feliz, porque o pai do Marco anda assim meio doente, com Alzheimer, e depois o Marco chega lá e diz: estás bom, pai? E ele: Quem és tu?! Começa assim a não reconhecê-lo e o Marco, às vezes, fica assim meio triste”), um dos rapazes refere-se a si “Próprio” (“sou eu, porque bato ao meu mano”) e outro à “Figura Infantil” (“... Porque ela - a irmã - tem muitos amigos e queria ter amigas”).

Quadro 18

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura de Autoridade”, segundo o nº total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Figura Materna	60% (6)	100% (4)	33% (2)
Figuras Parentais	20% (2)	0% (0)	33% (2)
O Próprio	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Todos	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Relativamente à “Figura de Autoridade” (Quadro 18), podemos verificar que para a grande maioria (60%) das crianças (ou a totalidade no caso das crianças de sexo feminino), referem a “Figura Materna” (“acho que é a minha mãe, porque a minha mãe já vivia lá naquela casa e, pronto, manda mais...”; “a minha mãe, porque o meu pai deixa-me fazer muitas coisas e a minha mãe não. A minha mãe ela tem muito medo de me perder e não sei que mais”; “é a mãe, porque está-lhe nos genes mesmo, ela é muito autoritária”); 20% dos rapazes mencionam ambas as “Figuras Parentais” (“é o pai e a minha mãe, porque eles são meus pais”; “o que manda mais?! Os pais!”) e um rapaz refere-se a si “Próprio” (“mais?! É o super-homem, porque eu gosto das pessoas, gosto de ajudar e mais nada”) e outro a “Todos”.

Quadro 19

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura que Exerce Menos Autoridade”, segundo o nº total de participantes e o género

	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
O Próprio	60% (6)	25% (1)	83% (5)
Figura Infantil	30% (3)	25% (1)	33% (2)
Figura Paterna	20% (2)	50% (2)	0% (0)
Não Sabe/Não Responde Directamente	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

Por último, a “Figura que Exerce Menos Autoridade” (Quadro 19) é considerada pela grande maioria (60%) das crianças de ambos os sexos, como sendo, “O Próprio” (60%) e por

30% das crianças a “*Figura Infantil*” (“*eu e a minha irmão, porque somos os mais pequeninos*”; “*porque eu sou mais pequena e não tenho nenhum direito de mandar tanto*”; “*sou eu e o meu mano, porque nós não somos adultos*”), reconhecendo-se a diferença de idades e hierarquia de papéis entre pais e filhos. Outras crianças (20%) do sexo feminino referiram a “*Figura Paterna*” (“*é o meu pai! Ele deixa-me fazer muitas coisas e diz-me: vai lá, vai lá! e a minha mãe não: não vais e o meu pai: vai, está bem!*”; “*o pai, porque está menos tempo em casa*”), estando aqui uma vez mais subjacente a ideia de que a mãe é a figura de autoridade, impõe as regras em casa.

CONCLUSÃO DA ANÁLISE DOS DADOS DO DESENHO DA FAMÍLIA IMAGINÁRIA E REAL

A fim de clarificar a análise dos dados do desenho da família imaginária e real referidos anteriormente, faremos de seguida uma síntese dos principais resultados.

Relativamente aos elementos formais, verificámos que em ambos os desenhos da família imaginária e real, a grande maioria das crianças, executaram desenhos onde a “*Amplitude do Traço*”, “*Força do Traço*” e o “*Tamanho*” das figuras representadas se situam dentro da normalidade. Observámos também a nível da “*Diferenciação de Gerações*” e “*Diferenciação Sexual*”, diferenças entre o desenho da família imaginária e o da família real nas crianças de ambos os sexos; assim, no desenho da família imaginária as raparigas fazem uma “*Clara Distinção de Gerações e Sexual*”, enquanto que, nos desenhos dos rapazes a “*Diferenciação de Gerações e Sexual é Mínima ou Inexistente*”. Por outro lado, no desenho da família real, tanto as raparigas, como os rapazes, na grande maioria dos desenhos a “*Diferenciação de Gerações e Sexual é Inexistente ou Mínima*”. Também no desenho da família imaginária comparativamente ao desenho da família real, verificámos que a maioria das crianças do sexo feminino no primeiro, preocupou-se com a ocupação da “*Totalidade da Folha*”, enquadrando as figuras da família, criando um “*Ambiente*” envolvente e contentor, não se verificando o mesmo no desenho da família real, assemelhando-se neste caso ao sexo masculino em ambas as situações de desenho. Relativamente à “*Contextualização do Desenho*” foi também mencionado maioritariamente pelas crianças de ambos os sexos e nos dois desenhos, que as figuras representadas estariam envolvidas em actividades lúdicas e recreativas. A diferenciação de gerações e sexual, a maior ocupação da folha na representação das figuras e a criação de um ambiente, pelas raparigas nos dois desenhos, leva-nos a crer que há um investimento muito maior por parte destas crianças na realização do desenho da família

imaginária, o que poderá constituir um indicador a nível afectivo relativamente à sua inserção familiar. No desenho da família real, parece-nos que a preocupação foi representar o essencial, ou seja, todas as figuras que compõem a família, parecendo de certa forma irrelevante ter em conta as características etárias e sexuais das figuras, verificando-se assim claramente um maior investimento por parte das crianças do sexo feminino no desenho da família imaginária relativamente às crianças do sexo masculino.

De uma forma geral estes desenhos, não nos parecem muito investidos, dado que na maioria não são ricos em pormenores e detalhes, predominando figuras muito padronizadas, rígidas, pouco investidas e valorizadas, com pouca espontaneidade e dinamismo, observando-se que os aspectos sensoriais mais notórios são nos desenhos da família imaginária, podendo dever-se à forma como a criança se sente face às suas figuras parentais ou a uma situação de fadiga, dado o desenho da família real ter sido realizado após o desenho da família imaginária.

No que diz respeito à “*Configuração Familiar*”, verificámos que no desenho da família imaginária, a grande maioria das crianças representou uma “*Família Imaginada Nuclear*”, indo de encontro à ideia do autor do teste ao referir que, a criança ao representar uma família imaginária, pode-se afastar tanto quanto necessitar da sua realidade concreta, dando relevância às suas próprias tendências e concepção pessoal de vida familiar. No caso do desenho da família real, a grande maioria das crianças representou uma “*Família Real Nuclear*”, transparecendo que possuem uma noção de família nuclear e da diferença de papéis e hierarquias entre os seus membros.

Relativamente às figuras que compõem os desenhos, podemos verificar que na maioria das crianças em ambos os desenhos, há uma clara identificação e projecção na “*Figura Infantil*”, tendo sido no desenho da família imaginária, a “*Figura de Identificação*” referida pela maioria das crianças. Neste contexto será também de salientar, o facto de algumas crianças ao longo do questionário do desenho da família imaginária falarem na primeira pessoa, como se se tratasse da sua própria família, demonstrando que apesar de se tratar do desenho de uma família imaginária, representam a família que gostariam de ter. Estas crianças, projectam na “*Figura Infantil*”, na maioria dos casos referente aos irmãos ou a uma criança no caso da família imaginária, a forma como gostariam de ser, salientando-se alguma proximidade de idades e papéis no seio familiar; revelam também ter a noção de hierarquia entre os membros da família, de obediência e de que a figura infantil tem menos autoridade face às figuras parentais e ainda idealização frequente dos irmãos mais velhos, neles projectando as suas expectativas em alcançarem autonomia face às figuras parentais. A

“*Figura Infantil*” é referida como a figura “*Mais Simpática*”, em ambos os desenhos, assim com a figura do “*Próprio*” no desenho da família real. No desenho da família imaginária, a “*Figura Infantil*” é também referida como a figura “*Mais Feliz*” (associada ao desejo de autonomia que os seus irmãos mais velhos têm) e “*Menos Feliz*” (dada a necessidade de ter mais amigos e ser aceite por estes). Esta figura, aparece também referida como a figura que “*Exerce Menos Autoridade*” (dada a noção da hierarquia de papéis face às figuras parentais) e no desenho da família real, por vezes também como a figura “*Menos Simpática*”, quando associada aos irmãos e seus conflitos, bem como à não obediência nalgumas situações, às figuras parentais.

A “*Figura do Próprio*”, aparece muitas vezes associada à “*Figura Infantil*”; no desenho da família real, é referida como a “*Mais Simpática*”, apresentando a mesma percentagem que a “*Figura Infantil*” e como a “*Mais Feliz*”, sendo considerada a figura que tem menos responsabilidades e preocupações tendo em contas as figuras parentais.

Quanto às características observadas nos irmãos, constata-se uma oscilação entre a valorização, idealização e nalguns casos desvalorização. No caso da desvalorização, parece-nos situar-se dentro do contexto normal de rivalidade fraterna na competição pelo objecto, destacando-se no entanto, a valorização e a idealização.

No que diz respeito à “*Figura Materna*”, de uma forma geral é pouco valorizada em ambas as situações, sendo considerada como a “*Menos Simpática*” (o mesmo para a “*Figura Paterna*” no caso do desenho da família imaginária); as figuras parentais são consideradas como figuras de autoridade, sendo a figura materna mais mencionada neste âmbito pelas crianças do sexo feminino e a figura paterna pelas crianças do sexo masculino. A “*Figura Materna*” é também referida em ambos os desenhos, como a “*Menos Feliz*” e como a “*Figura de Autoridade*”, sendo vista como a figura de controlo, a que estabelece os limites. Assim, de certa forma a desvalorização da figura materna, vista como pouco afectiva, como figura de autoridade e não como uma figura que transmite carinho, vai de encontro à problemática da gaguez, onde as figuras parentais são consideradas como figuras controladoras, perfeccionistas, exigentes e autoritários para com os filhos. Neste caso, destaca-se a figura materna, a pessoa com quem a criança estabelece uma relação primordial com repercussões na sua relação com os outros.

A “*Figura Paterna*” aparece mais valorizada, de certa forma assumindo um papel secundário ou passivo face à figura materna, mas mais lúdico. No entanto, no desenho da família imaginária esta figura conforme referimos anteriormente é também considerada como

a figura “*Menos Simpática*”, dada a autoridade que exerce sobre os filhos, embora se destaque também como uma das figuras que “*Exerce Menos Autoridade*”. No desenho da família real, a “*Figura Paterna*” é também considerada pelas crianças do sexo feminino, como a “*Menos Feliz*”, por ser mais ausente, por estar a trabalhar ou pelos conflitos que tem com a figura materna.

Ao longo desta análise verificámos também algumas referências a figuras da família alargada como os “*Avós*” e os “*Tios*”, que são vistos como figuras de apoio e de uma forma positiva, verificando-se que, no caso dos avós, os aspectos mais negativos, aparecem relacionados com a sua idade. A figura do “*Padrasto*” aparece referida no desenho da família real, como uma figura da família reconstruída e com quem estas crianças não aparentam estar em conflito.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

De seguida procederemos a uma apresentação descritiva dos resultados obtidos na entrevista sobre o conceito da família, recorrendo à técnica de análise de conteúdo. Da entrevista realizada surgiram 28 categorias, das quais extraímos diversas e importantes informações, seguidamente comentadas e ilustradas (tabelas que se seguem), com alguns exemplos dos relatos das crianças.

Quadro 20

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Conceito de Família”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Enquanto Grupo Significativo de Pessoas (Constituição)	50% (5)	25% (1)	67% (4)
Enquanto Asseguradora da Continuidade das Relações	40% (4)	75% (3)	17% (1)
Enquanto Potenciadora de Apoio/Suporte/Protecção	20% (2)	0% (0)	33% (2)
Enquanto Propiciadora de Espaço de Diálogo	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Enquanto Proporcionadora de Actividades/Momentos de Lazer	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Baseada na União/Coesão dos seus Membros	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Baseada no Conhecimento entre os seus Membros	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Baseada na Estabilidade Emocional/Bom funcionamento da	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Dinâmica Familiar/Relacionamento Interpessoal Positivo	10% (1)	25% (1)	0% (0)

Baseada na Sinceridade entre os seus Membros			
Baseada na Afectividade/Rede de Emoções/Laços Estreitos de Afecto	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Enquanto Conjunto de Pessoas Unidas por Laços Consanguíneos	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Enquanto Favorecedora do Bem-Estar Psicológico/Emocional	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

A partir da primeira questão da entrevista “*o que é uma família?*”, verificámos que o “*Conceito de Família*” que estas crianças têm, aparece associado em 50% das crianças a um “*Grupo Significativo de Pessoas*” (“*uma família é um conjunto de pessoas*”; “*é um... conjunto de pessoas... Ah, onde tem a mãe, o pai... a filha e o filho*”), em 40% dos casos, a família como “*Asseguradora da Continuidade das Relações*”, de convivência e proximidade entre os familiares (“*eu dizia que uma família é com quem nós estamos todos os dias...*”; “*...que estão sempre juntos*”), 20% dos rapazes considera a família como “*Potenciadora de Apoio/Suporte e Protecção*” (“*estão sempre connosco, nos piores momentos e nos melhores*”; “*... em que se ajudam umas às outras e com quem se pode contar sempre*”) e com 10% cada surgem referidas pelas raparigas, conceitos de família como “*Propiciadora de Espaço e Diálogo*” (“*... e podemos falar com, desabafar ou assim...*”), “*Enquanto Proporcionadora de Actividades e Momentos de Lazer*” (“*...e podemos fazer coisas com a família e podemos ir viajar com a família, podemos fazer coisas com a família que com os amigos não podemos fazer*”), “*Baseada na União e Coesão dos seus Membros*”, transparecendo o sentimento de pertença, (“*uma família são pessoas unidas...*”), “*Baseada no Conhecimento entre os seus Membros*” (“*... que se calhar... que se conhecem muito bem*”), “*Baseada na Estabilidade Emocional, Bom Funcionamento da Dinâmica Familiar e Relacionamento Interpessoal Positivo*” (“*... não há problemas entre elas, porque há aquelas famílias muito problemáticas e essas coisas...*”), “*Baseada na Sinceridade entre os seus Membros*” (“*... e eu acho que entre família, também, não hão-de haver segredos e essas coisas*”) e por último, “*Baseada na Afectividade/Rede de Emoções e Laços Estreitos de Afecto*” (“*diria que era as pessoas que nós amamos...*”), como um espaço privilegiado de afectividade. Por seu lado, as categorias referidas pelos rapazes, com 10% cada, referem a família, “*Enquanto Conjunto de Pessoas Unidas por Laços Consanguíneos*” (“*eu diria que uma família é um conjunto de pessoas do mesmo sangue*”) e “*Enquanto Favorecedora do*

Bem-Estar Psicológico/Emocional”, transparecendo a felicidade sentida (“*então é feliz, tenho muitas pessoas à minha volta, da família e tenho muitas pessoas da família e somos felizes*”).

Quadro 21

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Função/Papel da Família”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Função de Protecção e Apoio	50% (5)	75% (3)	33% (2)
Função Afectiva	40% (4)	50% (2)	33% (2)
Função Socializadora	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Função Recreativa	20% (2)	0% (0)	33% (2)
Função Educativa/Pedagógica	20% (2)	0% (0)	33% (2)
Função de Promoção do Bem-Estar/Satisfação Pessoal	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

No que diz respeito à temática “*Função/papel da Família*”, relacionada com a questão, “*para que servem as famílias?*”, observámos que a categoria que se destaca, referida por 50% das crianças, é a da “*Função de Protecção e Apoio*” (“*acho que servem para nos darem apoio e para nos acolherem quando nós estamos tristes*”; “*uma família serve para... para ajudar nos momentos mais difíceis...*”; “*...outras para aconselhar...*”), seguindo-se com uma percentagem de 40% uma “*Função Afectiva*” (“*para nos dar carinho, para nos dar atenção e para nos amar*”), com 20% uma “*Função Socializadora*”, transmissora/facilitadora do processo de aquisição de regras, normas, valores, condutas, direitos e obrigações, do que é correcto, incutindo a noção de realidade e consciência de limites (“*... se calhar, para os mais velhos ensinarem muitas coisas aos mais novos e não ir por uns caminhos maus e essas coisas...hum...*”; “*algumas pessoas para ralar...*”), também com 20% uma “*Função Recreativa*” (“*...para brincar*”; “*... e, outras vezes, para se reunirem em família, que é para comemorar alguma coisa*”) e ainda com 20% das crianças, a família surge com uma “*Função Educativa/Pedagógica*” (“*para educar-nos... para ajudar-me a aprender e... ensinar-me as coisas da escola*”). Por último, mencionado um rapaz, temos a ideia da família com uma “*Função de Promoção do Bem-Estar e Satisfação Pessoal*”, contribuindo para a felicidade pessoal (“*para nos dar alegria!*”).

Quadro 22

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Representação da Estabilidade Familiar”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Percepção de Mudanças no Ciclo de Vida Familiar	80% (8)	75% (3)	83% (5)
Posição Dual	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Percepção de Preservação da Estabilidade Familiar	10% (1)	0% (0)	17% (1)

No que concerne à temática “*Representação da Estabilidade Familiar*” (relacionada com a questão da entrevista, “*as famílias mantêm-se sempre iguais ou mudam ao longo do tempo?*”), verificámos que a categoria que se destaca claramente referida por 80% das crianças, diz respeito à “*Percepção de Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*” (“*elas mudam! A minha ainda não mudou e Deus queira que continue assim*”; “*acho que, às vezes, há algumas mudanças*”), ou seja, a maioria destas crianças têm a percepção de que as famílias vão mudando ao longo do tempo. As restantes categorias referidas, cada uma apenas por 10% das crianças, referem-se à representação da estabilidade familiar, com uma “*Posição Dual*” (“*mais ou menos! Há umas famílias que mudam, outras não! Como a minha família nunca muda!*”) e “*Percepção de Preservação da Estabilidade Familiar*” (“*ah... As famílias devem-se manter sempre iguais!*”).

Quadro 23

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Atribuição Causal das Mudanças no Ciclo de Vida Familiar”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Discussões/Conflitos Interparentais/Separação das Figuras			
Parentais	40% (4)	25% (1)	50% (3)
Crescimento/Envelhecimento	30% (3)	50% (2)	17% (1)
Nascimento/Falecimento de Membros na Família	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Distanciamento/Proximidade	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Figuras Novas/Velhas	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Não Responde/Não Responde Directamente	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

Quanto à temática acima apresentada “*Atribuição Causal das Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*”, verificámos que a categoria que mais se salienta, referida por 40% das crianças, consiste na atribuição da causa das mudanças a “*Discussões/Conflitos Interparentais e Separação das Figuras Parentais*” (“*porque, às vezes, discutem!*”; “*porque, às vezes, as pessoas não se dão bem e quando não se dão bem têm que se separar*”), seguindo-se o “*Crescimento/Envelhecimento*” referido por 30% das crianças (“*com o passar do tempo, a idade, isso assim, ficam mais resmungões. Sim resmungões, ficam mais preguiçosos e os velhotes, ainda por cima, nem trabalham*”; “*porque cada vez as pessoas vão ficando mais velhas ... e as pessoas mudam quando crescem*”), o “*Nascimento/Falecimento de Membros na Família*” mencionada por 20% das crianças (“*pode morrer uma pessoa na família e depois pode nascer outra, mas não é minuto a minuto, nem dia-a-dia, é muito raro isso acontecer*”) e por último, com 10% cada categoria, o “*Distanciamento/Proximidade*” (“*porque, ao longo do tempo, elas... há umas famílias que ficam mais próximas, há outras mais afastadas... Também depende, mas eu acho que há mais famílias a ficarem mais distantes, os filhos casam e vão-se embora*”), as “*Figuras Novas/Velhas*” (“*porque algumas são novas e algumas são velhas...*”) e “*Não Responde ou Não Responde Directamente*” (“*ah, porque elas... algumas fazem outras coisas e outras famílias fazem outras coisas. Porque uma família pode estar sempre fechada em casa e outras não*”).

Quadro 24

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Representação do Papel da Figura Paterna/Função Paterna”, segundo o n.º total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Figura Protectora/de Suporte/Apoio	70% (7)	75% (3)	67% (4)
Figura Lúdica	60% (6)	25% (1)	83% (5)
Figura de Autoridade Moral/Disciplina	40% (4)	50% (2)	33% (2)
Figura de Afecto	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Figura Provedora do Sustento	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Figura Envolvida na Criação dos Filhos	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Figura Educativa	20% (2)	0% (0)	33% (2)
Figura Biológica/Reprodutora	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Figura Indisponível/Figura Secundária face à Figura Materna	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Figura Permissiva	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Figura de Convívio	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

A temática “*Representação do Papel da Figura Paterna/Função Paterna*”, relacionada com a questão três da nossa entrevista (“*a maioria dos meninos tem pais. Os pais fazem muitas coisas. Para que é que serve ter um pai? O que fazem os pais?*”), inclui os comentários feitos pelas crianças acerca do que é um pai, com o objectivo de se perceber qual é a imagem que as crianças têm de pai, qual a sua importância e o papel que desempenha na família. Através da análise das respostas dadas pelas crianças, verificámos que a categoria que mais se destaca com uma percentagem de 70%, é a da percepção da figura paterna como “*Uma Figura Protectora/de Suporte/Apoio*” (“*...dão-nos ajuda quando nós precisamos*”; “*... e, depois, tomam conta de nós*...”; “*... também servem para dar mais conselhos aos filhos*”); seguidamente 60% das crianças (especialmente os rapazes), fazem referência à figura paterna, com uma “*Figura Lúdica*” (“*os pais brincam connosco no mar, gostam das ondas e as mães não gostam das ondas*”; “*ah, é brincar connosco*...”) e 40% das crianças consideram o pai como uma “*Figura de Autoridade Moral/Disciplina*” (“*ah, o pai, normalmente, é aquele mais... que manda ali em casa, pronto, é o homem da casa, o mais velho. No meu caso não é isso, porque o meu pai é, pronto, deixa andar e é a minha mãe que manda e o meu pai, pronto, não conta... Mas os pais é que servem para isso*...”; “*... ralham connosco para o nosso bem*”). Surgiram também outras categorias do discurso das crianças, cada uma delas com 20% de percentagem, sendo elas, a percepção da figura paterna como “*Figura de Afecto*” (“*... e também, para o amar*”; “*dá-nos carinho*...”) como, “*Figura Provedora de Sustento*” (“*... dão o que nós queremos, mas o que tenham dinheiro e não comprem coisas caras, para pouparem dinheiro para as rendas. Trabalham para pagar o nosso colégio, para comprarem as coisas para nós, para comprarem a cama, o móvel, livros, brinquedos, coisas que nós nos sentimos bem*”), como “*Figura Envolvida na Criação dos Filhos*” (“*... ajudar-nos a crescer*”; “*... criam-nos*...”) e como uma “*Figura Educativa*” (“*um pai serve para aprender com ele*...”, “*... educar-nos*...”). Por último, foram referidas ainda mais quatro categorias, cada uma delas por 10% das crianças, consistindo, na percepção da figura paterna como “*Figura Biológica/Reprodutora*” (“*primeiro, fazem-nos existir*...”), como “*Figura Indisponível/Figura Secundária face à Figura da Materna*” (“*para o pai nos levar, nos levar... Acho que a mãe é que é a principal, porque o pai não tinha disponibilidade, não tinha tempo para nos levar ao parque, para levar à piscina, para levar a casa da avó, para nos levar a todos os lados que as mães nos levam*”), como “*Figura*

Permissiva” (“para fazerem as vontades todas aos filhos. Eles compram-nos tudo!”) e por fim como “*Figura de Convívio*” (“... para conviver com ele”).

Quadro 25

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Representação do Papel da Figura Materna/Função Materna”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Figura de Afecto	50% (5)	50% (2)	50% (3)
Figura Educativa	40% (4)	25% (1)	50% (3)
Figura que Satisfaz as Necessidades de Compreensão	30% (3)	75% (3)	0% (0)
Figura Protectora/de Suporte/de Apoio	30% (3)	25% (1)	33% (2)
Figura de Autoridade Moral/Disciplina	30% (3)	0% (0)	50% (3)
Figura Lúdica	20% (2)	0% (0)	33% (2)
Figura Biológica/Reprodutora	20% (2)	50% (2)	0% (0)
Figura Provedora do Sustento	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Figura que Confere Atenção	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Figura Responsável pela Preparação dos Filhos para a Vida Futura	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

A temática seguinte “*Representação do Papel da Figura Materna/Função Materna*” (relacionada com a quarta questão da nossa entrevista, “*também a maioria dos meninos têm mães. As mães também fazem muitas coisas. Para que é que serve ter uma mãe? O que fazem as mães?*”), inclui também comentários das crianças acerca do que é uma mãe, tendo por objectivo perceber qual a imagem que as crianças têm da mãe, qual a sua importância e o papel que desempenha na família. Nesta temática, a categoria que aqui se destaca é a figura materna, vista como “*Figura de Afecto*”, com uma percentagem de 50% (“*ah, e para dar miminho*”; “*dão-nos carinho... amam-nos muito...*”); seguidamente, com 40% (50% dos rapazes), a mãe surge como uma “*Figura Educativa*”, que promove o funcionamento intelectual, tem uma função pedagógica, ao incrementar a aquisição de conteúdos académicos, a realização e supervisão de determinadas actividades escolares, potenciando competências educacionais, de trabalho e de resolução de problemas (“*...também, nos ajudam a estudar, que nos ajudam a aprender...*”; “*... depois, ajudam-nos nos trabalhos de casa, nos desenhos e prontos*”); surgem ainda três categorias inferidas do discurso de 30% das crianças, como a “*Figura que Satisfaz as Necessidades de Compreensão*”, no caso das raparigas, que salientam o saber interpretar adequadamente o estado da criança e responder de modo ajustado (“*...e as*

mães, também, compreendem melhor o que nós estamos a dizer e compreendem a nossa vida, porque nos acompanharam sempre, desde o nascimento até à morte”; “as mães eu acho que, normalmente... Acho que as mães estão mais do lado dos filhos, que podem contar tudo... Ah, conta à mãe, conta à mãe, mas ao pai aquilo não é... E, às vezes, as mães é assim: no conto nada ao teu pai...”), como uma “Figura Protectora/de Suporte/de Apoio”, que satisfaz as necessidades de segurança da criança e confere suporte (“...para estar connosco nos momentos em que estamos com mais dificuldade”; “as mães... ajudam os filhos quando estão doentes ou a precisar de ajuda...”) e ainda, no caso dos rapazes uma “Figura de Autoridade Moral/Disciplina”, que impõe normas e limites, controlo e disciplina, de monitorização comportamental (“para ralar e para estar sempre em... para...é tipo... e para me portar bem...”; “... e, algumas vezes, também ralham connosco, mas é para o nosso bem”). Com 20%, salientam-se também mais três categorias, como a percepção da figura materna como “Figura Lúdica”, ou seja, que satisfaz as necessidades lúdicas, ou propicia momentos de lazer à criança (“... para brincar connosco”; “então jogam connosco puzzles, jogam, puzzles e muitas coisas, jogam...”), como “Figura Biológica/Reprodutora”, de concepção (“a mãe dá-nos origem a nós, que é o principal...”; “primeiro, elas carregam-nos nove meses na barriga. Às vezes, têm menos tempo, como eu nasci de sete meses...”) e como “Figura Provedora de Sustento”, que promove e contribui de certa forma para a estabilidade económica da família (“é mais ou menos a mesma coisa do pai, mas a mãe, às vezes, em princípio, trabalha mais, mas, neste caso, na minha família, é o pai que trabalha mais. As mães, as mães trabalham para que nos dar tudo...”; “...trabalham para nós...”). Por último, surgem ainda mais duas categorias com 10%, como a percepção da figura materna como, a “Figura que Confere Atenção” (“... para nos dar atenção...”) e como a “Figura Responsável pela Preparação dos Filhos para a Vida Futura” (“... Ah, é aquelas pessoas que mais pensam no futuro”).

Quadro 26

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Representação de Papéis de Género”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Diferenças de Género	80% (8)	100% (4)	67% (4)
Igualdade de Género	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Não Responde/Não Responde Directamente	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Na questão número cinco da nossa entrevista (*“as mães podem fazer o que os pais fazem? Porquê? Há alguma coisa que os pais fazem e que as mães não podem fazer?”*), surge a temática *“Representação de Papéis de Género”*, verificando-se que, 80% das crianças referem *“Diferenças de Género”*, tanto a nível de tarefas, como a nível biológico (*“podem! Sim, é que a mãe engoma e o pai não”*; *“...Algumas coisas não! Por exemplo, não podem saber de coisas que os miúdos contam mais aos pais, sim ao pai, sim, sim. Há mais, só que agora... Ah, não sei! As mães importam-se mais com os filhos do que os pais, porque foi a mãe que nos teve e não o pai”*; *“os pais não podem carregar os filhos na barriga nove meses e as mães podem... As mulheres no corpo têm uma coisa que os homens não têm e os homens têm uma coisa que as mulheres não têm...”*); Outras categorias, associadas a 10% das crianças, são a *“Igualdade de Género”* (*“porque as mães e os pais são iguais e devem ajudar os filhos a fazer a mesma coisa”*) e respostas que *“Não Respondem ou Não Respondem Directamente”*.

Quadro 27

Percentagens das Sub-Categorias encontradas nas respostas à Categoria “Diferenças de Género”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
A Nível Biológico e Comportamental	20% (2)	50% (2)	0% (0)
A Nível da Execução de Tarefas que Requerem Força Física	20% (2)	25% (1)	17% (1)
A Nível do Desempenho de Actividades de Lazer/Lúdicas	20% (2)	25% (1)	17% (1)
A Nível do Aconselhamento sobre a Sexualidade – Educação para a Sexualidade	10% (1)	25% (1)	0% (0)
A Nível da Quantidade de Trabalho/Nível de Actividade	10% (1)	25% (1)	0% (0)
A Nível da Execução de Actividades Domésticas	10% (1)	0% (0)	17% (1)
A Nível da Abertura/Confidências	10% (1)	0% (0)	17% (1)
A Nível da Preocupação face aos Filhos	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma sub-categoria

A partir da temática anterior e da categoria *“Diferenças de Género”*, extraíram-se ainda várias sub-categorias seguidamente discriminadas: assim, com uma percentagem de 20% foram referidas, diferenças a *“Nível Biológico e Comportamental”* (*“...Os pais não vestem saias e as mães vestem. Como nós, o pai está mais a trabalhar e a mãe está menos”*), diferenças a *“Nível da Execução de Tarefas que Requerem Força Física”* (*“...coisas que as*

mães não têm força para fazer”; “não! Porque os pais estão nas obras e as mães estão no trabalho. Os pais carregam baldes de tinta, baldes de água. Acho que a mãe não tem força”) e a “Nível do Desempenho de Actividades de Lazer/Lúdicas” (“...eu acho que há uma coisa que os pais fazem e que as mães não fazem! É brincarem connosco. Irem connosco para as ondas, levarem-nos de mota, de vez em quando também brincar connosco, rodar-nos pelos braços...”; “a maioria dos pais são mais desportivos que as mães”). Com 10% surgem ainda mais cinco categorias, associadas a diferenças a “Nível do Aconselhamento sobre a Sexualidade – Educação para a Sexualidade” (“...se calhar, falar, os pais é que têm mais a mania de falar quando os filhos começam a ser adultos, sobre os preservativos e essas coisas e a mãe acho que não fala muito sobre isso”), a “Nível da Quantidade de Trabalho/Nível de Actividade” (“os pais não fazem o que as mães fazem, mas as mães fazem tudo o que os pais fazem, porque as mães fazem o duplo do que os pais fazem...”), a “Nível da Execução de Actividades Domésticas” (“podem! Sim, é que a mãe engoma e o pai não”), a “Nível da Preocupação face aos Filhos” (“...as mães importam-se mais com os filhos do que os pais, porque foi a mãe que nos teve e não o pai”) e por último, ao “Nível de Abertura/Confidências” (“...Algumas coisas não! Por exemplo, não podem saber de coisas que os miúdos contam mais aos pais, sim ao pai, sim, sim. Há mais, só que agora... Ah, não sei!...”).

Quadro 28

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Representação dos Papéis Parentais”, segundo o n.º total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Valorização de Ambos os Papéis	60% (6)	25% (1)	83% (5)
Valorização do Papel da Figura Materna	20% (2)	50% (2)	0% (0)
Valorização do Papel da Figura Paterna	20% (2)	25% (1)	17% (1)

No que diz respeito à área temática “Representação dos Papéis Parentais” (relacionada com a questão da nossa entrevista, “o que é mais importante, o que fazem os pais ou o que fazem as mães? Porquê?”), verificámos que a categoria que aqui se destaca referida por 60% das crianças, principalmente pelos rapazes, consiste na “Valorização de Ambos os Papéis” das figuras parentais (“é igual para igual. O pai serve para nos animarmos, para brincar, para nos dar conselhos e tal, só que isso não chega, porque é preciso a escola, os estudos e

isso que é a mãe que faz”; “os dois fazem o mesmo, dão tudo para proteger os filhos, Porque trabalham para nos dar tudo”). Registaram-se ainda mais duas categorias com uma percentagem de 20%, uma diz respeito à “Valorização do Papel da Figura Materna” (“o que as mães fazem, porque as mães é que percebem o que nós dizemos, é que estão lá todos os dias, é que quando nós acordamos estão lá à espera que, às vezes, acordam-nos, há mães que acordam os filhos e estão lá e os pais não. As mães interrompem uma coisa importante para estarem connosco, quando nós estamos mal dispostos ou doentes levam-nos ao hospital, por exemplo, essas coisas”; “o que as mães fazem, porque são mais compreensivas e os pais metem respeito”) e outra que consiste na “Valorização do Papel da Figura Paterna” (“Eu acho que é os pais, porque os pais gostam de pôr gasolina e gostam muito dos carros e tipo para andar. E as mães, as mães são um bocadinho cegas. Os pais gostam dos filhos e os filhos gostam dos pais e os pais gostam de todos. Porque os pais são um bocadinho mais divertidos e gostam mais”; “...Provavelmente, é o que o meu pai faz. Ajuda as pessoas, apaga os incêndios e cura pessoas, algumas vezes. Porque os bombeiros ajudam! Quando eu me queimo o meu pai trata a minha mão...”).

Quadro 29

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Conceito Alargado de Família – Função/Papel”, segundo o n.º total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Função Lúdica/Recreativa	70% (7)	50% (2)	83% (5)
Suporte Emocional/Apoio/Ajuda	50% (5)	75% (3)	33% (2)
Função Afetiva	40% (4)	50% (2)	33% (2)
Função Educativa/Transmissiva	40% (4)	50% (2)	33% (2)
Proximidade/Convívio	30% (3)	50% (2)	17% (1)
Aconselhamento	20% (2)	0% (0)	33% (2)
Suporte Instrumental (índole material)	20% (1)	25% (1)	17% (1)
Relação Insatisfatória	20% (1)	25% (1)	17% (1)
Abertura/Confidências	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

Na temática que se segue “Conceito Alargado de Família – Função/Papel”, (correspondente à questão “*nalgumas famílias há outras pessoas que compõem uma família, como os irmãos, os avós. Para que é que eles servem e o que eles fazem?*”) salienta-se em 70% das crianças, uma “Função Lúdica/Recreativa” (“*acho que os tios são os mais fixes. Em*

primeiro lugar, porque os tios são sempre os mais novos... e são os mais fixes...”; “para irmos para o jardim brincar, andar de bicicleta, fazer jogos na terra, brincar às escondidas, jogar à apanhada, jogar à a bola”; “os irmãos servem para gozar, mais ou menos, para gozar, para brincar... e para alinharem connosco nalgumas coisas”); 50% das crianças infere a família alargada como “Suporte Emocional/de Apoio/Ajuda” (“os avós, os avós é mais quando somos bebés, que é para tomar conta de nós, também é assim, quando os pais não estão, os avós estão lá, essas coisas...”; “...Ah, os irmãos servem para... ajudar os irmãos..., quando eles têm algum problema, quando precisam de ajuda ou... quando um lugar onde eles não conseguem chegar lá os irmãos podem ajudar”) e 40% com uma “Função Afetiva” (“amam-nos, provavelmente... Para dar carinho, para dar amor e serem nossos amigos”; “...e acariciam-nos também”) e uma “Função Educativa/Transmissiva”, como educar, ensinar ou transmitir valores (“...Servem para nos dar lições de vida...”; “...Servem quase para a mesma coisa que os pais e mães... também nos ajudam a aprender... e também, às vezes, servem para nós tirarmos dúvidas com eles, que não só com os avós ou com os pais, mas também se pode tirar muitas dúvidas com os irmãos”). Por último, com percentagens mais reduzidas, podemos reportar ainda a “Proximidade/Convívio” (com 30%), relacionada com os avós (“estão connosco, vivem connosco. Por exemplo, quando os pais se separam e nós não conseguimos decidir entre eles os dois, podemos escolher um avô, ou uma avó para ficar connosco. Para estar connosco...”; “...e passamos uns tempos com eles”) e com uma percentagem de 20% três categorias como o “aconselhamento” (“...e para dar conselhos...”; “...e também, podem falar muito, que cuidados podemos ter”), o “Suporte Instrumental de Índole Material” (“...e dão-nos dinheiro, também, e mais nada”; “... Por exemplo, se os pais já não nos comprarem muita coisa e já nem tiverem um cêntimo, os avós podem nos comprar, se for uma coisa de cinquenta cêntimos”) e “Relação Insatisfatória”, associada aos irmãos (“os irmãos, acho que... eu não tenho, não é? Mas vejo amigas e é muito mau, porque dão muitas dores de cabeça e... então os mais novos: «Não mexas aí! Isso é o meu quarto! Sai daqui!», essas coisas. Eu vejo muito e, às vezes, são chatos”) e aos avós, (“...os avós são um bocadinho seca, não dão um bocadinho de pica, pica quer dizer que, eles gostam de estar sempre na cama... Os avós não gostam muito de brincar, porque passam muito tempo na cama e não têm muito tempo para nós”). Por último, com 10% emergiu ainda a função “abertura/confidências” (“... para contar segredos ...”).

Quadro 30

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Composição/Configuração do Agregado Familiar”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Família Alargada	70% (7)	75% (3)	67% (4)
Família Nuclear	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Família Reconstruída	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Quanto à oitava questão da nossa entrevista, “... para ti quem forma a tua família?”, relacionada com a temática da “Composição/Configuração do Agregado Familiar”, verificámos que a categoria que mais se destaca nos relatos das crianças de ambos os sexos (70%), consiste na referência à composição da sua família, como uma “Família Alargada” (“toda a gente! Toda a gente! A minha família... O meu pai, a minha mãe, a minha irmã, a minha mãe, eu, os meus avós, os meus tetra, tetra, tetravós”; “para mim, quem forma a minha família?! Os meus tetravós, bisavós, trisavós, primos, primas, irmãs emprestadas, madrastas, mãe, pai, ah...que tudo o que é família. Porque algumas que são os que já morreram, são aqueles que conseguiram que eu, que me dessem vida, que dessem vida à minha mãe e ao meu pai e depois foram eles que me deram vida”), seguida (com 20%) pela “Família Nuclear” (“o meu pai e a minha mãe nasceram de pessoas diferentes, têm outra idade, ah, e mais os dois são importantes para mim. Sim, a minha irmã também!”) e por último, com 10%, a “Família Reconstruída” (“... ah, a família toda?! Eu, o meu irmão, o pai, a namorada do meu pai, a mãe e o namorado da minha mãe. Porquê? Porque são as com que eu me sinto melhor e mais à-vontade”).

Quadro 31

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Representação Materna”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Representação Positiva	50% (5)	25% (1)	67% (4)
Representação Ambivalente (positiva e negativa, em simultâneo)	50% (5)	75% (3)	33% (2)

No que diz respeito à temática da “*Representação Materna*” (relacionada a questão nove da nossa entrevista, “*como é que achas que é a tua mãe? Como a descreves?*”), verificámos que a categoria que se destaca em 50% das crianças (67% dos rapazes), consiste numa “*Representação Positiva*” da figura materna (“*simpática e meiga. E está sempre comigo quando eu preciso, acho eu*”; “*acho que é simpática...Simpática, bonita, linda... Carinhosa, atenciosa, isso pronto*”) e por 40% das crianças de ambos os sexos, surge uma “*Representação Ambivalente*” simultaneamente positiva e negativa (“*trabalhadora, preocupada, mandona... Porque está sempre a mandar, está sempre a...*”; “*tem cabelo castanho, é baixa, tem olhos castanhos, tem cabelo comprido, usa roupas que eu não gosto. Ah, tem lábios mais grossos do que o meu pai e tem um nariz mais pequeno do que o meu pai. Às vezes, às vezes, ela é um pouco má, mas eu sei que, lá do fundo, ela é boa pessoa. Bate-me, ralha, depois, às vezes, até põe-nos de castigo, mas é por bem. Que dá carinho, também!*”; “*a minha mãe? Como eu disse, tem um feitio difícil, nós não nos entendemos, muitas vezes. Eu dou-me muito melhor com o meu pai, mas pronto. Mas depois há, também, aquelas partes, que é a minha mãezinha, mas é raro, é raro. Não, mas a minha, pronto, depois ela, também, não se preocupa muito com ela, com a imagem dela, preocupa-se mais connosco e, também, deixa de comprar roupa para ela, que é para nos comprar a mim e para o meu pai, é assim...*”).

Quadro 32

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Representação Paterna”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Representação Ambivalente (positiva e negativa, em simultâneo)	50% (5)	75% (3)	33% (2)
Representação Positiva	50% (5)	25% (1)	67% (4)

No que diz respeito à temática da “*Representação Paterna*” (relacionada com a questão dez da nossa entrevista “*como é que achas que é o teu pai? Como o descreves?*”) verificámos que se destacam duas categorias, cada uma delas, referidas por 50% das crianças: a primeira categoria inferida especialmente do discurso das crianças do sexo feminino consiste, na figura paterna com uma “*Representação Ambivalente*” (“*o lado bom é que, às vezes, ele ajuda-me*

em coisas, às vezes a fazer coisas que eu não sei, quando estou a estudar e ele explica-me. As partes más é que ele está sempre a jogar um jogo na Internet e que está sempre a refilar connosco”; “o meu pai é meio aluado. Às vezes, é esquecido, mas quando está querido até é simpático, digamos assim”); a segunda categoria (também com 50%), evidenciada principalmente pelos rapazes, consiste numa “*Representação Positiva*” da figura paterna (“*muito trabalhador... Gosta de poder comer, gosta de descansar. Ah, e gosta de viajar muito. É o meu ídolo!*”; “*o pai é bom... Ah, simpático... É giro... É inteligente. Ah, é alto! É bom!*”).

Quadro 33

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Tendência Afetiva/Figura mais Valorizada, Investida e Importante”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Avós	30% (3)	50% (2)	17% (1)
Irmãos	30% (3)	50% (2)	17% (1)
Figura Paterna	20% (2)	0% (0)	33% (2)
Primo	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Tio	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Todos	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

Relativamente à temática “*Tendência Afetiva/Figura mais Valorizada, Investida e Importante*” (relacionada com a questão “*com quem é que te dás melhor na tua família e passas mais tempo?*”), verificámos que as figuras que mais se destacam (com 30% cada), são os “Avós” (“...acho que, às vezes, é com a minha avó que me dou melhor, quando a minha mãe está assim chateada ou assim, não está muito de conversas e a minha avó está lá sempre para me ouvir, mesmo quando está chateada. Acho que é com ela que me dou melhor!”; “*agora é com a minha avó e com o meu avô. Com os dois!*”) e os “Irmãos” (“...mas com quem me dou melhor é... com o meu irmão, porque eles me deixam fazer mais coisas e porque me sinto mais à-vontade e porque posso contar mais coisas”; “*com a minha mana! É com quem passo mais tempo e com quem me dou melhor!*”); seguidamente, para 20% dos rapazes, emerge a “*Figura Paterna*” (“...mas com quem me dou melhor é com o meu pai..., porque ele deixam-me fazer mais coisas e porque me sinto mais à-vontade e porque posso

contar mais coisas”) e por último, com 10% destacam-se a figura do “Primo” (“...É com o meu primo! Ah, porque o meu primo que apesar de ter que só dois anos, que mais novo que eu, eu e ele, ah, que somos como se fôssemos uma equipa, tipo em jogos da consola, tipo eu, às vezes, compro jogos e só jogo quando ele está lá... tipo em casa da minha mãe, que nós tiramos tipo as almofadas... que é para ficarmos ali a ver televisão. Então, eu tipo, às vezes, a brincar, que tipo que atiro com a construção dele para baixo e ele pega numa almofada e depois pumba, é logo guerra...”), do “Tio” (“passo mais tempo com o meu tio! É irmão do pai, não, é irmão da mãe...”) e a referência a “Todos” na família (“... Dou melhor?! Ah, isso é muito difícil! Com o pai e a mãe e a irmã, porque eles são fixes”).

Quadro 34

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Membro da Família com quem a Criança Interage mais Tempo”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Avós	30% (3)	50% (2)	17% (1)
Figura Materna	30% (3)	25% (1)	33% (2)
Irmãos	20% (2)	50% (2)	0% (0)
Figura Paterna	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Tio	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Ninguém	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

No que diz respeito à temática “Membro da Família com quem a Criança Interage mais Tempo”, relacionada com a temática abordada anteriormente, destacam-se duas figuras, mencionadas cada uma delas por 30% das crianças: a primeira menção refere-se à figura dos “Avós” (“eu?! Eu passo mais tempo como os meus avós, porque os meus pais trabalham muito, então passo mais tempo com a minha avó paterna. Acho que é com ela que me dou melhor. E também a minha mãe, mas é diferente”) e a segunda a “Figura Materna” (“passo mais tempo é com a minha mãe...”); com 20%, destacam-se os “Irmãos” e por último, com 10% cada a “Figura Paterna” (“...passo mais tempo com o meu pai. Ele está mais em casa, fico com ele em casa”), o “tio” (“...dou-me melhor com o meu tio, porque ele é simpático e depois, também, é divertido”) e “Ninguém” (“...Isso de passar muito tempo, passo quase sempre sozinho. Ah, estou com o meu gato! Com o gato e com o cão. Da minha família, com

ninguém! Ah, por exemplo, é assim tipo, hoje, quarta-feira, passo a tarde com eles até às quatro horas... Com os pais e com a mãe. E depois das quatro e meia, mais para as cinco, cinco para as cinco e isso fico sozinho...”).

Quadro 35

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura de Protecção”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Figuras Parentais	40% (4)	0% (0)	67% (4)
Figura Paterna	20% (2)	50% (2)	0% (0)
Figura Materna	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Irmãos	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Pares	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Avós	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Professor	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Empregada	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Deus	10% (1)	25% (1)	0% (0)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

No que diz respeito à temática “Figura de Protecção” (relacionada com a questão “quando te sentes mal ou quando tens algum problema, com quem é que vais ter? Porquê?”), verificámos que a categoria mais mencionada por 40% das crianças, mas apenas do sexo masculino, foram ambas as “Figuras Parentais” (“com os meus pais, porque eles sabem mais de mim do que qualquer pessoa. Aos dois ao mesmo tempo”; “vou ter com a minha mãe ou com o meu pai, porque são eles que tratam de mim”); seguindo-se as mesmas figuras referidas individualmente, cada uma delas por 20% das crianças, a “Figura Materna” (“...com a minha mãe, porque ela é que sabe as outras coisas melhor”), a “Figura Paterna”, apenas pelas raparigas (“...mas, quando quero sair e isso, é sempre com o meu pai, assim: pai, tu vê lá se convences a mãe e ele: ah, vou tentar! Vou tentar!”; “com o meu pai! Ele, às vezes, cura as pessoas, lá nas ambulâncias e mais nada”) e os “Irmãos” (“com o meu irmão, porque sinto-me mais à-vontade e porque ele sabe quase sempre o que dizer”; “...Há alturas que falo... com a minha mana, porque são as pessoas que estão mais próximas de mim”). Por último, com apenas 10% cada, surgem os “Pares” (“é com uma amiga! porque a minha família, pronto, é um bocado complicado. Acho que é melhor com amigos, porque com a

família acho que já não vale muito a pena...”), a figura dos “Avós” (“... e quando estou em casa da minha avó... ou vou ter com a minha avó”), o “Professor” (“... há alturas que falo com a professora..., porque são as pessoas que estão mais próximas de mim”), a “Empregada” (“...e quando estou em casa da minha avó ou vou ter com a minha empregada, que me compreende bem...” e por fim, a referência a “Deus” (“não vou ter com ninguém! Peço a Deus para resolver-se! ...”).

Quadro 36

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura de Conflito”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Irmãos	30% (3)	50% (2)	17% (1)
Figura Materna	30% (3)	25% (1)	33% (2)
Ninguém	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Figura Paterna	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Primos	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Avós	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

Quanto à temática “Figura de Conflito”, verificámos que as figuras mais mencionadas com 30% nos discursos das crianças foram, os “Irmãos” (“é com o meu mano! E depois bato-lhe a ele e depois ele bate-me a mim”; “com a minha mana! Ela, algumas vezes, chateia-me e depois discuto com ela”) e a “Figura Materna” (“com quem é que me zango?! Com a minha mãe. Ela tem um feitio diferente do meu e eu levo as coisas na calma. A minha mãe está muito preocupada e depois, também, há coisas em que ela pensa que, não sei, que eu sou um pouco irresponsável e assim. Mãe, mas eu sei dessas coisas e a minha mãe assim: nunca fumes! e eu: está bem! Mas a minha mãe é muito controladora. Ela às vezes, eu estou em casa e a minha mãe, também, e eu chego ao meu quarto e vejo a minha mãe a mexer-me no meu telemóvel e assim: o quê?! Estou a ver-te as mensagens, é assim, oh! Depois ela, também, é muito controladora, pois, se eu gosto de um rapaz, a minha mãe é assim: quem é?! Ela quer saber tudo e não sei quê e até me chega a proibir e eu era assim: mãe, por favor! E o meu pai diz: deixa-a estar! Pronto, é por isso... E, às vezes, o meu pai diz à minha mãe: Deixa-a estar, ela sabe o que faz e não sei quê» e a minha mãe diz: ai é?! Então, está bem! Depois se acontecer alguma coisa, a culpa é tua!”; “com a mãe, porque ela zanga-se muito

facilmente e eu, às vezes, porto-me um bocado mal nas aulas e ela zanga-se logo comigo”); com 10%, surgem “Ninguém” (“com quem me zango mais?! Não sei! Não me zango com ninguém!”), a “Figura Paterna” (“com o pai, porque está sempre a refilar comigo e põe-me de castigo”), os “Primos” (“com quem é que eu me zango mais vezes?! É com a minha prima, porque passa a vida a bater-me sem razões. Zango-me com ela e fogo às vezes até lhe dou respostas, mas por acaso ela até tem força... tem 4 anos”) e por último os “Avós” (“...ah, isso é fácil! É com a minha avó, com a minha outra avó, com as duas e com o avô. Porque eles são nah, nah, nah, nah.... Pois, e depois quando eles me começam a chatear é que eu fico um bocadinho mais zangado”).

Quadro 37

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Sentimentos/Reacção do Próprio face à Gaguez”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Aceitação/Integração	40% (4)	25% (1)	50% (3)
Ser Diferente	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Embaraço	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Tristeza	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Desejo de Melhoria	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Vergonha/Culpa	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Ser Capaz/Controlo sob a Gaguez	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Irritabilidade	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Falta de Confiança na sua Habilidade para Falar	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

No que diz respeito à temática “Sentimentos/Reacção do Próprio face à Gaguez” (questão da entrevista, “como é que te sentes em relação à tua fala?”), o que mais se destaca, referido por 40% das crianças, essencialmente pelos rapazes, é o sentimento de “Aceitação/Integração” (“muito boa, porque posso comunicar com as outras pessoas”; “há momentos que me sinto muito atrapalhada, mas depois penso que estou a falar francês ou estrangeiro. Um dia que estava a dizer «não» e disse: «neh, neh, neh» e disse assim: mas estou a falar estrangeiro ou italiano ou alguma coisa que não perceba?! e desatei-me a rir depois...”); com 10% cada surgem variadas categorias (nas raparigas) como, o “Ser Diferente” (“antes sentia-me diferente dos outros... Porque, às vezes, os meus amigos

gozavam de mim...”), o “Embaraço” (“há momentos que me sinto muito atrapalhada...”), a “Tristeza” (“não me sinto assim tão bem! Algumas vezes, quando digo algumas palavras mal eles dizem assim: não é assim, é..., como cháp, algumas vezes, digo chá, chá... cháp... péu e eles dizem: não é assim, é chapéu e eu fico triste. Não gosto assim muito...”), o “Desejo de Melhoria” (“...quero melhorar!”) e o sentimento de “Vergonha/Culpa” (“eu, eu sei que, na maioria dos casos, que as pessoas, elas sentem muita timidez. Mas eu, por acaso, não. Eu como já conheço os meus amigos há muito, muito tempo e isso, não me sinto mal, pronto, embora as pessoas que não conheça... Eu, por acaso, este fim-de-semana estive com pessoas que não conhecia, eram amigos de uma amiga minha e começaram a gozar comigo e eu disse: Ah, é na boa, é na boa, porque já estou habituada. Mas, às vezes, claro que em restaurantes e isso, a pedir, gaguejo e fico assim..., pronto, não devia ter feito isso! e as pessoas começam a olhar para ti como se fosses uma totó, pronto e eu era assim, pronto não devia ter feito isso! mas sinto-me normal. Mas pessoas da minha idade nem incomodam muito e que te apontam o dedo mais ou menos, agora as pessoas mais velhas, eu por acaso em lojas e não sei quê, elas ficam a olhar, sim! E eu era assim: pronto, não devia ter perguntado”) e nos rapazes, com 10% cada, o “Ser Capaz/Controlo sobre a Gaguez” (“eu em relação à minha fala, eu, às vezes, não gaguejo, mas quando eu gaguejo assim muito é quando eu falo e penso ao mesmo tempo. Eu gosto da minha fala, porque, às vezes, eu não sou gago, tipo, às vezes, até falo, normalmente, e eu gosto muito de falar normalmente e é daquelas vezes que eu consigo”), a “Irritabilidade” (“mal, porque não gosto, irrita-me! Irrita-me eu não conseguir falar normalmente, como eu quero”) e por último, a “Falta de Confiança na sua Habilidade para Falar” (“...Um bocadinho... Assim a assim, porque eu, às vezes, falo rápido... e outras vezes falo coiso... a gaguejar!”).

Quadro 38

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Reacção Parental face à Gaguez”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Aconselhamento	60% (6)	75% (3)	50% (3)
Julgamentos/Atitudes Inadequados	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Dificuldade em Saber como Agir Adequadamente	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Ausência de Comentários Depreciativos	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Expectativas de Melhoria	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

Relativamente à temática “*Reacção Parental face à Gaguez*” (relacionada com a questão “*como é que os teus pais reagem quando tu gaguejas? O que é que eles fazem quando gaguejas?*”), verificámos que a reacção parental mais frequente, é o “*Aconselhamento*” (60%), no sentido de recorrer a estratégias para ultrapassar situações de gaguez (“*a minha mãe diz-me para repetir a frase e para fazer uns truques que a terapeuta da fala me disse*”; “*dizem que é para eu me acalmar e falar mais devagarinho*”; “*Respira, depois é que falas! E depois eu respiro e sai-me bem!*”); 20% das crianças referem os “*Julgamentos/Atitudes Inadequadas*”, associados ao grau de exigência imposto, baixo nível de tolerância, pressão, para além das suas capacidades, rotular e chamar à atenção da criança para as suas dificuldades (“*eles dizem para eu parar de gaguejar e para começar a falar mais, para me habituar a não gaguejar, como está a acontecer agora*”; “*o meu pai também é gago. É muito menos que eu... Ele vê que eu começo a gaguejar e então, era assim: respira, por favor! e depois eu era assim: eu estou a respirar! E ele vira-se e diz-me muitas vezes. Ele chega mesmo a ralhar comigo, porque a minha mãe disse assim: Ai, porque tu metes confusão?! Mas o meu pai não... O meu pai ralha mais comigo por eu gaguejar e pensar no que estou a dizer, porque ele na minha idade e isso era muito gozado na escola, mas, depois, com o tempo começou a controlar mais. A minha mãe, pronto, a minha mãe diz assim: ai, tu metes confusão! E eu era assim: mãe, mas o que é que tu queres que eu te faça?! E ela era assim, respira, pensa! mas pronto...*”). Por último, foram verbalizadas mais três tipos de reacções por parte dos pais face à gaguez, sendo cada uma delas, mencionadas por 10% crianças do sexo masculino, como a “*Dificuldade em Saber como Agir Adequadamente*” (“*não dizem nada! Dizem tipo: está melhor?*”), a “*Ausência de Comentários Depreciativos*” (“*não gozam! ...*”) e por fim, a “*Expectativa de Melhoria*” (“*... dizem para eu dizer as coisas bem*”).

Quadro 39

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Sentimento do Próprio face às Atitudes das Figuras Parentais perante a Gaguez”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Sentimentos Negativos	80% (8)	75% (3)	83% (5)
Sentimentos Positivos	40% (4)	50% (2)	33% (2)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

No que concerne à temática “*Sentimento do Próprio face às Atitudes das Figuras Parentais perante a Gaguez*” (relacionada com a questão “*como é que te sentes com a reacção/atitude dos teus pais?*”), verificámos que os sentimentos predominantemente realçados por 80% destas crianças em ambos os sexos, se referem a “*Sentimentos Negativos*” e 40% a “*Sentimentos Positivos*”. Nos dois quadros que se seguem abordaremos de forma discriminada, quais são os sentimentos negativos e positivos evidenciados por estas crianças.

Quadro 40

Percentagens das Sub-Categorias encontradas nas respostas à Categoria “Sentimentos Positivos”, segundo o n° total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Satisfação	30% (3)	50% (2)	17% (1)
Confiança na Habilidade para Falar – Progressão	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma sub-categoria

Relativamente à categoria “*Sentimentos Positivos*” referidos por 40% das crianças, destacaram-se duas sub-categorias como, a “*Satisfação*” referida por 30% das crianças (“*estão a fazer o melhor para mim. Eu gosto quando eles dizem isso, porque se eles dizem isso é para meu bem*”; “*sinto-me bem, que me estão a ajudar!*”) e a “*Confiança na Habilidade para Falar - Progressão*”, referida apenas por 10% das crianças (“*sinto-me mais melhor da fala*”).

Quadro 41

Percentagens das Sub-Categorias encontradas nas respostas à Categoria “Sentimentos Negativos”, segundo o n° total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Mal-Estar/Insatisfação/Incompreensão	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Ansiedade	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Cansaço	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Irritabilidade	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Desinteresse	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Raiva	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Tristeza	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma sub-categoria

Sobre os “*Sentimentos Negativos*”, evidenciados por 80% das crianças, inferiu-se o “*Mal-Estar/Insatisfação/Incompreensão*” em 20% das crianças (“*ah! Às vezes, o meu pai, ele é rígido e assim: tu pára de falar! É que não fales mais comigo! E eu sinto-me um bocadinho mal. E ele depois, pronto, vem ter comigo: tu sabes que eu quando eu era mais novo... E eu: sim, pai! Mas pronto... Ah, a minha mãe é normal, a minha mãe já há coisas que ela diz e eu: está bem!*”) e com 10% cada, a “*Ansiedade*” (“*sinto-me... Às vezes, sinto-me um bocadinho nervosa por ter que estar a repetir aquilo, porque há momentos que me custa muito dizer aquilo*”), o “*Cansaço*” (“*...às vezes, quando fico assim muito tempo parada...é que eu falo, eu falo muito e canso-me muito depressa e então quando a minha mãe me diz isso, eu fico assim um bocadinho... um bocadinho...um bocadinho cansada*”), a “*Irritabilidade*” (“*às vezes, irritam-me, porque quase sempre não funciona*”), o “*Desinteresse*” (“*às vezes, tipo, às vezes, que até nem presto atenção, porque já sei o que eles vão dizer. Mas gostava que reagissem, mais ou menos, como é que eu hei-de explicar... Mais ou menos assim, tipo, só calma*”), a “*Raiva*” (“*pronto, sinto-me um bocadinho zangado...*”) e por fim, a “*Tristeza*” (“*um bocadinho triste, porque eu não gosto de falar disso. Ah, gostava que não falassem daquilo*”).

Quadro 42

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Sentimento de Discriminação no Seio Familiar”, segundo o n° total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Não Sente Discriminação	80% (8)	75% (3)	83% (5)
Por Vezes, Sente Discriminação	20% (2)	25% (1)	17% (1)

No que diz respeito à área temática “*Sentimento de Discriminação no Seio Familiar*”, (questão “*alguma vez te sentiste discriminado por alguma pessoa da tua família devido à tua gaguez?*”), verificámos que a maioria (80%) das crianças “*Não se Sente Discriminada*” (“*pelos que amam, não! Mas agora amigos já, que também...acho que agora os amigos, nem são bem amigos, pronto, são conhecidos. Sim, com a minha professora de educação tecnológica...*”; “*não, não dizem! Não, nunca!*”) e 20% mencionam que “*Por Vezes, Sentem Discriminação*”, referindo-se aos seus irmãos (“*só, às vezes, pelo meu irmão. Agora é muito raramente, só quando estamos chateados*”).

Quadro 43

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Percepção da Criança acerca da Imagem/Representação que a Família tem de Si”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Representação Ambivalente (positiva e negativa, em simultâneo)	60% (6)	50% (2)	67% (4)
Representação Positiva	20% (2)	50% (2)	0% (0)
Representação Negativa	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Não Sabe ou Não Responde Directamente	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Relativamente à temática, “*Percepção da Criança acerca da Imagem/Representação que a Família tem de Si*” (questão “*que opinião achas que a tua família tem de ti?*”), constatámos que a categoria que mais se destaca, referida por 60% das crianças, consiste, na “*Representação Ambivalente*”, ou seja, comentários positivos e negativos em simultâneo (“*ah, que sou inteligente, trabalhador, também. Ah, que, às vezes, não tenho noção do perigo... Amigo, mais nada*”; “*eles acho que, pronto, mais os meus avós maternos, que eu tenho a mania das grandezas. Então, também, eu e os meus avós maternos, a parte da minha mãe, é complicado, mas eu acho que eles me acham uma pessoa que gosta de se divertir e que não gosta de olhar para trás e então, acham que sou determinada... E então, mais a minha avó paterna, que me dou melhor, até, que acha que eu ao ser gaga, ela conhece pessoas gagas, porque é enfermeira e trabalhava num hospital e aquilo. E, pronto, ela dizem que a maioria se deixa ir abaixo por causa disso e eu não, ela diz que eu ando sempre de nariz empinado, mas pronto. Porque como é da parte do meu pai, e ele é gago, se calhar facilita mais. O meu pai, o meu pai, ele acha que é assim, eu sou muito teimosa e eu acho que os meus pais, eles pensam que eu gaguejo, porque me estou a habituar. Sim! E que, às vezes, até em conversas assim sérias, eu começo a gaguejar: ah, isso é de propósito! Sim, é isso tudo. E às vezes, eu começo a gaguejar, e o pai: mas tu queres fazer isso?!, não, mas eu não consigo controlar! E ele, assim: não, não consegue! Mas ele diz: ah, eu, também, não controlava, mas depois como, ao longo dos anos, tive que começar a trabalhar é que fui melhorando e eu era assim. E eu: então, e eu também vou começar a melhorar! E ele diz: sim, está bem... Eu não vejo isso! Porque ele diz que eu sou muito diferente dele, ele ficava mesmo chateado e ele diz que eu estou na boa. E eu assim: então, mas isso é bom. A minha mãe, pronto, acha que eu sou teimosa e essas coisas, mas em relação a mim, à gaguez, a*

minha mãe até diz que é bom eu, pronto, eu não ter complexos, porque a minha mãe acha, também, muito estranho eu não ter complexos e essas coisas. Eu sou tímida, mas, a minha mãe diz assim: tu tens tantos amigos e não sei quê... Mas, às vezes, a minha mãe é que vê outras pessoas a gozarem comigo, e a minha mãe: ah, pois, tu vês os teus amigos gozarem contigo. E eu: pois, está bem!); em 20% das raparigas, destaca-se uma “Representação Positiva” (“acho que tem uma opinião boa! Acho que acham que, apesar de eu gaguejar, eu acho que eles acham que eu sou linda, pronto”) e em 10% uma “Representação Negativa” (“que sou preguiçoso, que não estudo muito, que, às vezes, não penso antes de dizer as coisas, mais nada...”) ou ainda também com 10%, “Não Respostas ou Não Responde Directamente” (“não sei! Tem muito carinho por mim!”).

Quadro 44

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Figura de Apoio Face à Gaguez”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Figuras Parentais	30% (3)	0% (0)	50% (3)
Irmãos	20% (2)	50% (2)	0% (0)
Figura Materna	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Profissionais - Terapeuta da Fala	20% (2)	0% (0)	33% (3)
Pares	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Tio	10% (1)	25% (1)	0% (0)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

No que diz respeito à temática “Figura de Apoio Face à Gaguez”, (questão “quem é que te ajuda mais em relação à tua gaguez?”), verificámos que a figura mais referida por 30% das crianças, mas apenas do sexo masculino, foram as “Figuras Parentais” (“os meus pais, porque cada vez que eu gaguejo eles fazem, eles tentam fazer coisas para eu não gaguejar”; “... Eu diria que são os meus pais, porque os meus pais é que dizem aquelas coisas do calma e isso”); em 20% das crianças, surgem os “Irmãos” (“a minha mana, porque ela ajudou-me sempre”), a “Figura Materna” (“ah, a minha mãe! Apoia-me sempre e... E ela diz... Diz para eu, ah, ter calma e não falar assim muito depressa”; “acho que é a minha mãe... A minha mãe, pronto, é que fica mais vezes a falar comigo. Por exemplo, a terapeuta da fala diz-me para eu ler um livro em casa com a minha mãe e a minha mãe é que está lá para me ajudar a ler o livro e quando eu erro, eu vou estar a ler essa palavra do início”) e os

“Profissionais-Terapeutas da Fala” (“a Doutora, porque me sinto muito à-vontade com ela”). Por último, 10% das crianças salientaram os “Pares” (“...isto quase ninguém me ajuda! Porque... Mas eu tenho uma amiga que me ajuda, porque eu conheço-a desde os 2 anos já, já há muito mesmo e eu estou com ela e falo com a minha mãe e às vezes, eu fico ali encalhada e é ela que me acaba as frases...”) e os *“Tios” (“... e a minha tia-avó! ...”)*.

Quadro 45

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Desejo de Mudança na Família”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Relação entre as Figuras Parentais	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Maior Autonomia/Evidência no Seio da Família	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Ausência/Indisponibilidade do Avô	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Personalidade da Figura Materna e Avós Maternos	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Aparência da Família	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Personalidade da Figura Paterna	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Relação na Fratria	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Comportamento do Irmão face aos Estudos - Concretização dos Projectos do Irmão	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Abertura para a Aquisição de um Animal de Estimação por Parte das Figuras Parentais	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Personalidade da Prima	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Possibilidade de ter Conhecido o Avô	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Desejo de Compreensão e Aceitação por parte das Figuras Parentais	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Não Refere Desejo de Mudança	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

Relativamente à temática *“Desejo de Mudança na Família”* (questão *“se o extraterrestre te desse um poder mágico para poderes mudar alguma coisa na tua família, o que mudavas? Porquê?”*) evidenciaram-se várias categorias. Referidas por 20% das crianças, as categorias que mais se destacam face à mudança na família foram, a *“Relação entre as Figuras Parentais”* (*“na minha família?! Ah, queria que os meus pais se dessem bem. Não que voltassem a estar juntos, mas que pudessem ser amigos”; “mudava que os meus pais nunca mais discutissem... E mais nada! Porque eu não gosto de ver eles a discutirem!”*) e *“Maior Autonomia/Evidência no Seio Familiar”* (*“hum... que as pessoas que são altas fossem baixinhas e que eu ficasse a mais alta da família, para ser tratada com mais respeito, porque*

eu quase não faço o que eu quero... Queria ser mais velha, das jovens! Não é de 100 anos!”); com 10% cada, foram ainda referidas, a “Ausência/Indisponibilidade do Avô” (“ah, na minha família, eu mudava o meu avô, porque o meu avô quase nunca me vê e quando me vê vem sempre maldispósito”), a “Personalidade da Figura Materna e Avós Maternos” (“mudava o feitio da minha mãe e dos meus avós maternos, também. Eles têm assim um bocado... mas pouca coisa, pouca coisa... como a família é pequena nós somos muito unidos e também não... Acho que não mudava mais nada”), a “Aparência da Família” (“mudava o estilo de roupa...”), a “Personalidade da Figura Paterna” (“mudava o meu pai, para poder ser mais simpático e não resmungar com as pessoas, era só para não ser refilão, ele podia continuar com os castigos à vontade, é para o meu bem, por isso... Ele refila muito com a minha mãe, zanga-se muito com as pessoas”), a “Relação na Fratria” (“era o meu mano ser bom para mim e eu para ele”), o “Comportamento do Irmão Face aos Estudos – Concretização dos Projectos do Irmão” (“...que o meu irmão estudasse mais e fosse veterinário, que é o que ele quer ser...”), a “Abertura para a Aquisição de um Animal de Estimação por Parte das Figuras Parentais”, subjacente a um sentimento de solidão (“ah, queria um cão... Dois, dois... Só que ela não quer, nem o pai, nem a mãe. Eu adoro cães e é uma companhia, porque, às vezes, em casa da mãe eu estou sozinho”), a “Personalidade da Prima” (“se calhar, que mudava o feitio da minha prima”), a “Possibilidade de ter Conhecido o Avô” (“eu não mudava... Eu, pelo menos, queria só conhecer o meu avô paterno, que eu nem cheguei a conhecer”), o “Desejo de Compreensão e Aceitação por parte das Figuras Parentais” (“que eles não ficassem zangados comigo”) e por último “Não Refere Desejo de Mudança” (“não mudava nada, porque gosto dela como ela está!”).

Quadro 46

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Desejo de Mudança face à Gaguez”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Deixar de Gaguejar	80% (8)	75% (3)	83% (3)
Menor Velocidade/Ritmo da Expressão Oral	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Melhorar o Controlo da Respiração	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Não Mudava Nada	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

No que diz respeito à temática “*Desejo de Mudança face à Gaguez*” (questão “*e em relação à tua gaguez, o que mudavas?*”), verificámos que o desejo mais referido por 80% das crianças, consiste no “*Deixar de Gaguejar*” (“*que eu não gaguejasse!*”; “*...Na família ou em casa eu até podia gaguejar, mas agora em público é que não*”); com 10% cada, surgiram ainda três categorias como, “*Menor Velocidade/Ritmo da Expressão Oral*” (“*mudava para não falar tão depressa. Mudava isso!*”), “*Melhorar o Controlo da Respiração*” (“*controlar a respiração, em público, pelo menos...*”) e por último, a referência de que “*Não Mudava Nada*” (“*em relação à minha gaguez?! Eu não mudava nada...*”), demonstrando aceitação da sua gaguez.

Quadro 47

Percentagens das Categorias encontradas nas respostas à Área Temática “Atribuição Causal do Desejo de Manutenção/Mudança face à Gaguez”, segundo o nº total de participantes e o género

Categorias	N.º Total de Participantes (N=10)	Feminino (n=4)	Masculino (n=6)
Sentimento de Desagrado	40% (4)	50% (2)	33% (2)
Sentimento de Incompetência e Inabilidade para Falar	30% (3)	50% (2)	17% (1)
Reacções Emocionais	20% (2)	25% (1)	17% (1)
Sentimento de Embaraço	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Impaciência e Irritação por Parte dos Pares	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Pressão	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Sentimento de Exclusão/Entrave Relacional/Solidão por ser			
Percepcionado como diferente/Estigmatização	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Incremento da Habilidade para Falar	10% (1)	25% (1)	0% (0)
Impacto Positivo nas Figuras Parentais	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Incremento da Autoconfiança	10% (1)	0% (0)	17% (1)
Benefícios Secundários da Gaguez	10% (1)	0% (0)	17% (1)

Nota: Cada participante poderá ter apresentado respostas classificadas em mais de uma categoria

Por fim, sobre a “*Atribuição Causal do Desejo de Manutenção/Mudança face à Gaguez*” (questão “*E em relação à tua gaguez, o que mudavas? Porquê?*”) verificámos que a categoria mais destacada, consiste no “*Sentimento de Desagrado*”, referido por 40% das crianças (“*porque não gosto muito, não gosto! Detesto!*”; “*não gosto de estar sempre a falar mal...*”); em 30% das crianças, evidenciou-se a categoria “*Sentimento de Incompetência e Inabilidade para Falar*” (“*... às vezes até a perguntarem-me o meu nome e a minha idade, eu tenho um grande problema em dizer as palavras com um “t” e o “r” juntos e eu tenho treze*

anos, demoro imenso tempo. Eu, às vezes, digo assim: eu agora faço os catorze e ela: então, tu tens treze? E eu: sim!"; "... Algumas vezes, falo depressa e sai-me mal as coisas e alguns nem me percebem nada"), 20% das crianças, evidenciam as "*Reacções Emocionais*" ("sinto-me um bocadinho... Nervoso e triste!") e por último, com 10% cada salientam-se, o "*Sentimento de Embaraço*" ("porque é embaraçoso..."), a "*Impaciência e Irritação por Parte dos Pares*" ("porque, às vezes, quando estou a falar com os meus amigos, eles dizem assim: vá rápido, que eu não tenho muito tempo!..."), a "*Pressão*" ("...e eu sinto-me pressionada quando eles me dizem isso"), o "*Sentimento de Exclusão/Entrave Relacional/Solidão por ser Percepcionado como Diferente/Estigmatização*" ("às vezes, quando eu fico assim, pronto, demoro um bocadinho mais, eles vão-se embora e fico triste, porque eles não têm tempo para me ouvir. Lá na minha aula, há uma menina que também gagueja, então nós, às vezes, falamos sobre como nos sentimos e assim e nós, às vezes, falamos de coisas que nunca dizemos às outras pessoas, é tipo, pronto, nós sentimos ali uma coisa que nos põe de parte, lá na escola"), o "*Incremento da Habilidade para Falar*" ("porque para ficar com uma fala melhor!"), o "*Impacto Positivo nas Figuras Parentais*" ("porque assim os meus pais ficavam contentes comigo. Eles ficavam contentes por eu ter parado de gaguejar..."), o "*Incremento da Autoconfiança*" ("...Ah, não sei... Porque acho que era melhor, acho que podia fazer mais coisas e aumentar a minha autoconfiança") e por fim, os "*Benefícios Secundários da Gaguez*" ("...Porque eu, às vezes, até gosto de gaguejar, porque, às vezes, vou a dizer um disparate e depois quando eu vou a dizer gaguejo e ainda bem, assim safo-me").

CONCLUSÃO DA ANÁLISE DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Com o intuito de clarificar a análise de todos os dados referidos anteriormente provenientes da entrevista, iremos seguidamente tentar organizar uma síntese com as principais categorias e sub-categorias.

Ao longo da nossa análise, pudemos verificar que para a maioria das crianças do nosso grupo, o "*Conceito de família*" representa especialmente para os rapazes, um "*Grupo Significativo de Pessoas*" e para as raparigas, a família aparece associada enquanto "*Asseguradora de Continuidade das Relações*", a relações douradoras entre os membros das famílias, por convivência e proximidade, sendo as pessoas com quem se passa mais tempo; alguns rapazes, destacam também a família como "*Potenciadora de*

Apoio/Suporte/Protecção”. Relativamente à *“Função/Papel da Família”*, evidenciou-se a sua *“Função de Protecção e Apoio”* e *“Afectiva”* (suporte emocional).

No que diz respeito, à *“Representação da Estabilidade Familiar”*, apurámos que a maioria, as crianças possuem uma *“Percepção de Mudanças no Ciclo Familiar”*, ou seja, que as famílias podem ir mudando ao longo do tempo. Como *“Atribuição Causal das Mudanças no Ciclo da Vida Familiar”*, a maioria atribui às *“Discussões/Conflitos Interparentais/Separação das Figuras Parentais”* e a mudanças que o *“Crescimento/Envelhecimento”* podem trazer às próprias figuras que constituem a família.

Sobre a *“Representação do Papel da Figura Paterna/Função Paterna”*, salienta-se uma representação globalmente positiva, surgindo como uma *“Figura Protectora/de Suporte e Apoio”* (dar conselhos), como uma *“Figura Lúdica”* e também como uma *“Figura de Autoridade”* (associada à disciplina).

No que concerne à *“Representação do Papel da Figura Materna/Função Materna”*, verificámos que para estas crianças, tem maioritariamente uma *“Função de Afecto”* (satisfazer as necessidades de afecto), uma *“Função Educativa”* (principalmente para os rapazes), uma *“Figura Protectora de Suporte/Apoio”* (que satisfaz as necessidades de segurança e confere suporte quando os filhos o necessitam), uma *“Figura que Satisfaz as Necessidades de Compreensão”* (referido pelas raparigas, pois reconhece o estado mental da criança, interpreta-o adequadamente e responde de modo ajustado) e também como uma *“Figura de Autoridade Moral/Disciplina”* (referida pelos rapazes, como a figura que impõe normas, limites, controlo, disciplina e monitoriza o comportamento). Tal como a figura paterna, as crianças manifestam uma representação do papel/função da figura materna positiva, embora também se revele como contentora e como figura de autoridade.

Relativamente à *“Representação de Papéis de Géneros”*, verificámos que a maioria das crianças considera existir uma *“Diferença de Géneros”*, a *“Nível Biológico e Comportamental”*, evidenciando-se a figura paterna a *“Nível da Execução de Tarefas que Requerem Força Física”*, a *“Nível do Desempenho de Actividades de Lazer/Lúdicas”*, a *“Nível da Abertura e Confidências”* e de *“Aconselhamento sobre a Sexualidade - Educação para a Sexualidade”*; na figura materna, destaca-se o *“Nível de Preocupação face aos Filhos”*, o *“Nível da Execução das Actividades Domésticas”*, bem como, a *“Quantidade de Trabalho/Nível de Actividade”*. O papel da figura materna para estas crianças, evidencia-se mais ao nível da realização das tarefas e acompanhamento dos filhos e da figura paterna, em actividades lúdicas e aconselhamento.

Para a maioria das crianças verifica-se na “*Representação dos Papéis Parentais*” uma “*Valorização de Ambos os Papéis*”, especialmente para as crianças do sexo masculino; nas raparigas, observa-se de alguma forma, também indicadores de uma “*Valorização do Papel da Figura Materna*” no sentido da compreensão e acompanhamento dos filhos.

Relativamente ao “*Conceito Alargado de Família – Função/Papel*”, apurámos que para as crianças, estas figuras têm maioritariamente uma “*Função Lúdica/Recreativa*” e um papel de “*Suporte Emocional/de Apoio/Ajuda*”; outros aspectos que se salientaram nesta temática, consiste na percepção dos elementos da família alargada desempenhando uma “*Função Afectiva*” (elementos potenciadores de momentos de carinho e afectividade), uma “*Função Educativa/Transmissiva*” (o educar, ensinar e transmitir valores) e de “*Proximidade/Convívio*” com estas figuras.

Nestas questões mais específicas relacionadas com a família das crianças propriamente dita, sobre a “*Composição/Configuração do Agregado Familiar*”, evidenciou-se a representação da “*Família Alargada*”, verificando-se uma minoria de casos que refere a “*Família Nuclear*” ou a “*Família Reconstruída*”.

No que diz respeito à “*Representação Materna*”, verificámos que parte das crianças especialmente os rapazes, têm uma “*Representação Positiva*” da figura materna, verbalizando aspectos como “*bonita*”, “*linda*”, “*simpática*”, “*atenciosa*”, “*figura de apoio*” e “*carinhosa*”. No entanto, outra maioria das crianças (em maior percentagem nas raparigas), manifestam uma “*Representação Ambivalente*”, referindo aspectos positivos e negativos em simultâneo (no caso dos últimos, o facto de ser “*mandona*”, “*exigente*” e com “*pouca paciência*”).

Relativamente à “*Representação Paterna*”, verificámos também uma “*Representação Ambivalente*”, com comentários positivos e negativos em simultâneo (nestes incluem-se “*aluado*”, “*esquecido*”, “*refilão*”, “*complicado de convencer*”, “*exigente*” e “*mais ausente devido ao excesso de trabalho*”) e uma “*Representação Positiva*” (“*o ser bonito*”, “*simpático*”, “*ídolo*”, “*inteligente*” e “*muito trabalhador*”).

No que concerne à “*Tendência Afectiva/Figura mais Valorizada, Investida e Importante*”, constatámos serem os “*Avós*” e os “*Irmãos*” (os que se dão melhor e que estão “*sempre lá*”); com os irmãos sentem-se mais à vontade e podem contar “*mais coisas*”; com uma percentagem inferior, alguns rapazes referem também a “*Figura Paterna*”. Por outro lado, como o “*Membro da Família com que a Criança Interage Mais Tempo*”, as crianças consideram os “*Avós*”, a “*Figura Materna*” e ainda (embora com uma percentagem inferior) os “*Irmãos*”.

No que concerne à “*Figura de Protecção*” (a figura que a criança procura em caso de se sentir mal ou ter algum problema), surgem ambas as “*Figuras Parentais*” (como sendo, as pessoas que mais sabem e tratam deles) destacadas pelos rapazes, assim como, a “*Figura Paterna*” (apenas pelas crianças do sexo feminino) e a “*Figura Materna*” e os “*Irmãos*”, pelas crianças de ambos os sexos.

Sobre a “*Figura de Conflito*” (figura com quem a criança se zanga mais vezes) são referidos em primeiro lugar os “*Irmãos*” (remetendo para a rivalidade entre irmãos) e a “*Figura Materna*” (por ser uma figura controladora, que ralha e com quem se zangam mais).

Quanto aos “*Sentimentos/Reacção do Próprio face à Gaguez*”, verificámos que o sentimento predominante no discurso destas crianças, principalmente nos rapazes é de “*Aceitação/Integração*”. As raparigas manifestam também o sentimento de “*Ser Diferente*”, de “*Embaraço*”, “*Tristeza*”, “*Desejo de melhoria*” e “*Vergonha/Culpa*”.

No que diz respeito, à “*Reacção Parental face à Gaguez*” (à forma como os pais reagem à gaguez dos filhos e o que fazem quando tal acontece), apurámos que a maioria das crianças refere que os pais têm uma atitude de “*Aconselhamento*” (aconselhar a respirar, falar com calma e utilizar estratégias recomendadas pela terapeuta da fala).

No que concerne ao “*Sentimento do Próprio face às Atitudes das Figuras Parentais face à Gaguez*” (a forma como as crianças se sentem face à reacção dos pais), verificámos que as crianças referem maioritariamente “*Sentimentos Negativos*” (predomina o sentimento de “*Mal-Estar/Insatisfação/Incompreensão*”), revelando “*Ansiedade*” (devido à repetição das palavras gaguejadas), “*Cansaço*”, “*Irritabilidade*”, “*Desinteresse*”, “*Raiva*” e “*Tristeza*”, como não gostar que os pais falem sobre a gaguez; embora também com uma percentagem inferior, manifestaram também alguns “*Sentimentos Positivos*” como, a “*Satisfação*” (acreditam que tudo o que dizem é para o seu bem) e a “*Confiança na Habilidade para Falar – Progressão*” (sentem melhorias na sua fala).

Sobre os “*Sentimentos de Discriminação no Seio Familiar*” devido à gaguez, a maioria das crianças refere que “*Não Sente Discriminação*” por parte dos elementos da sua família, referindo-se a episódios de discriminação, com pessoas exteriores ao seu seio familiar.

Quanto à “*Percepção da Criança acerca da Imagem/Representação que a Família Tem de Si*” (a opinião que a criança considera que a sua família faz acerca de si própria), destaca-se uma “*Representação Ambivalente*”, ou seja, com comentários negativos e positivos em simultâneo, como por exemplo, “*teimoso(a)*” e/ou “*simpático(a)*”.

Como “*Figura de Apoio Face à Gaguez*” (aquela por quem a criança se sente mais ajudada face à mesma), destacam-se as “*Figuras Parentais*” (utilizam estratégias para as ajudar), os “*Irmãos*”, a “*Figura Materna*”, os “*Profissionais-Terapeutas da Fala*” (estes referidos apenas pelas crianças do sexo masculino).

Sobre os “*Desejos de Mudança na Família*” salienta-se, a “*Relação entre as Figuras Parentais*” (os pais se darem bem e não discutirem) e “*Maior Autonomia/Evidência no Seio Familiar*”.

Por sua vez, relativamente ao “*Desejo de Mudança face à Gaguez*” a maioria das crianças referiram, o “*Deixar de Gaguejar*” e em percentagem muito inferior, o desejo de “*Menor Velocidade/Ritmo de Expressão Oral*” (falar mais devagar), “*Melhorar o Controlo da Respiração*” em público; apenas uma criança referiu que “*Não Mudaria Nada*” relativamente à sua gaguez. Por último, na “*Atribuição Causal do Desejo de Manutenção/Mudança face à Gaguez*” as crianças manifestaram um “*Sentimento de Desagrado*” (por não gostar de gaguejar e que a sua fala seja desta forma), o “*Sentimento de Incompetência e Inabilidade de Falar*” (por não conseguirem falar correctamente) e as “*Reacções Emocionais*”, como a tristeza e o nervoso.

Em suma, verificámos alguma diferença entre as figuras, sendo a figura paterna considerada com um papel mais lúdico, de suporte, que apoia e que dá conselhos aos filhos e a figura materna com um papel educativo, afectivo, que cuida dos filhos, que entende melhor as suas necessidades, mais presente, constituindo de certa forma uma figura de autoridade (que impõe limites) e assim destacando-se também como figura de conflito. Os irmãos aparecem também referenciados como pessoas muito importantes (com quem se dão melhor e passam mais tempo), assim como os avós; os elementos da família alargada, parecem ter também uma função lúdica e de suporte familiar.

Relativamente à gaguez a maioria das crianças parece manifestar uma atitude de aceitação e integração (especialmente os rapazes), embora sejam também referidos alguns sentimentos negativos (principalmente as raparigas). No que diz respeito à atitude dos pais face à gaguez, embora a atitude mais referida seja o aconselhamento e uso de estratégias para os ajudar, as crianças manifestam sentimentos negativos, como a ansiedade, tristeza, mal-estar/insatisfação/incompreensão entre outros. A maioria destas crianças, referem também que nunca se sentiram discriminadas por pessoas do seu seio familiar devido à sua gaguez, salientando como figuras de apoio as suas figuras parentais e irmãos, ou seja, a sua família nuclear, bem como os terapeutas da fala. Sobre desejos de mudança, o principal é deixar de

gaguejar, pelos sentimentos de desagrado, incompetência na fala e reacções emocionais que a gaguez lhes causa.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO DE LIGAÇÃO PARENTAL PARA ADOLESCENTES (QLP – A)

Utilizou-se o Software SPSS versão 20.0 para efectuar o tratamento de dados provenientes do questionário (QLP-A) (Anexo J).

No sentido de se comparar as duas amostras emparelhadas (respostas relativas ao pai e à mãe), quer nos itens da escala QLP-A, quer no total das três dimensões (carinho, autonomia e protecção) recorreu-se ao teste não paramétrico Wilcoxon. A escolha deste teste deveu-se ao facto dos itens terem escala ordinal e a amostra ser muito pequena, não sendo necessário investigar a normalidade. Segundo Motulsky (2003) em amostras com $n \leq 12$ sujeitos os testes de normalidade têm pouco poder para discriminar distribuições que seguem curva de gauss, ou seja amostras pequenas não têm informação suficiente para se poderem fazer inferências acerca do tipo de distribuição na população (ver tabelas abaixo).

Quadro 48

Estatística Descritiva e Teste de Wilcoxon: Comparação respostas pai/mãe na dimensão carinho (itens e score total)

Dimensão Carinho		Média	N	Desvio Padrão	Wilcoxon
1. Fala comigo com voz calma e amiga	Pai	2,40	10	,843	Z = ,276, p = ,783
	Mãe	2,30	10	,949	
2. Ajuda-me tanto quanto eu preciso	Pai	2,30	10	,675	Z = -2,00, p = ,046*
	Mãe	2,70	10	,483	
4. É meigo e carinhoso para mim	Pai	2,30	10	,675	Z = ,816, p = ,414
	Mãe	2,50	10	,707	
5. Compreende os meus problemas e preocupações	Pai	2,50	10	,850	Z = ,378, p = ,705
	Mãe	2,60	10	,843	
6. É muito afectuoso para mim	Pai	2,50	10	,707	Z = -1,342, p = ,180
	Mãe	2,80	10	,422	
11. Gosta de conversar comigo	Pai	2,60	10	,699	Z = -1,342, p = ,180
	Mãe	2,90	10	,316	
12. Sorri-se para mim com Frequência	Pai	2,60	10	,699	Z = -1,00, p = ,317
	Mãe	2,80	10	,42	
14. Compreende o que eu preciso ou Quero	Pai	1,80	10	1,033	Z = 0,00, p = 1,00
	Mãe	1,80	10	1,135	
16. Faz-me sentir desejado	Pai	2,50	10	,527	Z = -1,732, p = ,083
	Mãe	2,80	10	,422	
17. Consegue fazer-me sentir Melhor quando estou aborrecido	Pai	2,30	10	,823	Z = -1,000, p = ,317
	Mãe	2,50	10	,707	
18. Conversa muito comigo	Pai	2,20	10	,632	Z = -2,000, p = ,046*
	Mãe	2,60	10	,516	
24. Elogia-me	Pai	2,20	10	1,033	Z = -,736, p = ,461
	Mãe	2,50	10	,850	
Score Total Carinho	Pai	2,35	10	,355	Z = -1,335, p = ,182
	Mãe	2,57	10	,378	

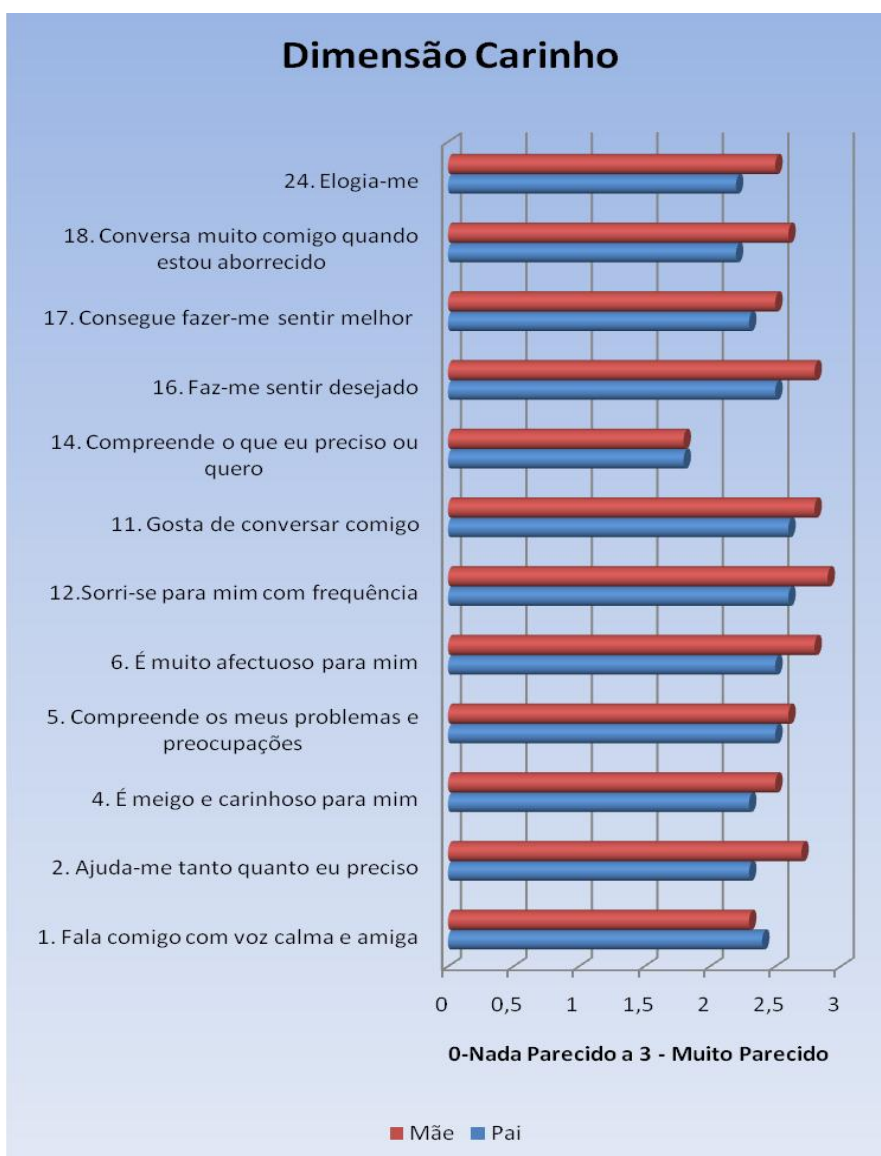
***Sigificativo para $p < 0,05$**

Embora o teste de Wilcoxon não tenha revelado a existência de uma diferença significativa, entre as respostas relativas ao pai e à mãe no score total relativo à *dimensão carinho*, verificou-se que existem dois itens (item 2 – “Ajuda-me tanto quanto eu preciso” e item 3- “Conversa muito comigo”) em que existem diferenças significativas, sendo o resultado significativamente mais elevado nas mães. Observando as médias dos resultados

para o pai e para a mãe nos itens desta dimensão constata-se que são superiores a 1,5 (meio da escala) o que revela bons resultados nesta escala relativa ao carinho. (Gráfico 1)

Gráfico 1

Dimensão Carinho



Embora o teste de Wilcoxon também não tenha revelado a existência de uma diferença significativa entre as respostas relativas ao pai e à mãe no score total da *dimensão autonomia*, verifica-se que existe um item (item 22 - “*Deixa-me sair quando eu quero*”) em que existe uma diferença significativa sendo o resultado significativamente mais elevado no pai (ou seja o pai revela mais este comportamento do que a mãe); será de realçar neste item uma média relativa à mãe muito baixa (0,80), o que revela que a mãe dá pouca autonomia a esse nível, comparativamente ao pai.

Quadro 49

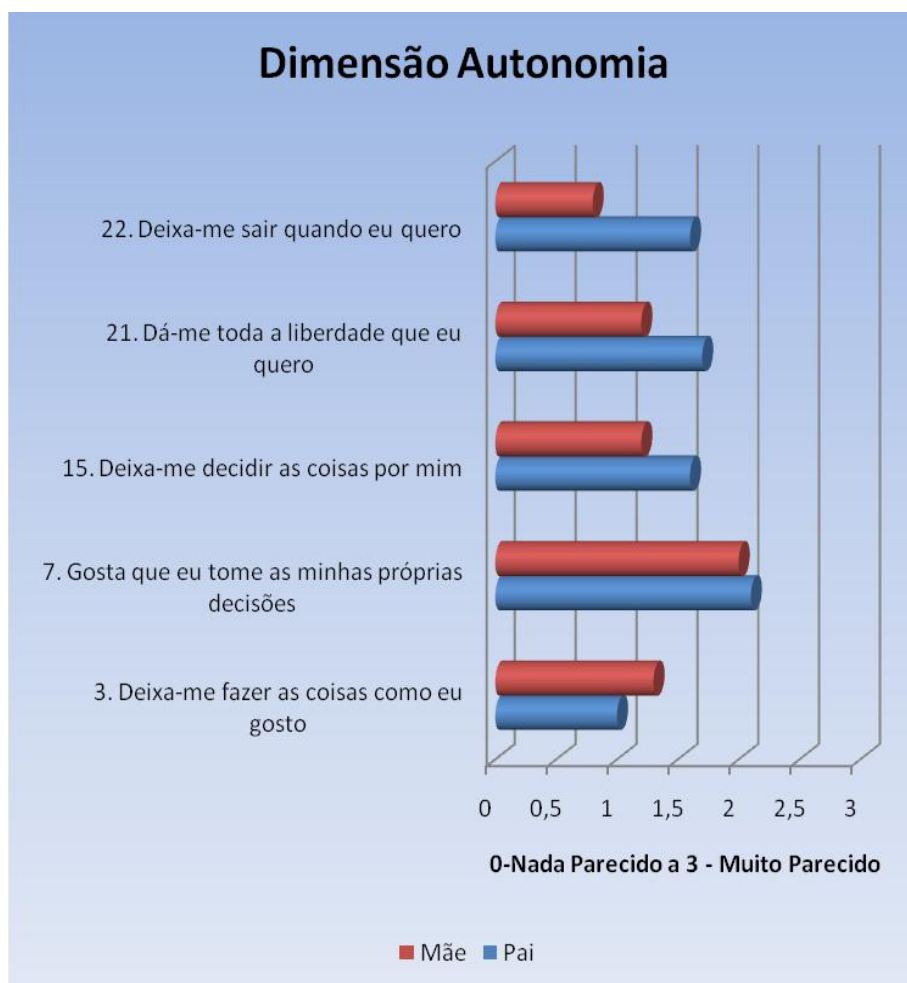
Estatística Descritiva e Teste de Wilcoxon: Comparação respostas pai/mãe na dimensão autonomia (itens e score total)

Dimensão Autonomia		Média	N	Desvio Padrão	Wilcoxon
3. Deixa-me fazer as coisas como eu gosto	Pai	1,00	10	1,054	Z = ,647, p = ,518
	Mãe	1,30	10	1,059	
7. Gosta que eu tome as minhas próprias decisões	Pai	2,10	10	,994	Z = ,345, p = ,730
	Mãe	2,00	10	,816	
15. Deixa-me decidir as coisas por mim	Pai	1,60	10	1,174	Z = -1,30, p = ,194
	Mãe	1,20	10	,919	
21. Dá-me toda a liberdade que eu quero	Pai	1,70	10	1,059	Z = -1,63, p = ,102
	Mãe	1,20	10	1,033	
22. Deixa-me sair quando eu quero	Pai	1,60	10	1,174	Z = -2,06, p = ,039*
	Mãe	,80	10	,789	
Score Total Autonomia	Pai	1,60	10	,816	Z = -,833 p = ,405
	Mãe	1,30	10	,661	

Observando as médias dos resultados para o pai e para a mãe nos vários itens desta dimensão constata-se que se situam perto do meio da escala (1,5) o que revela que é dada uma autonomia moderada; o item em que as médias foram mais baixas tanto para o pai como para a mãe foi o item 3 - “Deixa-me fazer as coisas como eu gosto”. (Gráfico 2)

Gráfico 2

Dimensão Autonomia



Embora o teste de Wilcoxon não tenha revelado a existência de uma diferença significativa entre as respostas relativas ao pai e à mãe no score total da *dimensão protecção*, verifica-se que existe uma diferença significativa no item 13 (“*Costuma tratar-me como um bebé*”); embora neste item as médias sejam baixas tanto para o pai como para a mãe, o resultado é significativamente mais baixo no pai (ou seja utiliza ainda menos do que a mãe este tipo de comportamentos).

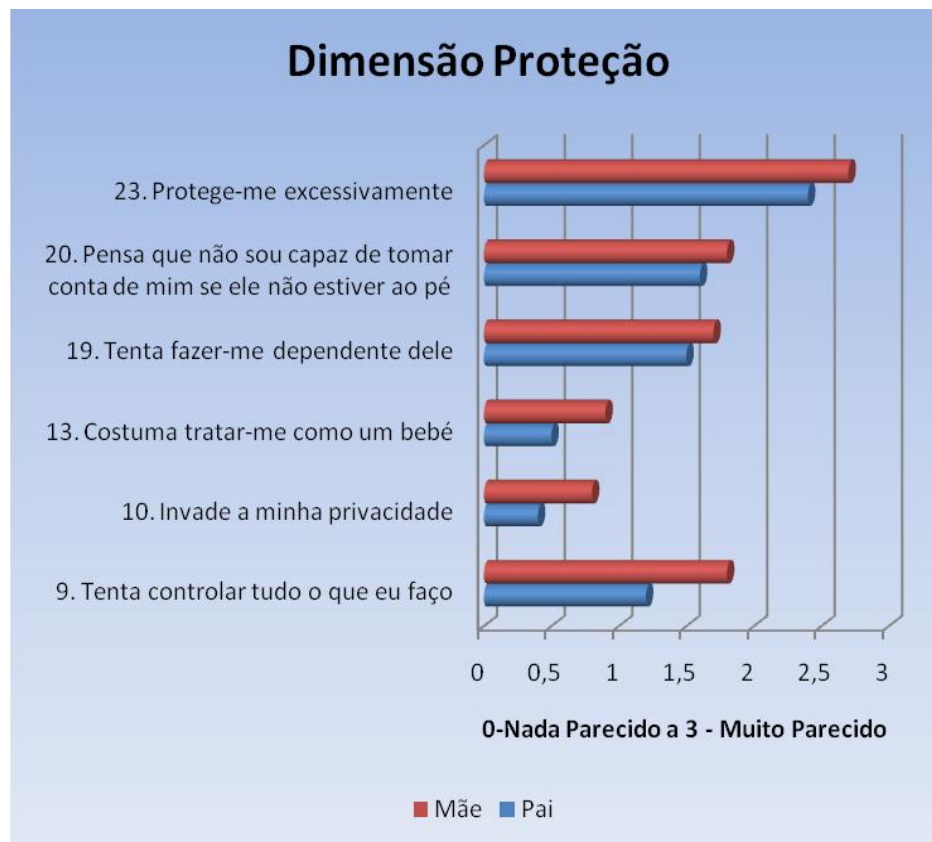
Quadro 50

Estatística Descritiva e Teste de Wilcoxon: Comparação respostas pai/mãe na dimensão protecção (itens e score total)

Dimensão Protecção		Média	N	Desvio Padrão	Wilcoxon
9. Tenta controlar tudo o que eu faço	Pai	1,20	10	1,033	Z = -1,473 , p = ,141
	Mãe	1,80	10	1,135	
10. Invade a minha privacidade	Pai	,40	10	,516	Z = -1,069 , p = ,285
	Mãe	,80	10	1,033	
13. Costuma tratar-me como um bebé	Pai	,50	10	,972	Z = -2,000 , p = ,046*
	Mãe	,90	10	1,101	
19. Tenta fazer-me dependente dele	Pai	1,50	10	1,269	Z = -,707 , p = ,480
	Mãe	1,70	10	,823	
20. Pensa que não sou capaz de tomar conta de mim se ele não estiver ao pé	Pai	1,60	10	1,350	Z = -,816 , p = ,414
	Mãe	1,80	10	1,229	
23. Protege-me excessivamente	Pai	2,40	10	1,075	Z = -1,342 , p = ,180
	Mãe	2,70	10	,675	
Score Total Protecção	Pai	1,27	10	,556	Z = -1,121 , p = ,262
	Mãe	1,62	10	,490	

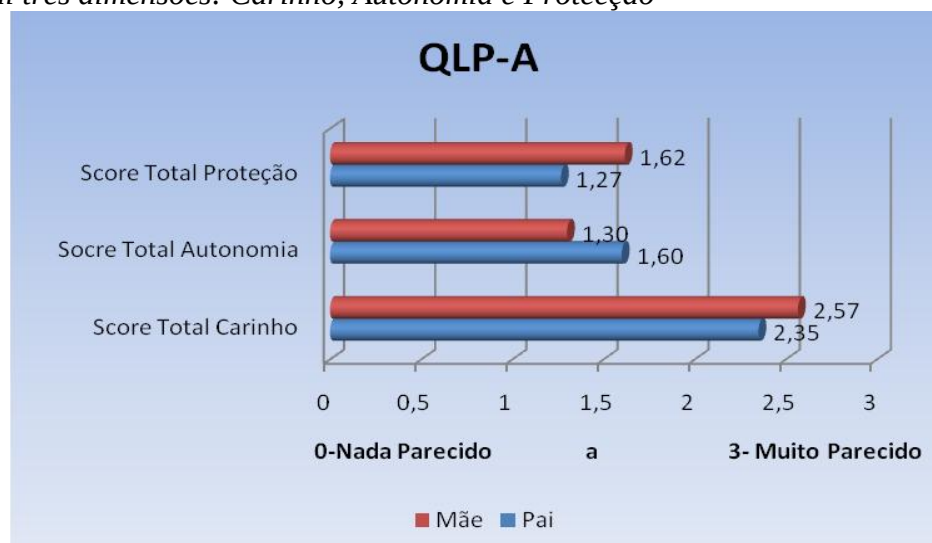
Observando as médias dos resultados para o pai e para a mãe nos vários itens desta dimensão, constata-se que existem dois itens em que as médias para o pai e para a mãe são bastante inferiores a 1,5, o que indica que as crianças consideram que os pais não empregam muito esses comportamentos de protecção (item 10 - “*Invade a minha privacidade*”, item 13 - “*Costuma tratar-me como um bebé*”). As médias foram mais elevadas (muito superiores ao meio da escala) no item 23 - “*Protege-me excessivamente*”; nos restantes itens, item 19 – “*Tenta fazer-me dependente dele*” e item 20 – “*Pensa que não sou capaz de tomar conta de mim se ele não estiver ao pé*”, as médias estão próximas do meio da escala o que revela comportamentos moderados a esse nível. (Gráfico 3)

Gráfico 3
Dimensão Protecção



Observando os resultados encontrados nas 3 dimensões da escala, quer para o pai quer para a mãe constata-se resultados mais elevados na dimensão carinho e mais moderados nas dimensões autonomia e protecção (Gráfico 4).

Gráfico 4
Score Total três dimensões: Carinho, Autonomia e Protecção



DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“Tudo se processa, afinal a partir da comunicação familiar. E, tal como uma árvore se pode considerar sem voz quando os seus ramos crescem desordenados, também uma família pode não sobreviver se se perpetuar o silêncio que a invadiu” (Sampaio, 2004).

Neste capítulo iremos proceder à discussão dos resultados, tendo em consideração o objectivo do nosso estudo e os resultados provenientes do Teste do Desenho da Família (real e imaginária), da entrevista semi-estruturada, e do Questionário de Ligação Parental para Adolescentes (QLP-A).

Dada a extrema importância do papel da família no desenvolvimento das crianças e o facto de uma das possíveis causas apontadas para a origem da gaguez se prender com factores psicossociais e relacionais presentes na sua família, parece-nos pertinente estudar as representações da família nas crianças com gaguez, a sua ligação parental e imagem ou representação como falantes. Os pais são as figuras primordiais para o desenvolvimento da criança, nomeadamente da sua fala, sendo essencial a sua aceitação e apoio parental. É elementar referir que é através das suas experiências pessoais, emocionais e sociais, que as crianças desenvolvem as relações de vinculação e o seu conceito de família.

Friedman (2004) refere que as construções teóricas existentes sobre a gaguez podem ser divididas em três grandes grupos: orgânicas, psicológicas e sociais. No domínio da psicologia evidenciam-se teorias que situam a causa da gaguez nas pressões do meio ambiente, mais especificamente na influência de pessoas significativas; assim, para Johnson (1959), o julgamento inadequado das disfluências normais da fala da criança, a não-aceitação da gaguez por parte das figuras parentais e pessoas significativas que passam a corrigi-la, interferem no desenvolvimento normal, gerando verdadeiramente a gaguez. A teoria de Sheehan (1975) aponta, para um conflito intrapsíquico como origem da gaguez, sendo este condicionado no processo das relações interpessoais, quando os pais não aceitam a forma de falar da criança, gerando esta não-aceitação culpa, que por sua vez acentua o conflito. Este autor, refere ainda problemas associados à representação social de si como estando na origem da gaguez, assumindo que esta não é apenas um problema de fala, mas de identidade. Schrager (1969), na mesma perspectiva refere que quando os pais exageram a importância das primeiras hesitações e repetições, rotulando-as de gaguez, instala-se um sério componente psicológico, que em muitos casos fixa o sintoma.

Schiefer, Chiari e Barbosa (1992), afirmaram que os pais possuem muitas expectativas em relação ao desenvolvimento e crescimento dos filhos, algumas delas relacionadas com a forma como os seus filhos irão falar na idade escolar, não aceitando possíveis quebras no ritmo da fala como inerentes ao processo de desenvolvimento e se estas forem rotuladas de gaguez, a criança procurará superá-las esforçando-se para agradar aos pais. As reacções emocionais evocadas por esta situação, somadas ao esforço para falar melhor, poderão interferir na sua condição motora da fala, ocasionando alterações tónicas e respiratórias, que favorecem o aparecimento dos bloqueios, repetições, hesitações e prolongamentos.

Para analisarmos as questões inerentes ao objectivo do nosso estudo, estruturámos a discussão dos resultados evidenciando temáticas fulcrais como: o conceito e representação da família, representações parentais e suas práticas educativas e a representação da criança como falante.

CONCEITO E REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA

Na área da psicologia várias pesquisas têm enfatizado a importância da interacção parental e das práticas educativas utilizadas pelos pais no desenvolvimento da criança e adolescente (Baurind, 1966, 1997, Darling e Steinberg, 1993, Macoby e Martin, 1983, citado por Torres, 2008); a complexidade da vida familiar provém das permanentes interacções, em que o comportamento de cada um dos seus membros é indissociável dos comportamentos dos restantes elementos, cada um afectando todos os elementos do seio familiar.

Através do desenho da família e da entrevista semi-estruturada, pudemos perceber que a maioria destas crianças põem em evidência a família nuclear, sendo considerada como um grupo (significativo) de pessoas e valorizada por assegurarem relações duradouras, de convivência e proximidade entre os seus membros, pela sua função afectiva e papel de suporte e protecção. Verificámos também que a maioria das crianças entende poder haver mudanças no ciclo de vida familiar associadas nomeadamente a discussões, conflitos e separação dos pais, assim como ao envelhecimento dos membros da família. Neste contexto será também de realçar que a maioria das crianças, referiu que mudaria a relação entre as figuras parentais, como as discussões e a falta de autonomia no seio da família.

Sobre a família alargada verificámos que para a maioria das crianças todas as figuras, como os avós e os tios, assumem um papel determinante no seio da família, evidenciando-se a importância da sua função lúdica e recreativa, do seu papel de suporte emocional, de apoio e

ajuda, assim como (embora com uma menor percentagem de respostas), uma função afectiva e educativa.

Os membros da família alargada como os avós e da família nuclear como os irmãos (além das figuras parentais), surgem em alguns casos, como as pessoas com quem a criança interage mais tempo, como as figuras mais valorizadas, investidas e importantes (figuras com quem as crianças se dão melhor e que “estão sempre lá” quando necessitam); os irmãos, são também referidos como figuras de conflito (salientando-se a rivalidade entre irmãos) e como um dos elementos que dão mais apoio face ao problema da gaguez. Os avós aparecem também evidenciados no desenho da família, como figuras de apoio e com uma imagem positiva e valorizada, assim como os tios.

REPRESENTAÇÕES PARENTAIS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Ao longo do desenvolvimento da criança, as práticas educativas parentais, além de configurarem o contexto onde a criança irá crescer, influenciam as suas atitudes, modelos e valores futuros, tendo influência na problemática da gaguez. Nesta perspectiva torna-se importante ressaltar o papel dos pais na dinâmica familiar, como detentores de autoridade no âmbito da educação, cuidado e afecto para com os seus filhos.

Segundo Baptista (2000), a maior parte dos trabalhos referentes à educação da criança e aos seus efeitos têm procurado identificar as características pelas quais os pais diferem significativamente uns dos outros, tendo sido consideradas como influentes nas diferenças que se verificam entre as crianças a vários níveis. Os comportamentos e estilos parentais variam e influenciam, de forma diversificada o desenvolvimento de determinadas características das crianças e adolescentes, bem como o seu desenvolvimento social, cognitivo, emocional, filiação no grupo de pares e desempenho académico, podendo actuar como factor de protecção, mas também como factor de risco.

Johnson (1967), salienta como a causa da gaguez com a hereditariedade, mas os pais que gaguejavam ou que já tivessem gaguejado, que estariam assim atentos a todos e quaisquer sinais de gaguez nos filhos, tentando evitá-la de maneira inadequada e precipitando assim o seu desenvolvimento; a gaguez decorreria assim de práticas educativas, ou seja, de comportamentos aprendidos, muitas vezes causados por pressões ambientais.

A literatura sobre o tema permite identificar dimensões na interacção de pais e filhos, como as práticas e estilos parentais, sendo estes aspectos considerados como variáveis

importantes dentro de um contexto familiar (Darling e Steinberg, 1993, citado por Costa, 2011).

Segundo Torres (2008), sabe-se hoje que certos pais, por vezes sem terem consciência, reforçam os comportamentos problemáticos dos filhos, quer por excessiva atenção parental, quer pela crescente intervenção de comentários desagradáveis. O tipo de competências parentais desempenhadas pelos progenitores, surgem como um dos aspectos importantes no processo de desenvolvimento da criança. Certas características consideradas como positivas na relação pais-filho (apoio, carinho, protecção, autonomia, baixo nível de punição, regras claras e consistentes, certo grau de controlo e comunicação), parecem proteger as crianças de determinados comportamentos inadaptados. Outros factores como o estatuto conjugal dos pais e a relação entre a criança e cada um dos seus progenitores, bem como o ambiente emocional vivenciado pelos pais, podem influenciar o desenvolvimento de competências na criança. Separações, divórcios, conflitos com impacto directo, nas atitudes dos pais ou algumas alterações indirectas que advêm do mal-estar emocional, social e psicológico, interferem nas suas competências de parentalidade e influenciam o modo como os progenitores exercem as suas funções parentais, podendo advir consequências psicológicas, no sentido de prejudicar o processo de desenvolvimento da criança.

Ao analisarmos os dados obtidos através do Questionário de Ligação Parental (QLP-A), que privilegia três dimensões essenciais à harmonia familiar, sendo elas o “*Carinho*”, a “*Autonomia*” e a “*Protecção*”, tentámos perceber quais as práticas educativas parentais para as crianças participantes neste estudo, tendo verificado a não existência de diferenças significativas entre o pai e a mãe nas pontuações globais destas dimensões; no entanto, observaram-se diferenças, nalguns itens no sentido das crianças identificarem a figura materna como a mais carinhosa e protectora e a figura paterna como promotora de autonomia. Constatou-se também que, quer para a figura materna, quer para a figura paterna, obtiveram-se resultados mais elevados na dimensão “*Carinho*” (associada a comportamentos de afecto, empatia e proximidade). Belsky e Isabella (1998), Gulone e King (1993), referidos por Torres (2008), salientam que, as práticas parentais educativas carinhosas e estimulantes de autonomia, proporcionam aos filhos ajustamento emocional e aquisição de competências, contribuindo assim para um desenvolvimento harmonioso. A dimensão “*Autonomia*” (que sugere promoção de independência) aparece mais associada à figura paterna, sendo como refere Torres (2008), importante favorecê-la, no sentido da criança ou o jovem aprenderem através da sua própria acção, estimulando-se assim a imaginação e incentivando-se a criança a

ter uma boa imagem de si própria. Sampaio (1994) e Fleming (1993), que se dedicam ao estudo de dinâmicas relacionais, consideram que o desenvolvimento e crescimento no processo de autonomização, se relacionam com o equilíbrio entre o controlo excessivo e uma liberdade próxima do abandono; entre estes dois pólos, encontra-se um estilo parental que tem como suporte ou alicerce fundamental a comunicação, o ouvir e o ser ouvido, o estar disponível e atento sem invadir o espaço e privacidade do outro, factores também eles muito importantes para a gaguez. Torna-se então necessário que exista flexibilidade ao nível dos papéis familiares, fomentando-se a negociação das regras de funcionamento, procurando-se uma solução conjunta entre os vários elementos, para cada dificuldade ou problema que surja. De acordo com o estudo realizado por Costa (2011) a dimensão da autonomia aparece mais identificada com a figura do pai. No nosso estudo, dado verificarem-se alguns casos de famílias reconstruídas, ou seja, construídas pela mãe e pelo padrasto com quem a criança convive mais tempo (comparativamente ao pai), poderá este facto também contribuir para um aumento de autonomia em relação à figura paterna. No entanto, na dimensão “*Protecção*”, (que inclui indicações de controlo, super protecção, intrusão, contacto excessivo, infantilização e prevenção do comportamento independente) as crianças destacam claramente o item “*protege-me excessivamente*” para ambas as figuras parentais.

Será importante salientar, neste contexto que algumas destas crianças, se encontram na pré-adolescência, o que pressupõe uma maior aproximação aos pares e afastamento dos pais, podendo ter alguma influência na representação que estas têm das figuras parentais. Segundo Cavaco (2010, citado por Simões, 2011), a chegada da adolescência envolve uma mudança acentuada nas relações familiares, verificando-se que, o adolescente parece ter duas tarefas completamente contraditórias, a necessidade de afirmação, da sua autonomia e independência perante os seus pais e por outro lado, a necessidade de manter a ligação com eles, de modo a sentir-se seguro para poder ir em frente. Para Monteiro e Santos (1998, citado por Carvalho, 2011) a amizade assume nesta fase uma nova dimensão, sendo muito investida ao nível dos afectos; os grupos começam a ter um papel central na socialização dos pré-adolescentes, oferecendo-lhes a possibilidade de desenvolverem novas relações consigo próprios e com os outros. Contudo, segundo Rodrigues (2001, citado por Carvalho, 2011), essa desvinculação não implica uma ruptura afectiva ou mesmo ideológica com os pais, pois o pré-adolescente continua a necessitar de ter figuras adultas significativas na sua vida. Os dois grupos (pares e família) são complementares e indispensáveis para um desenvolvimento equilibrado. Consideramos assim que apesar de algumas destas crianças estarem na idade da pré-adolescência, têm uma noção muito consciente e realista da representação e papéis de ambas as figuras parentais.

REPRESENTAÇÕES PARENTAIS E RELAÇÃO COM A GAGUEZ

Abordar uma patologia intrigante como a gaguez e tentar conhecer a sua relação com factores da família, a primeira cédula de socialização da fala e da linguagem para a criança, constitui um desafio gratificante. Neste grupo de crianças verificámos que embora não existam grandes diferenças na representação da família, evidenciaram-se algumas diferenças em categorias referentes a ambas as figuras parentais, que foram emergindo no discurso das crianças. Muitos estudos focam apenas a relação mãe/criança, no aparecimento e desenvolvimento da gaguez, privilegiando-se esta relação, dando-se-lhe uma importância primordial comparativamente à figura paterna.

Num estudo realizado por Martins (2002), onde se relaciona a gaguez, com a família e o discurso das mães para com os filhos, os dados não permitiram afirmar que a ansiedade das mães e a sua impaciência, desencadeasse a gaguez, mas estes comportamentos foram considerados factores que estimulam este distúrbio. Ainda sobre a questão da ansiedade materna, dever-se-ia ter em conta as atribuições que a sociedade impõe às mães, nomeadamente os cuidados com a educação e saúde considerados como “deveres” femininos.

Torna-se realmente interessante relacionar a influência da figura materna, a sua ligação e comunicação, ao surgimento da gaguez nos filhos e às representações das crianças. Através do desenho da família, verificámos que a sua representação não é muito valorizada. No questionário do desenho da família, a figura materna é referida como, “*a menos simpática*”, “*a menos feliz*” e como a “*Figura de Autoridade*”, sendo dadas justificações relativas ao seu papel como a figura de autoridade, de controlo, que estabelece limites, o que de certa forma é também evidenciado por alguns estudos sobre a gaguez, onde se descreve a mãe como controladora, exigente e ansiosa.

Na entrevista semi-estruturada, verificámos por outro lado que a figura materna surge associada a aspectos positivos, como ser “*linda*”, “*bonita*”, “*simpática*”, “*atenciosa*”, “*carinhosa*” e como “*Figura de Apoio*”, embora se observe também uma “*Representação Ambivalente*” face à figura materna, com referência a aspectos positivos e negativos em simultâneo, sendo os negativos associados ao facto de a considerarem “*mandona*”, “*exigente*” e com “*pouca paciência*”; nesta perspectiva, a figura materna é ainda referida como “*Figura de Conflito*”, a figura com quem a criança se zanga mais vezes, por ser controladora, por ralhar e se zangar mais com os filhos.

Ajuriaguerra (1980), refere o facto de vários autores salientarem o tipo de relação entre mãe e filho, como sendo um possível causador da gaguez infantil; segundo este autor as mães

tendem a ser exigentes, ansiosas ou distantes e pouco calorosas, podendo gerar uma ansiedade e agressividade que originariam a gaguez. Mães inseguras e insatisfeitas, infantis e narcisistas, com atitudes contidas por sentimentos contraditórios e complexos, criariam uma falta de sincronia nas relações entre elas e os seus filhos, causando sobre a sua musculatura respiratória e oral uma hesitação padronizada.

Ainda relativamente à representação materna, além de ser vista como uma “*Figura de Autoridade Moral e de Disciplina*”, verificámos que estas crianças lhe atribuem uma “*Função Educativa e de Afecto*”, sendo também referida como uma “*Figura Protectora de Suporte e Apoio*”, que “*Satisfaz as Necessidades de Compreensão*” e “*Com Quem a Criança Interage mais Tempo*”, evidenciando-se uma maior proximidade e presença face à figura paterna.

Nos dados obtidos através do Questionário de Ligação Parental, verificámos também que a dimensão que mais se destaca face à figura materna é o “*Carinho*”, seguida da dimensão “*Protectora*” (onde se inclui o item “*protege-me excessivamente*”); algumas crianças referem que é a mãe quem cuida delas e as acompanha, desempenhando aqui um papel não apenas contentor, mas também de satisfação das necessidades básicas da criança, verificando-se que a figura paterna, por sua vez se evidencia numa vertente mais lúdica.

Em suma, relativamente às representações que mais se destacam sobre à figura materna, podemos concluir que se revelam na sua maioria como positivas, embora a ela se associe também um papel de contentora e de figura de autoridade.

Relativamente à figura paterna, esta é vista de uma forma mais valorizada, embora de certa forma tenda a assumir um papel secundário, mais “apagado” ou passivo, face à figura materna. No desenho da família, o pai foi também nomeado como a figura “*menos simpática*” e “*menos feliz*”, o que se poderá relacionar com o facto de ser a figura mais ausente, como também pelos seus conflitos com a figura materna.

Através da categoria “*Representação Paterna*” da entrevista semi-estruturada, verificámos nalguns casos, ambivalência, tendo as crianças referido aspectos positivos e negativos em simultâneo; algumas crianças têm uma “*Representação Positiva*”, valorizando aspectos da figura paterna, “*como muito trabalhador*”, “*gosto por viajar*”, “*inteligente*”, “*simpático*”, “*giro*” e como sendo “*o ídolo*”; outras consideram ter também, que esta figura têm um papel ou função “*Protectora/de Suporte/Apoio*” (por exemplo dar conselhos), como “*Lúdica*” e ainda como sendo uma “*Figura de Autoridade Moral/Disciplina*”. Verificámos assim que estas crianças têm uma representação positiva desta figura, do seu papel ou função nas suas vidas.

Na análise dos dados obtidos através do Questionário de Ligação Parental, verificámos também que não existem diferenças muito significativas entre as figuras parentais nas três dimensões, sendo que, a dimensão que mais se destaca, neste contexto é a “*Autonomia*”, ou seja, a figura paterna aplica mais este tipo de práticas comparativamente à figura materna, que apresenta uma postura mais controladora e de autoridade.

Os resultados vão de encontro à ideia de que o papel/função do pai de hoje, acaba por ser diferente do que foi em tempos, destacando-se uma vertente mais lúdica e de conselheiro dos filhos. Segundo Balancho (2004, citado por Monteiro, Veríssimo, Santos e Vaughn, 2006), numa análise acerca das representações da paternidade, de avós e pais portugueses, verificou-se que as representações dos primeiros vão ao encontro da imagem do pai como figura de autoridade e de disciplina, pouco envolvido emocionalmente e pouco presente na vida da criança. Na actual geração, por oposição, considera-se como mais importante a capacidade de ser sensível, compreensivo, que dê importância ao diálogo, em estar presente na vida da criança, em partilhar a autoridade, ser descontraído e lúdico, o que vai ao encontro da noção de “pai moderno”.

Estudos comparativos entre mães e pais são consistentes quanto às diferenças na ligação e estilos parentais, nomeadamente, no facto da componente mais saliente nas interações mãe/criança ser nos cuidados, pois é quase sempre a mãe que realiza as tarefas de organização/cuidados (práticas), enquanto que nas interações com os pais a componente mais saliente é a de brincadeira (Lamb & Lewis, 2004, citado Monteiro et al. 2006).

Depois de abordarmos separadamente a representação da figura materna e paterna, verificámos através da categoria da entrevista, a “*Representação dos Papéis Parentais*”, que para a maioria das crianças com gaguez que constituem a nossa amostra, há uma “*Valorização de Ambos os Papéis*”; apurámos também através da categoria “*Representação de Papéis de Géneros*”, quanto ao papel/função da figura materna e paterna, que a grande maioria das crianças considera existir uma “*Diferença de Géneros*”, sendo ela predominantemente, a “*Nível Biológico e Comportamental*” em ambas as figuras e a “*A Nível da Execução de Tarefas que Requerem Força Física*”, bem como a “*Nível do Desempenho de Actividades de Lazer/Lúdicas*” mais associada à figura paterna. Salientámos também a importância de ambas as figuras parentais, como “*Figuras de Protecção*”, no sentido da criança os procurar quando se sente mal ou tem algum problema, considerando que estas são as pessoas que mais sabem e tratam dela.

De uma maneira geral, a figura materna é vista de uma forma ligeiramente menos prazerosa relativamente à figura paterna, uma vez que o pai parece ter um papel mais lúdico, de suporte e que dá conselhos aos filhos; por sua vez, a figura materna, é considerada como uma figura que embora tendo um papel de afecto, educativo, que cuida dos filhos, está mais presente e entende melhor as suas necessidades, é também uma figura de autoridade, que impõe limites sendo referida como uma das figuras de conflito. Na “*Representação dos Papéis Parentais*”, pudemos constatar que apesar de algumas crianças percepcionarem a figura materna como primordial na satisfação das suas necessidades básicas, a grande maioria das crianças valorizam ambos os papéis parentais, recorrendo ao pai e à mãe como “*Figura de Protecção*”.

Neste trabalho analisámos a importância da família, tendo em conta a temática da gaguez, nomeadamente a representação que as crianças com gaguez têm das suas figuras parentais e enquanto falantes, dado as relações e comportamentos familiares, serem considerados de grande importância e como os mais influentes na origem e manutenção da gaguez das crianças. Tal como outros autores, Johnson (1967) salienta a importância dos pais no aparecimento e manutenção da gaguez, referindo que esta aparece primeiro nos ouvidos dos pais do que na boca das crianças, ou seja, o facto de estarem muito atentos à comunicação dos filhos, à menor manifestação de gaguez da criança, levaria a uma interferência por parte dos pais, sendo ela muitas vezes inoportuna, complicando a situação em vez de ajudar.

Ratner e Silverman (2000), tiveram como objectivo conhecer as expectativas que os pais das crianças gagas fazem do desempenho linguístico das crianças e verificaram que estas expectativas são maiores do que as dos pais das crianças não gagas. Estes autores, acreditam que este facto possa contribuir para inibir as crianças levando a um desempenho linguístico inferior ao dos seus companheiros não gagos. Observaram também que a relação do tipo de linguagem dos pais, a variedade lexical e a frequência de interacção verbal com a criança são comportamentos que têm mostrado forte relação com o desenvolvimento linguístico infantil, principalmente se os pais exigem muito dos seus filhos e mantêm com eles uma interacção verbal sob pressão; este tipo de interacção pode interferir no saudável desenvolvimento da criança, favorecendo o aparecimento de problemas de comunicação e de fala.

Friedman (2004), refere que os pais ao desconhecerem como se processa o desenvolvimento da fala e linguagem, consideram como patológico o que a autora chama de gaguez natural, ou seja, normal, dado a fase de desenvolvimento em que a criança se

encontra; assim, têm para com as crianças atitudes que interferem no desenvolvimento normal da fala, tornando patológico ou em sofrimento (gaguez) o que seria normal e aceitável.

Neste trabalho, ao analisarmos algumas categorias da entrevista semi-estruturada subjacentes à temática da gaguez, relacionadas com as atitudes dos pais, verificámos que na *“Reacção Parental face à Gaguez”* a maioria das crianças refere que os pais têm uma atitude de *“aconselhamento”* (aconselham a respirar, a falar com calma e incentivam ao uso de estratégias recomendadas pelos terapeutas da fala), mas também *“Julgamentos e Atitudes Inadequadas”*, associadas ao grau de exigência imposto, baixo nível de tolerância, pressão, chamar a atenção e rotular as dificuldades da criança. Por outro lado, sobre o *“Sentimento do Próprio face às Atitudes das Figuras Parentais perante a Gaguez”*, verificámos que a maioria das crianças se referem a *“Sentimentos Negativos”*, predominando o sentimento de *“Mal-Estar, Insatisfação e Incompreensão”*, sendo também referidos como *“Sentimentos Negativos”*, *“Ansiedade”*, pela repetição de palavras gaguejadas, *“Cansaço”*, *“Irritabilidade”*, *“Desinteresse”*, *“Raiva”* e *“Tristeza”*, por não gostarem que os pais falem da gaguez. No entanto algumas crianças referem também *“Sentimentos Positivos”*, como a *“Satisfação”* por acreditarem que o tipo de atitudes e comportamentos dos pais, são do seu interesse, bem como a *“Confiança na Habilidade para Falar – Progressão”*, algumas evidenciando que sentem melhorias na sua fala.

As figuras parentais são consideradas como *“Figuras de Apoio face à Gaguez”*, ou seja, por quem a criança se sente mais ajudada e apoiada, referindo que utilizam estratégias para as ajudar na comunicação.

A grande maioria das crianças revelou também que *“Não Sente Discriminação”* por parte dos elementos da sua família, mas nalguns casos com pessoas exteriores ao meio familiar.

De uma forma geral, podemos constatar que a maioria das crianças sentem apoio por parte das figuras parentais e embora a sua atitude de *“Aconselhamento”* em situações de gaguez, possam despertar sentimentos negativos nas crianças.

Como foi anteriormente referido, autores como Friedman (2004), evidenciam que quando as disfluências normais na fala das crianças não são aceites pelos pais e são rotuladas de gaguez, originam sentimentos negativos face à comunicação, gerando a gaguez propriamente dita. A não aceitação da forma de falar da criança, seja por meio de reacções verbais, ou por expressões de desagrado ou ao solicitar-se à criança uma forma específica de falar, obstrui-se a fala espontânea, a capacidade natural de falar da criança, afastando-a ainda

mais da possibilidade de responder adequadamente à situação. Uma fala adequada desenvolve-se num contexto, no qual as relações de comunicação preservam a espontaneidade e reforçam a capacidade de falar; quando se impõem restrições à forma espontânea de falar, reforça-se a incapacidade e acaba-se por prejudicar o desenvolvimento natural da fala, pois gera-se uma situação de conflito, na qual emoções negativas e expectativas se associam à situação de comunicação e à actividade da fala, determinando um padrão de fala alterado e podendo gerar também a formação de uma imagem de si como mau falante, que passará a caracterizar a identidade da criança.

REPRESENTAÇÃO DA PRÓPRIA CRIANÇA COMO FALANTE

Van Riper (1971), também uma pessoa gaga e um dos maiores estudiosos da temática da gaguez, refere que ao colocar-se no lugar do sujeito gago, conseguiu perceber que por trás daquele sujeito que gaguejava, existia um ser que pensava e sentia e que ao falar não se desvinculava disso; a sua orientação terapêutica não visava apenas a articulação dos sons, mas o indivíduo que articulava esses sons.

Segundo Friedman (2004), o período de desenvolvimento, no qual se consideram os efeitos de interações que colocam a fala diante de um paradoxo é, também, um período de apropriação da realidade pela criança, de desenvolvimento da sua consciência; assim, o desenvolvimento da linguagem e da fala, que permitem à criança, cada vez mais, interferir no seu meio, é também o desenvolvimento de uma consciência de si, circunscrita ao meio, querendo-se dizer, que ao desenvolver a capacidade de representar o mundo que a cerca, a criança vai representando-se a si mesma como parte dele e assim desenvolve a sua identidade.

No nosso estudo, observámos relativamente à *“Percepção da Criança acerca da Imagem e Representação que a sua Família tem de Si”*, uma *“Representação Ambivalente”*, ou seja, as crianças verbalizaram comentários negativos e positivos em simultâneo. Barbosa e Chiari (1998, citado por Martins, 2002), referem que os pais, ao descreverem as características psicológicas dos seus filhos com gaguez, dizem com frequência que são crianças muito tímidas, muito nervosas, muito fechadas, que enfrentam problemas com os amigos, não têm paciência, não gostam de conversar e não se relacionam bem com os irmãos, ou seja, salientam dificuldades de relacionamento interpessoal, o que pode piorar a sua comunicação.

Sobre a relação da própria criança com a sua gaguez ou da sua imagem enquanto falante, apurámos no que concerne ao *“Sentimento e Reacção do Próprio face à Gaguez”*, que o sentimento predominante no discurso da maioria destas crianças é de *“Aceitação e Integração”*, embora fossem também verbalizados, sentimentos como: o *“Ser Diferente”*, o *“Embaraço”*, a *“Tristeza”*, o *“Desejo de Melhoria”*, a *“Vergonha/Culpa”*, o *“Ser capaz de controlar a Gaguez”*, a *“Irritabilidade”* e a *“Falta de Confiança na sua Habilidade para Falar”*. Verificámos também através da categoria *“Desejo de Mudança face à Gaguez”*, que estas crianças manifestam um grande desejo em *“Deixar de Gaguejar”*, manifestando *“Sentimentos de Desagrado”*, por esta condição e expressam *“Sentimentos de Incompetência e Irritabilidade para falar”* (por não conseguirem falar e expressar-se correctamente) e *“Reacções Emocionais”*, como a tristeza e o nervoso que sentem face às suas dificuldades de comunicação. Aparecem ainda referências a *“Sentimentos de Embaraço”*, a *“Impaciência e Irritação por Parte dos Pares”*, a *“Pressão”*, *“Sentimento de Exclusão ou Entrave Relacional e Solidão por ser Percepcionado como Diferente (Estigmatização)”*, o querer agradar os pais, através do deixar de gaguejar os *“Benefícios Secundários da Gaguez* (como por exemplo, não ser punido por gaguejar ao dizer um disparate).

Segundo Pereira e Barbosa (2008), muitas pessoas gagas apresentam percepções e sentimentos negativos relacionados com eles próprios e com a gaguez, nomeadamente a frustração, culpa, vergonha, baixa auto-estima e sentimento de inutilidade, com os quais se debatem e lutam diariamente, sendo representativos de uma imagem de mau falante.

Em síntese, apesar da maioria destas crianças manifestarem uma atitude de aceitação face à sua gaguez, manifestam também um grande desejo em deixar de gaguejar, pois não gostam da sua fala e não têm uma boa representação ou imagem de si enquanto falantes, à qual associam sentimentos e reacções negativas. Percebemos também que apesar destas crianças referirem que sentem que os seus pais manifestam uma atitude aparentemente positiva de aconselhamento face à sua gaguez, expressam sentimentos negativos, pelo mau estar que a gaguez lhes causa. Será também de salientar neste contexto, que a aceitação e acompanhamento adequado por parte dos pais se torna crucial, contribuindo para uma boa interacção pais-crianças, para uma representação positiva do próprio como falante e para a construção da sua identidade. Assim, dado que a auto-imagem em todas as áreas se vai formando a partir das interacções e vivências com as figuras significativas do seu meio familiar, torna-se muito importante que os pais estejam informados sobre as atitudes e reacções adequadas que devem ter face a esta problemática.

CONCLUSÃO

Tendo por base a teoria psicossocial de Friedman, que realça a importância do ambiente familiar na origem da gaguez (ou seja, o ciclo vicioso que envolve a gaguez e possíveis consequências na representação da criança enquanto falante), o objectivo do nosso estudo incidiu na análise da representação que as crianças com gaguez têm da família, nomeadamente das suas figuras parentais e a sua influência/relação na sua imagem enquanto falantes.

A família tem sido considerada como um pilar muito importante na vida de uma criança e no seu desenvolvimento, nomeadamente ao nível da linguagem, permitindo-lhe entrar em contacto com o meio que a rodeia, constituindo as suas figuras parentais o agente principal de socialização da fala.

Os estudos sobre a gaguez, na sua grande maioria, caracterizam-se por abordagens descontextualizadas do problema, tendo em comum o facto de circunscrevê-la ao nível da sua manifestação externa. Apontando para um modelo psicossocial, Friedman (1993) explica a génese da gaguez, bem como a sua manutenção e reprodução, salientando que o objectivo não é compreender a “fala gaguejada”, ou seja, as manifestações externas da gaguez, mas sim a imagem de mau falante do sujeito. No presente estudo considerámos primordial compreender qual a percepção da criança com gaguez acerca de si própria e da sua família, nomeadamente das suas figuras parentais. Vários autores, como Irwin (1983), Meira (1983) e Jakubovicz (1997, citado por Martins, 2002), acreditam que pressões ambientais, a pressão, o stress, a ansiedade ou reacções dos ouvintes, tendem a manter ou a piorar a gaguez, ou seja, estes factores representam condutas prejudiciais desenvolvendo-se patologia, ao invés de uma boa comunicação.

Friedman (1994), realça que a auto-imagem se vai compondo a partir de informações e de vivências do meio. Se a família demonstrar que a gaguez do sujeito é indesejável, ele terá uma auto-imagem de mau falante e para se sentir aceite, poderá tentar falar bem, mas o empenho não funciona, porque se trata de uma actividade mecanicamente espontânea, verificando-se que quanto mais a criança se esforça, mais gagueja. A este estado, a autora designou por “Gaguez de sofrimento”, devido à formação de uma auto-imagem negativa.

Johnson (1967), foi um dos primeiros autores a mencionar que possivelmente a gaguez começava “no ouvido dos pais”. Friedman (2004), acredita que muitos pais interpretam as disfluências normais dos seus filhos como gaguez e que corrigem essas interrupções, realçando-lhes assim a sua incapacidade, fazendo com que eles desenvolvam uma auto-

imagem de maus falantes. Estas correcções e chamadas de atenção para como falar, interrompem uma actividade que por natureza é espontânea. De acordo com Martins (2002), a importância dada ao “bem-falar” contribui para as mães ficarem ansiosas e se preocuparem mais com a expressão oral dos seus filhos, do que com as necessidades de carinho, afecto, atenção e de uma escuta interessada e paciente; assim, o ambiente familiar, a ligação parental e reacções ou atitudes parentais, de aceitação ou não, poderão originar na criança uma representação de mau falante e consequentemente despoletar a gaguez propriamente dita.

A preocupação relativa aos filhos falarem correctamente, por vezes as exigências além das possibilidades infantis, provocam reacções motoras ou emocionais significativas na origem do desenvolvimento da gaguez. Em relação à conduta dos adultos em corrigir a fala e a linguagem, Friedman (1994), refere que a imposição de regras linguísticas a uma criança imatura pode acarretar tensão muscular, impedindo a refinada realização motora que a articulação de sons exige; afirma também que a imaturidade da criança poderia levá-la a gaguejar o que provocaria uma reacção negativa nas figuras parentais que tentariam a corrigir os seus filhos, impondo-lhes as regras do “bem falar”, interrompendo assim a espontaneidade da fala. A criança começaria a sentir-se como um mau falante, tentaria corrigir-se, iria criar mais tensão a nível muscular e gaguejaria, formando-se então um ciclo vicioso.

No nosso estudo pretendemos investigar qual a representação que estas crianças fazem das suas figuras parentais, tendo verificado que valorizam ambos os papéis parentais, pois tanto o pai como a mãe são considerados como figuras de protecção, pessoas a quem recorrem em caso de necessidade, por serem as pessoas que mais sabem e tratam dos filhos, constituindo também figuras de apoio face à gaguez. Observámos também algumas diferenças entre a representação de ambas as figuras, no sentido em que a figura materna é vista de uma forma ligeiramente menos prazerosa, representando a figura paterna um papel mais lúdico, providenciando conselhos e mais autonomia. A figura materna, aparece associada a um papel afectivo, educativo, que presta cuidados aos filhos, entende melhor as suas necessidades, está mais presente, desempenhando também um papel de autoridade, controlo, que protege excessivamente e impõe limites, sendo também referida como uma das figuras de conflito. No que diz respeito à gaguez, embora a maioria das crianças manifeste uma atitude de aceitação, expressam também um grande desejo em deixar de gaguejar e não têm uma boa representação ou imagem de si enquanto falantes, pois não gostam da sua fala, associando-a a sentimentos e reacções negativas. Relativamente aos pais, apesar destas crianças referirem, reacções

parentais de aconselhamento face à gaguez, reproduzem nelas sentimentos negativos, pelo mau estar que a gaguez lhes causa.

Tal como em outros trabalhos de investigação, também no nosso estudo deparámo-nos com algumas limitações que consideramos serem importantes de mencionar, nomeadamente o número reduzido da nossa amostra, dado que não foi fácil encontrar crianças com esta problemática cujos pais estivessem de acordo em que participassem na investigação. O facto de termos um número reduzido de participantes remete-nos para limitações na generalização dos resultados, a outras crianças com esta problemática. Será também importante salientar, o facto de não termos um grupo de controlo, de forma a podermos comparar os resultados das crianças com e sem gaguez. A nível da literatura deparámo-nos com algumas dificuldades, dado os estudos existentes abordarem a forma como os pais percepcionam a gaguez dos seus filhos, mas não como as crianças percepcionam os seus pais, o que limita a possibilidade de comparação e interpretação dos nossos resultados.

Apesar das limitações inerentes à complexidade da temática, os resultados obtidos nesta investigação, levam a considerar a importância de outras futuras investigações com amostras representativas, de modo a que se possa replicar estes resultados ou se promovam novos desenvolvimentos tão necessários face à prevenção e tratamento da gaguez.

Consideramos também importante, que embora muitas vezes, as alterações de linguagem sejam pouco valorizadas, inclusivamente pelos profissionais, esta é fundamental no processo de conhecer e relacionar-se com o outro, conhecer-se a si próprio e definir-se como identidade. Acreditamos assim, que existe a necessidade de um olhar preventivo na educação e saúde, a relevância de conhecer e discutir o problema por parte dos profissionais da área, para depois actuarem junto dos familiares e das crianças que requerem cuidados especiais. Acreditamos também, que existe uma clara necessidade em sensibilizar os pais para a importância que estes e as suas atitudes têm no desenvolvimento cognitivo, emocional e psicológico dos filhos, ajudando-os na formação da sua personalidade. Será também necessário uma abordagem a nível do contexto sócio-familiar, visando a melhoria da interacção e proporcionando um ambiente mais favorável à comunicação, através da alteração da percepção que os pais têm da criança e da sua gaguez e assim melhorar e modificar o tipo de resposta que dão à comunicação verbal do filho, sendo necessário alertá-los e consciencializá-los para as atitudes mais adequadas. Desta forma, poder-se-á reduzir o sofrimento da criança, demonstrando compreensão, para que se sinta segura de si e a sua gaguez desapareça ou se torne mais ligeira. Consideramos que a maioria dos pais quando age

de forma inadequada face à gaguez, é por não saber exactamente como actuar, nem dispor de informação suficiente sobre esta problemática, pois acreditamos que os pais querem e têm interesse em ajudar os seus filhos, mas não sabem como, verificando-se que, muitas vezes consideram que estão a agir de forma correcta e a ajudar a criança, mas fazem precisamente o contrário.

Todas as crianças anseiam por compreensão, aceitação e apreço como seres humanos especiais, factores que de alguma forma ajudarão a mudar “representações” negativas de si próprios e dos outros, substituindo-as por sentimentos de pertença e interacções sociais positivas e desejáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ajuriaguerra, J. (1980). *Manual de psiquiatria infantil*. Rio de Janeiro: Masson (Tradução do original em Francês Manuel de Psychiatrie de l'enfant. Paris, Masson, 1974).
- Almeida, A. (1994). *A Representação Materna, Paterna e Filial de Crianças Normais e Deprimidas*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Baptista, A. (2000). *Perturbações do Medo e da Ansiedade: Uma perspectiva evolutiva e desenvolvimental*. In I. Soares (Ed.), *Psicopatologia do Desenvolvimento. Trajectórias (in)adaptativas ao longo da vida*. Coimbra: Quarteto.
- Baptista, A., Negrão, A. M., Lory, F., & Carvalho, D. (1997). *Desenvolvimento e Validação do Questionário de Ligação Parental – Forma Adolescente (QLP – A)*. In *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, Vol. V. Braga.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. (3ª ed). Lisboa: Edições 70.
- Bergeret, J. (1976). *Dépressivité et dépression dans le cadre de l'economie défensive*. In *Revue Française de Psychanalyse*, 40 (5 – 6), 835 – 1044.
- Bowlby, J. (1982). *Formação e rompimento dos laços afectivos*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, Lda. (Tradução do original em inglês Making and breaking of affectional bonds, R.P.L., London, 1979).
- Caldas, A. (2000). *A herança de Franz Joseph Gall. O cérebro ao serviço do comportamento humano*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Carvalho, S. (2011). *A morte é a curva da estrada. Repercussões do luto em pré-adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Corman, L. (1964). *Le test du dessin de famille dans la pratique medico – pédagogique*. Paris: PUF.

- Costa, M. (2011). *Práticas Parentais, Funcionamento Familiar e Comportamentos dos Adolescentes*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Dalton, P. (1997). *Stuttering*. Cambridge handbook of Psychology, health and medicine: - Cambridge: University Press, p. 601-602. United kingdom: Cambridge University Press.
- Fleming, M. (1993). *Adolescência e Autonomia – o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Friedländer, M. (1974). *A Educação da criança – Problemas quotidianos* (João dos Santos), vol. I, Livros Horizonte. (Tradução do original em Francês *Soucis D’Enfant. Nouveau Guide Psychologique de L’Education*. (Edition Rencoutre, Lausanne, 1961).
- Friedman, S. (1993). *Norteadores para a Abordagem Terapêutica da Gagueira*. Revista Temas de Desenvolvimento, 3(14), 14-20. São Paulo: Memnon.
- Friedman, S. (1994). *A construção do personagem bom falante*. São Paulo: Summus.
- Friedman, S. (2004). *Gagueira: Origem e Tratamento*. São Paulo: Plexus.
- Gaiolas, M. (2010). *Gaguez da Infância à Adolescência*. Cascais: Vogais&Co.
- Guerreiro, M. (2007). *Representação de Família em crianças que vivem em família e em crianças institucionalizadas*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Houzel, D., Emmanuelli, M. & Moggio, F. (2004). *Dicionário de psicopatologia da criança e do adolescente*. Lisboa: Climepsi Editores
- Johnson, W. (1959). *The onset of stuttering*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

- Lamb, M. (1986). *O Papel do pai em mudança. Análise Psicológica*, 1992, 1(X), 19 – 34.
- Lemos, M., Barros, C., & Amorim, R. (2006). *Representações familiares sobre as alterações no desenvolvimento da linguagem de seus filhos. Distúrbios da comunicação*, 18(3) pp. 323-333. São Paulo.
- Martins, E. (2002). *Gagueira e família: concepções, atitudes e sentimentos manifestados no discurso das mães*. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- Meira, I. (2003). *Fundamentos em Fonoaudiologia – Linguagem*, 5, 53-68. Brasil: ABDR – Associação Brasileira de Direitos Reprográficos - Guanabara Koogan.
- Miranda, B. (2008). *Método quantitativo vs método qualitativo*. Consultado em mês Junho, 11, 2012, através do site: <http://adrodomus.blogspot.pt/2008/06/mtodo-quantitativo-versus-mtodo.htm>.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A., & Vaughn, B. (2008). *Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesa*. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), 395-409.
- Motulsky, H. (2003) *Graphpad-Prism version 4.0: Statistical analysis for laboratory and clinical researchers*.
- OCampo, M. L. S (2005). *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projectivas*. (11ª ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Osório, L. (2002). *Casais e Famílias: Uma visão contemporânea*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Packman, A., & Attanasio, J. (2004). *Theoretical issues in stuttering*. Hove: Psychology Press
- Parker, G., Tupling, H. & Brown, L. B. (1979). *A parental bonding instrument*. *British Journal of Psychiatry*, 52, 1-11.

- Pedinielli, J-L. (1999). *Introdução à Psicologia Clínica*. Lisboa: Climepsi editores.
- Pereira, A. & Barbosa, I. (2008). *A Gaguez*. Porto: Universidade Portucalense.
- Ratner, N. & Silverman, S. (2000). *Parental perceptions of children's communicative development at stuttering onset*. Journal of Speech, Language, and Hearing Research, 43 (5). The University of Maryland, College Park: American Speech-Language-Hearing Association.
- Ribeiro, J.L.P. (2008). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde* (2ª ed.). Porto: Livpsic.
- Ross, J. (1979). *Fathering: A review of some psychoanalytic contributions on paternity*. The International Journal of Psychoanalysis, 60, 317-327.
- Rustin, L., Botterill, W., & Kelman, E. (1996). *Assessment and therapy for young dysfluent children: family interaction*. London: Whurr Publishers.
- Salvaterra, F. (2000). *Quem fala assim....* Cadernos CEACF – Centro de Estudo e Apoio à Criança e à Família, vol. 15-16, Lisboa.
- Sampaio, D. (2004). *Árvore sem Voz*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Schiefer, A. M., Chiari, B. M., & Barbosa, L.M.G. (1992). *Orientação aos pais: uma proposta de atuação preventiva na fala de crianças disfluente*. Pró-Fono Revista de Atualização Científica, 4 (1), 3-6.
- Sheehan, J.G. (1975). *Conflict Theory and Avoidance Reduction Therapy*. In: Eisenson, Jonh, Ed., *Stuttering a second Symposium*. New York: Harper and Row.
- Simões, S. (2011). *Pais e mães face à pré-adolescência dos filhos*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

- Souza, L. (2010). *O Papel da Família na Prevenção da Gagueira*. Consultado em mês Março, dia 23, 2011, através do site: <http://www.webartigos.com/artigos/o-papel-da-familia-da-prevencao-da-gagueira/46792/>.
- Sullerot, E. (1997). *A Família. Da Crise à Necessidade*. Lisboa: Instituto Piaget (Tradução do original em francês Le grand remue – ménage. Librairie Arthème Fayard, 1997).
- Torres, Z. (2008). *A influência das práticas parentais educativas no desenvolvimento de perturbações na infância e adolescência*. Tese de Doutoramento. Málaga: Universidade de Málaga – Faculdade de Ciências de Educação Departamento da Língua e da Literatura.
- Turato, E. (2005). *Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objectos de pesquisa*. Revista Saúde Pública, 39(3), 507-514.
- Van Riper, C. (1971). *The nature of stuttering*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Van Riper, C., & Emerick, L. “(Eds.)” (1997). *Gagueira*. In: Van Riper, C., Emerick, *Correção da Linguagem: Uma Introdução à Patologia da Fala e à Audiologia*. Porto Alegre: Artes Médicas.

ANEXOS

ANEXO A: DADOS GERAIS DOS PARTICIPANTES

1) O primeiro participante, é uma criança do sexo masculino, com 10 anos de idade, no 5º ano de escolaridade a residir nos arredores de Lisboa com os pais e com a irmã. Esta criança manifestou um período de gaguez por volta dos 4 anos de idade, tendo-se atenuado e voltado a aparecer recentemente. Nunca recorreu à terapia da fala, nem teve qualquer tipo de acompanhamento psicológico. A sua atitude face à gaguez parece ser de aceitação, não implicando alterações na sua vida diária. Esta criança, pareceu-nos um pouco insegura, imatura, nervosa e com baixa auto-estima, talvez devido à excessiva protecção por parte das figuras parentais. Contudo, aparenta ser uma criança que estabelece relações com facilidade, é comunicativa, delicada na sua forma de ser e estar, carinhosa e com sentido de humor. Esta verbalizou ter uma melhor relação com a figura materna, sendo a figura paterna vista como uma figura de conflito.

2) O segundo participante, é uma criança do sexo feminino, com 8 anos de idade, que frequentava o 3º ano e residia na área de Lisboa com a mãe e o padrasto, tendo uma figura paterna ausente a viver fora de Portugal. Esta criança manifestou gaguez aos 4/5 anos e tinha acompanhamento por parte de uma terapeuta da fala. A sua atitude face à gaguez é de aceitação, recorrendo frequentemente a estratégias para a ultrapassar segundo as orientações da terapeuta da fala. É uma criança muito comunicativa, com grande facilidade de estabelecer relações, demonstrando uma grande necessidade de agradar o outro, chegando mesmo a idealizar e a criar histórias que não correspondem à realidade que a envolve. Denota-se alguma necessidade de atenção, de ser ouvida, tendo falado quase que ininterruptamente durante toda a entrevista. Utiliza também como defesa, a idealização da figura paterna, para colmatar a sua ausência e desinteresse. Por outro lado, valoriza a figura materna, sendo esta figura o seu “porto seguro”.

3) O terceiro participante, é uma pré-adolescente do sexo feminino, com 13 anos de idade, que frequentava o 8º ano escolar e residia nos arredores de Lisboa com os pais. A sua gaguez manifestou-se aos 3/4 anos e recebia acompanhamento por parte de uma terapeuta da fala. Manifesta uma atitude de aceitação face à gaguez, uma atitude aparentemente confiante e sem complexos. Denota-se contudo alguns conflitos associados à sua gaguez por parte das figuras parentais, apesar do pai também ser gago, sendo este o único caso no nosso grupo de participantes, em que algum dos progenitores também tem gaguez. Aparentou ser uma pessoa segura de si, determinada, com elevada auto-estima e extrovertida. Para esta, a figura materna

parece ser uma figura de conflito, controladora e intrusiva, contrariamente à figura paterna com a qual se identifica.

4) O quarto participante, é uma criança de sexo masculino, com 8 anos de idade, que frequentava o 3º ano e residia nos arredores de Lisboa com os pais. Esta criança recebia acompanhamento por parte de uma terapeuta da fala desde os 4 anos de idade, manifestando além da gaguez, dificuldade em articular alguns sons, contudo, registaram-se progressos consideráveis. A sua atitude face à gaguez é de aceitação, mas apesar disso, demonstra um grande desejo em melhorar a sua condição. Aparentou ser uma criança insegura, imatura, introvertida e tímida, talvez devido à sua gaguez. É uma criança simpática e que demonstrou grande necessidade de afecto e atenção.

5) O quinto participante, é um pré-adolescente de sexo masculino, com 12 anos de idade, que frequentava o 8º ano escolar, filho de pais separados e residente na área de Lisboa com a mãe e o padrasto. Contudo passa alguns fins-de-semana em casa do pai, com o irmão que reside com o mesmo e a madrasta, demonstrando uma grande idealização da figura paterna e do irmão, ao contrário da figura materna que vê como exigente e controladora. A sua gaguez manifestou-se quando tinha 6/7 anos de idade, estando a receber acompanhamento de uma terapeuta da fala. Demonstra aceitação face à sua gaguez, recorrendo frequentemente a estratégias para a ultrapassar e demonstrando também um desejo de mudança. Aparenta ser um rapaz, um pouco inseguro, com grande necessidade de atenção e baixa auto-estima. É também uma criança muito comunicativa, simpática e com facilidade em estabelecer relações.

6) O sexto participante, é um pré-adolescente de sexo masculino, com 11 anos de idade, que frequentava o 6º ano de escolaridade, filho de pais separados e residente nos arredores de Lisboa com a sua mãe. Passa alguns fins-de-semana com o pai, com a madrasta e duas “irmãs emprestadas”, como este assim as apelida, fruto de outra relação da sua madrasta. A sua gaguez manifestou-se quando este tinha 6/7 anos de idade, tendo-se intensificado mais actualmente, contudo não recebe qualquer tipo de acompanhamento. A sua atitude face à gaguez, é de aceitação, sendo um rapaz simpático, confiante, determinado, comunicativo, extrovertido e aparentando elevada auto-estima, demonstrando também algum nervosismo e agitação motora.

7) O sétimo participante, é um pré-adolescente de sexo masculino, com 12 anos de idade, que frequentava o 5º ano de escolaridade e residia nos arredores de Lisboa, com a mãe, com o padrasto e a irmã. A sua gaguez manifestou-se quando este tinha 8 anos de idade e estava a receber acompanhamento por parte de uma terapeuta da fala. Este rapaz revelou uma

atitude de não-aceitação face à gaguez, manifestando atitudes de desagrado e insatisfação, notórias ao longo da entrevista. É uma criança com alterações de humor, estando muitas vezes zangada com as pessoas à sua volta e com a vida em geral, manifestando essa insatisfação, nomeadamente nas sessões de acompanhamento com a terapeuta da fala. Segundo esta, este rapaz, por vezes também tem alucinações e recorre a amigos imaginários, não recebendo contudo qualquer acompanhamento psicológico. Revela-se como uma criança insegura, muito imatura para a sua idade, vivendo num mundo de “super heróis” e um pouco limitada a nível cognitivo. Demonstra uma identificação ao seu padrasto que considera como um pai.

8) O oitavo participante, é uma criança de sexo masculino, com 9 anos de idade, que frequentava o 4º ano e residia nos arredores de Lisboa, com os seus pais e irmã. A sua gaguez tinha-se manifestado recentemente e estava a receber acompanhamento por parte de uma terapeuta da fala há cerca de um ano. Esta criança manifesta uma atitude de negação, insatisfação e revolta face à sua gaguez, encarando-a como algo negativo. Aparenta ser uma criança insegura, com baixa auto-estima, muito introvertida e chega a fugir das pessoas e do contacto com elas, afim de evitar a comunicação, para que estas não percebam que é gago. Contudo, é uma criança simpática, expressando-se muito através da comunicação não verbal e demonstrando algum nervosismo e agitação motora.

9) O nono participante, é uma criança do sexo feminino, com 9 anos de idade, gémea de outra criança que compõe a nossa amostra (participante 10), que frequentava o 4º ano e residia nos arredores de Lisboa, com os seus pais e com a sua irmã. A sua gaguez manifestou-se quando tinha 6/7 anos de idade e estava a receber acompanhamento de terapia da fala. A sua atitude face à gaguez, é de aceitação, demonstrando contudo, um desejo mudar e melhorar a sua situação. Apresenta-se como uma criança confiante, determinada, com elevada auto-estima, extrovertida, comunicativa e com grande facilidade em estabelecer relações, aparentando ser líder relativamente à sua irmã. Demonstra também uma proximidade relativamente à figura paterna.

10) O décimo participante, é uma criança de sexo feminino, com 9 anos de idade, que frequentava também o 4º ano e residia nos arredores de Lisboa, com os pais e a respectiva irmã. A sua gaguez manifestou-se quando tinha 6/7 anos de idade, tendo recebido acompanhamento de terapia da fala e apresentando neste momento uma melhoria bastante considerável, o que mudou a sua atitude face à gaguez. Assim, neste momento, esta criança manifesta uma atitude positiva e de aceitação. É uma criança calma, meiga, simpática,

comunicativa, com facilidade em estabelecer relações. Esta criança demonstra uma identificação com a figura materna, ao contrário da sua irmã.

ANEXO B: ENTREVISTA SOBRE O CONCEITO DE FAMÍLIA

Nome: _____ **Idade:** _____

Profissões dos Pais: _____ / _____

Com quem vive: _____

Data da Entrevista: ____/____/____

Imagina que encontras um extraterrestre que acabou de chegar ao nosso planeta. Ele nunca esteve cá e vem de uma galáxia muito distante, por isso, não sabe como funcionam as coisas no nosso planeta, e como não entende nada decide fazer-te algumas perguntas. Que dirias se ele te perguntasse:

1) O que é uma família? Para que servem as famílias?

2) As famílias mantêm-se sempre iguais ou mudam ao longo do tempo? Porquê?

3) A maioria dos meninos têm pais. Os pais fazem muitas coisas. Para que é que serve ter um pai? O que fazem os pais?

- 4) Também a maioria dos meninos têm mães. As mães também fazem muitas coisas. Para que é que serve ter uma mãe? O que fazem as mães?

- 5) As mães podem fazer o que os pais fazem? Porquê? Há alguma coisa que os pais fazem e que as mães não podem fazer?

- 6) O que é mais importante, o que fazem os pais ou o que fazem as mães? Porquê?

- 7) Nalgumas famílias há outras pessoas que compõem uma família, como os irmãos, os avós. Para que é que eles servem e o que eles fazem?

- 8) Agora estas perguntas estão mais relacionadas contigo. Para ti quem forma a tua família? Porquê?

9) Como é que achas que é a tua mãe? Como a descreves?

10) Como é que achas que é o teu pai? Como o descreves?

11) Com quem é que te dás melhor na tua família e passas mais tempo?

12) Quando te sentes mal ou quando tens algum problema, com quem é que vais ter?
Porquê?

13) Com quem te zangas mais vezes? Porquê?

Como o extraterrestre veio de outra galáxia muito distante e nunca viu nenhuma pessoa com gaguez, vamos explicar-lhe como é que é a gaguez e como se sente um(a) menino(a) com gaguez. Vamos falar um pouco de ti, para que ele perceba...

14) Como é que te sentes em relação à tua fala?

15) Como é que os teus pais reagem quando tu gaguejas? O que é que eles fazem quando gaguejas?

16) Como é que te sentes com a reacção/atitude dos teus pais?

17) Alguma vez te sentiste discriminado por alguma pessoa da tua família devido à tua gaguez?

18) Que opinião achas que a tua família tem de ti?

19) Quem é que te ajuda mais em relação à tua gaguez?

20) Se o extraterrestre te desse um poder mágico para poderes mudar alguma coisa na tua família, o que mudavas? Porquê?

21) E em relação à tua gaguez, o que mudavas? Porquê?

Notas:

ANEXO C: QUESTIONÁRIO DE LIGAÇÃO PARENTAL - ADOLESCÊNCIA

QLP-A - A. Baptista, A. M. Negrão, F. Lory & D. Carvalho, 1997

Com este questionário pretendemos conhecer o modo como o teu Pai e a tua Mãe se relacionam ou comportam contigo. Vais responder a cada pergunta do seguinte modo: Por exemplo, avalia se o teu Pai ou a tua Mãe costumam brincar contigo?

		Nada Parecido	Ligeiramente Parecido	Moderadamente Parecido	Muito Parecido
1. Costuma brincar comigo	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐

Pensa primeiro no teu Pai. Se o teu Pai costuma brincar contigo fazes uma cruz no quadrado **Moderadamente Parecido**, se costuma brincar muitas vezes contigo fazes a cruz no quadrado **Muito Parecido**. Ao contrário, se o teu Pai não costuma brincar contigo, acontecendo isso apenas algumas vezes, fazes a cruz no **Ligeiramente Parecido**, se raramente ou nunca brinca contigo faz a cruz no **Nada Parecido**.

Pensa depois na tua Mãe e faz o mesmo tipo de raciocínio. Responde em seguida a todas perguntas sem deixares nenhuma em branco. Se tiveres alguma dificuldade em responder dá a tua primeira impressão, porque não há respostas certas ou erradas.

RESPONDE AGORA A TODAS AS PERGUNTAS:

		Nada Parecido	Ligeiramente Parecido	Moderadamente Parecido	Muito Parecido
1. Fala comigo com voz calma e amiga	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
2. Ajuda-me tanto quanto eu preciso	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
3. Deixa-me fazer as coisas como eu Gosto	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐

		Nada Parecido	Ligeiramente Parecido	Moderadamente Parecido	Muito Parecido
4. É meigo(a) e carinhoso (a) para mim	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
5. Compreende os meus problemas e preocupações	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
6. É muito afectuoso (a) para mim	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
7. Gosta que eu tome as minhas próprias decisões	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
8. Gosta que eu me comporte como se fosse mais velho	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
9. Tenta controlar tudo o que eu faço	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
10. Invade a minha privacidade	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
11. Gosta de conversar comigo	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
12. Sorri para mim com frequência	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
13. Costuma tratar-me como um bebé	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
14. Compreende o que eu preciso ou quero	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
15. Deixa-me decidir as coisas por mim	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐

		Nada Parecido	Ligeiramente Parecido	Moderadamente Parecido	Muito Parecido
16. Faz-me sentir desejado	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
17. Consegue fazer-me sentir melhor quando estou aborrecido	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
18. Conversa muito comigo	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
19. Tenta fazer-me dependente dele (a)	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
20. Pensa que não sou capaz de tomar conta de mim se ele/ela não estiver ao pé	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
21. Dá-me toda a liberdade que eu quero	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
22. Deixa-me sair quando eu quero	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
23. Protege-me excessivamente	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
24. Elogia-me	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐
25. Deixa-me vestir como eu gosto	PAI	☐	☐	☐	☐
	MÃE	☐	☐	☐	☐

ANEXO D: CARTA DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Carta de Consentimento Informado - Versão Rapaz

O meu nome é Raquel Santos, sou estudante de Psicologia Clínica no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA).

Presentemente encontro-me a realizar a minha dissertação de mestrado sobre a Representação da Família em crianças com gaguez e solicito a sua permissão para que o seu filho possa participar neste estudo.

Objectivo da investigação: Este estudo tem como finalidade investigar a forma como crianças com gaguez percebem a sua família e que representação fazem da mesma. A participação do seu filho poderá ser uma mais valia para ajudar na compreensão desta temática e para que se possa fazer uma melhor intervenção terapêutica.

Instrumentos: Será feita uma entrevista ao seu filho que demorará cerca de 30 minutos, a aplicação de um simples questionário e pedida a realização de dois desenhos. No contacto com o seu filho recorrerei a um suporte de gravação de som para posterior análise do conteúdo do material recolhido.

Participação: A participação neste estudo é voluntária, não trazendo quaisquer implicações legais, talvez apenas a lembrança de alguns eventos diante da temática que será abordada. Contudo, se em algum momento o seu filho se sentir desconfortável e quiser desistir poderá fazê-lo livremente sem qualquer inconveniente.

Anonimato e Confidencialidade: Caso aceite que o seu filho participe, é importante que saiba que a sua participação será completamente anónima, uma vez que todas as informações recolhidas no nosso encontro serão estritamente confidenciais, de forma a não comprometer os participantes. Caso os resultados sejam publicados, a identidade dos participantes será mantida no anonimato e apenas os resultados gerais serão apresentados, sendo que nenhum tipo de informação pessoal que possa identificar os participantes será divulgada. Toda a informação recolhida ficará sob a salvaguarda e responsabilidade da investigadora.

Benefícios: Ao autorizar a participação do seu filho nesta pesquisa, não terá nenhum benefício directo. Contudo, espero que este estudo possa ser mais um contributo numa temática ainda tão pouco explorada, como é o caso da gaguez e que desta forma se possam criar questões preventivas de forma a poder ajudar crianças como o seu filho a terem um futuro melhor.

Pagamento: Não terá qualquer tipo de despesa por autorizar o seu filho a participar nesta pesquisa, como também não receberá qualquer pagamento.

Se concordar que o seu filho participe neste estudo, por favor assine no espaço abaixo indicado e obrigado por aceitar dar a sua importante contribuição para este estudo.

Tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que o meu filho terá que fazer para participar no mesmo. Fui esclarecido sobre todos os aspectos que considero importantes e as perguntas que coloquei foram respondidas. Fui informado que tenho direito a recusar que o meu filho participe no estudo e que essa recusa em fazê-lo não terá consequências nem para

mim, nem para o meu filho. Assim, declaro que aceito e autorizo que o meu filho possa participar nesta investigação.

Assinatura do familiar: _____

Data: ____/____/____

Assinatura da Investigadora: _____

Data: ____/____/____

Muito obrigada pela sua participação! 😊

Carta de Consentimento Informado – Versão Rapariga

O meu nome é Raquel Santos, sou estudante de Psicologia Clínica no Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA).

Presentemente encontro-me a realizar a minha dissertação de mestrado sobre a Representação da Família em crianças com gaguez e solicito a sua permissão para que o seu filho possa participar neste estudo.

Objectivo da investigação: Este estudo tem como finalidade investigar a forma como crianças com gaguez percebem a sua família e que representação fazem da mesma. A participação da sua filha poderá ser uma mais valia para ajudar na compreensão desta temática e para que se possa fazer uma melhor intervenção terapêutica.

Instrumentos: Será feita uma entrevista à sua filha que demorará cerca de 30 minutos, a aplicação de um simples questionário e pedida a realização de dois desenhos. No contacto com a sua filha recorrerei a um suporte de gravação de som para posterior análise do conteúdo do material recolhido.

Participação: A participação neste estudo é voluntária, não trazendo quaisquer implicações legais, talvez apenas a lembrança de alguns eventos diante da temática que será abordada. Contudo, se em algum momento a sua filha se sentir desconfortável e quiser desistir poderá fazê-lo livremente sem qualquer inconveniente.

Anonimato e Confidencialidade: Caso aceite que a sua filha participe, é importante que saiba que a sua participação será completamente anónima, uma vez que todas as informações recolhidas no nosso encontro serão estritamente confidenciais, de forma a não comprometer os participantes. Caso os resultados sejam publicados, a identidade dos participantes será mantida no anonimato e apenas os resultados gerais serão apresentados, sendo que nenhum tipo de informação pessoal que possa identificar os participantes será divulgada. Toda a informação recolhida ficará sob a salvaguarda e responsabilidade da investigadora.

Benefícios: Ao autorizar a participação da sua filha nesta pesquisa, não terá nenhum benefício directo. Contudo, espero que este estudo possa ser mais um contributo numa temática ainda tão pouco explorada, como é o caso da gaguez e que desta forma se possam criar questões preventivas de forma a poder ajudar crianças como a sua filha a terem um futuro melhor.

Pagamento: Não terá qualquer tipo de despesa por autorizar a sua filha a participar nesta pesquisa, como também não receberá qualquer pagamento.

Se concordar que a sua filha participe neste estudo, por favor assine no espaço abaixo indicado e obrigado por aceitar dar a sua importante contribuição para este estudo.

Tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que a minha filha terá que fazer para participar no mesmo. Fui esclarecido sobre todos os aspectos que considero importantes e as perguntas que coloquei foram respondidas. Fui informado que tenho direito a recusar que a minha filha participe no estudo e que essa recusa em fazê-lo não terá consequências nem para mim, nem para a minha filha. Assim, declaro que aceito e autorizo que a minha filha possa participar nesta investigação.

Assinatura do familiar: _____
Data: __/__/__

Assinatura da Investigadora: _____
Data: __/__/__

Muito obrigada pela sua participação! ☺

ANEXO E: DESENHOS DA FAMÍLIA IMAGINÁRIA E DA FAMÍLIA REAL

Criança 1 – Desenho da Família Imaginária



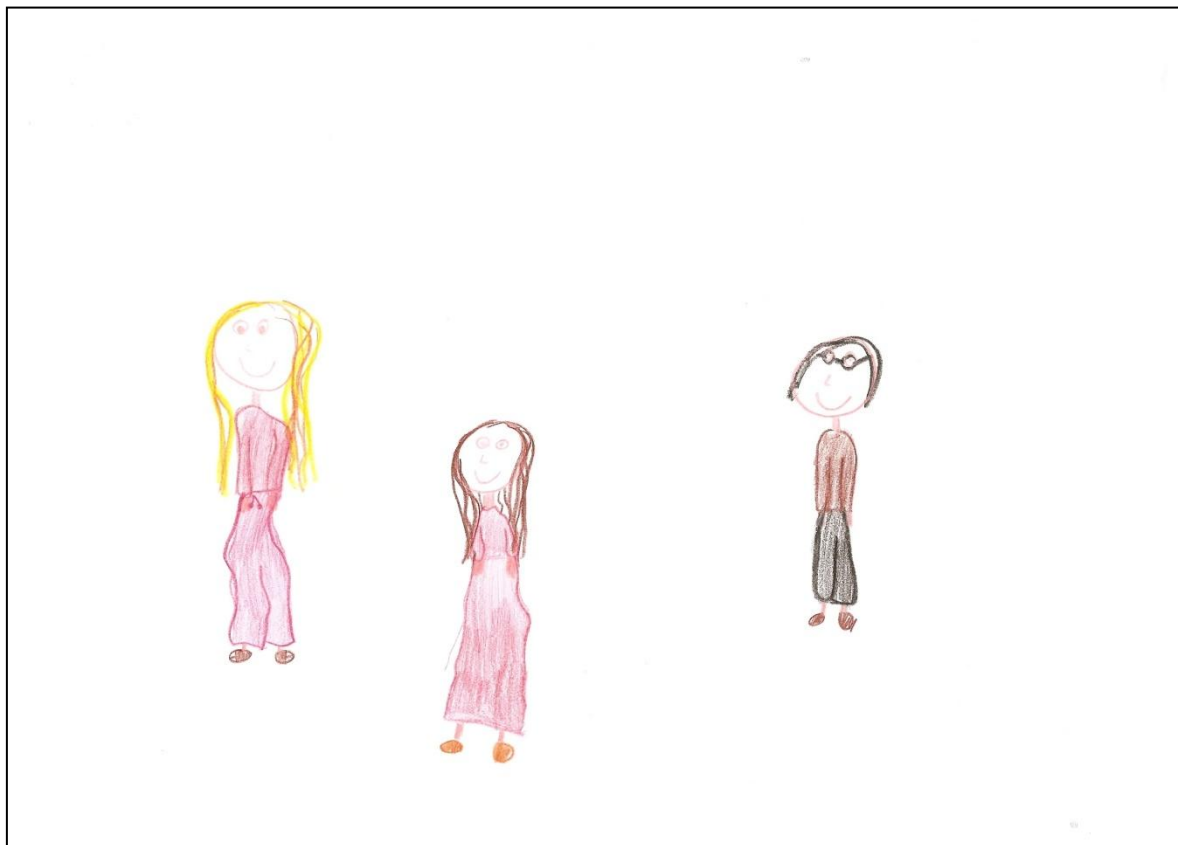
Criança 1 – Desenho da Família Real



Criança 2 – Desenho da Família Imaginária



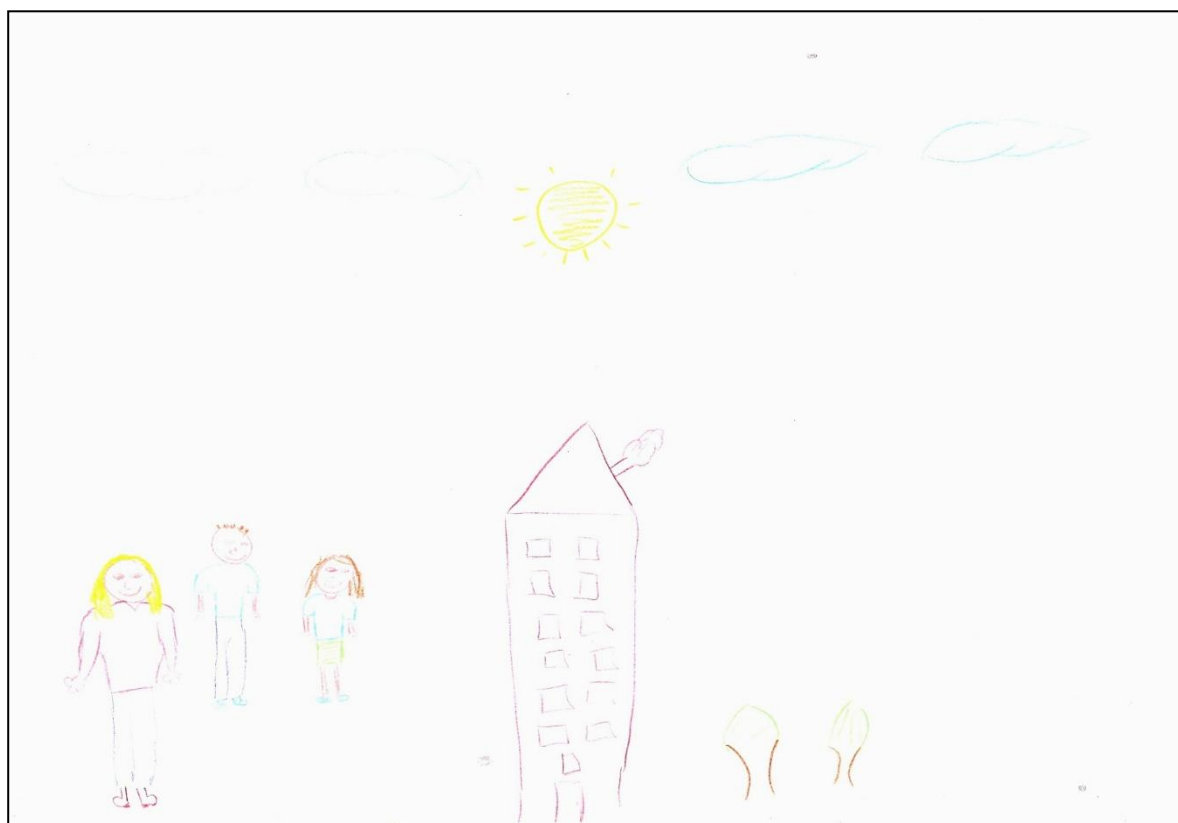
Criança 2 – Desenho da Família Real



Criança 3 – Desenho da Família Imaginária



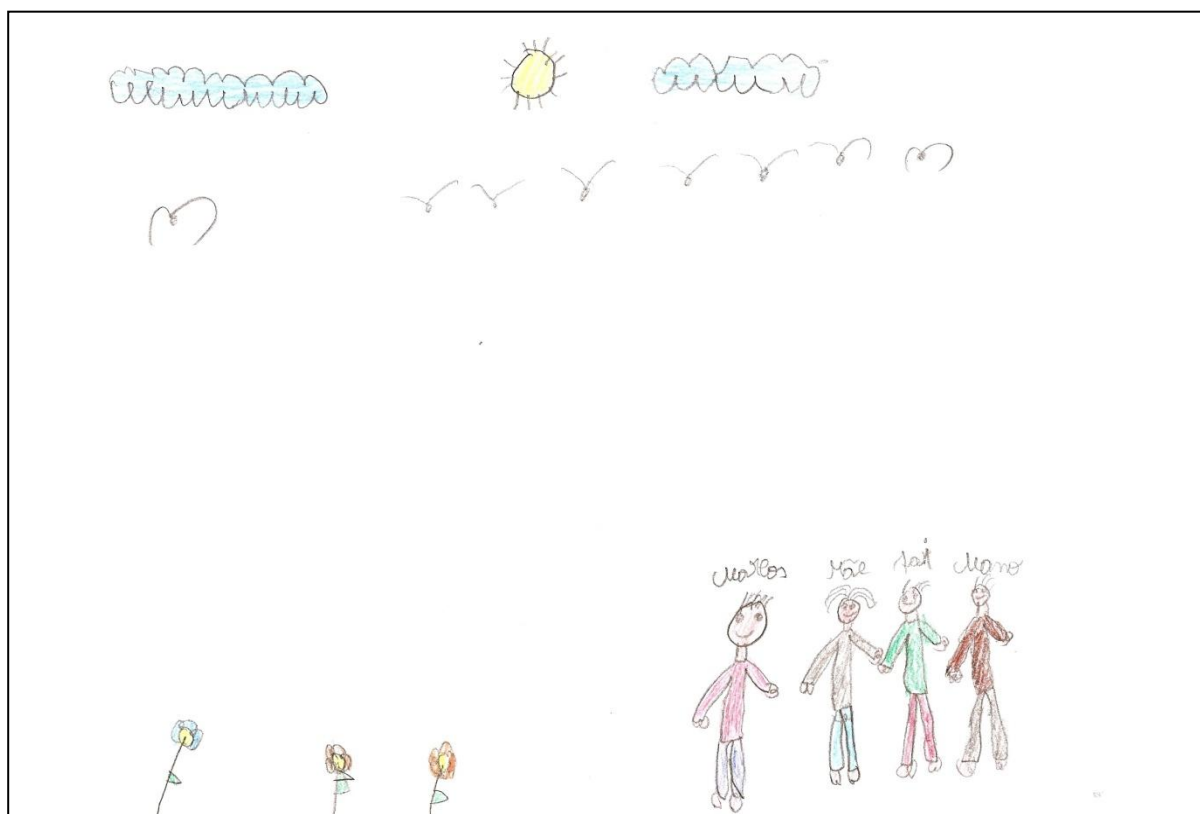
Criança 3 – Desenho da Família Real



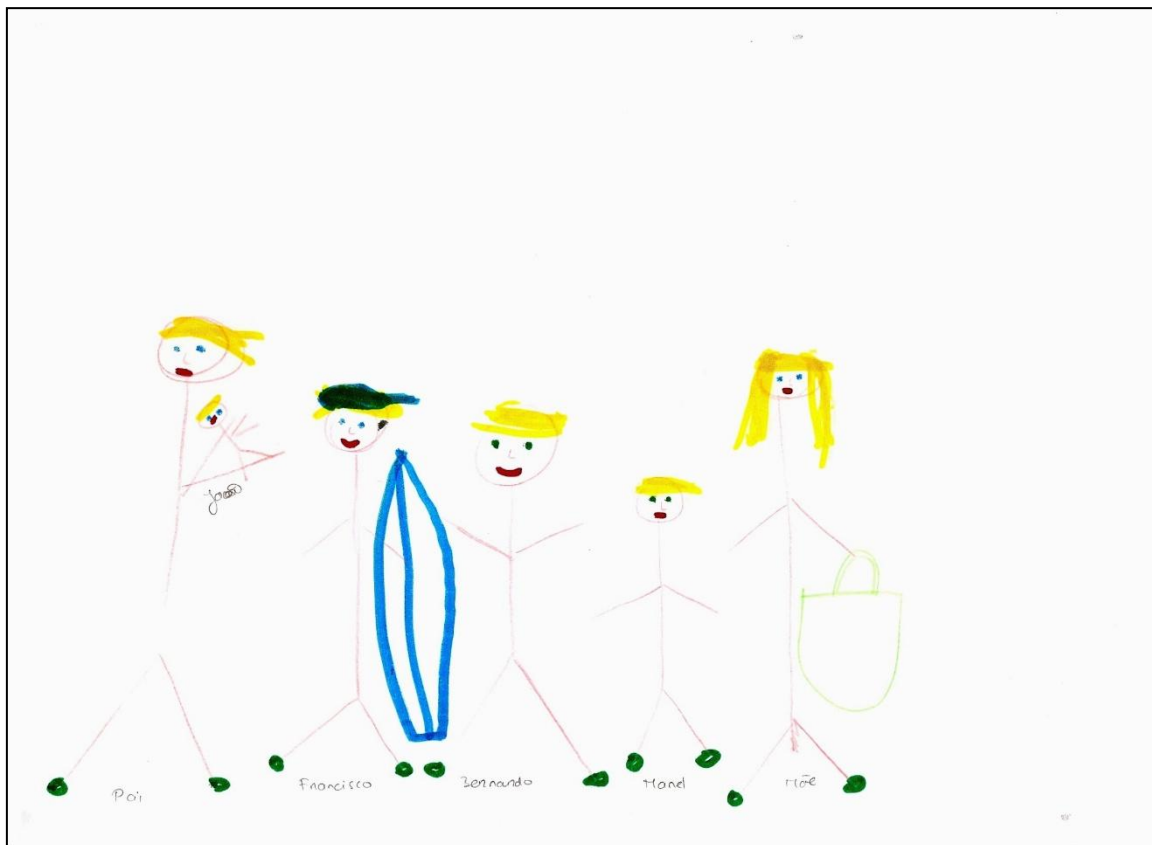
Criança 4 – Desenho da Família Imaginária



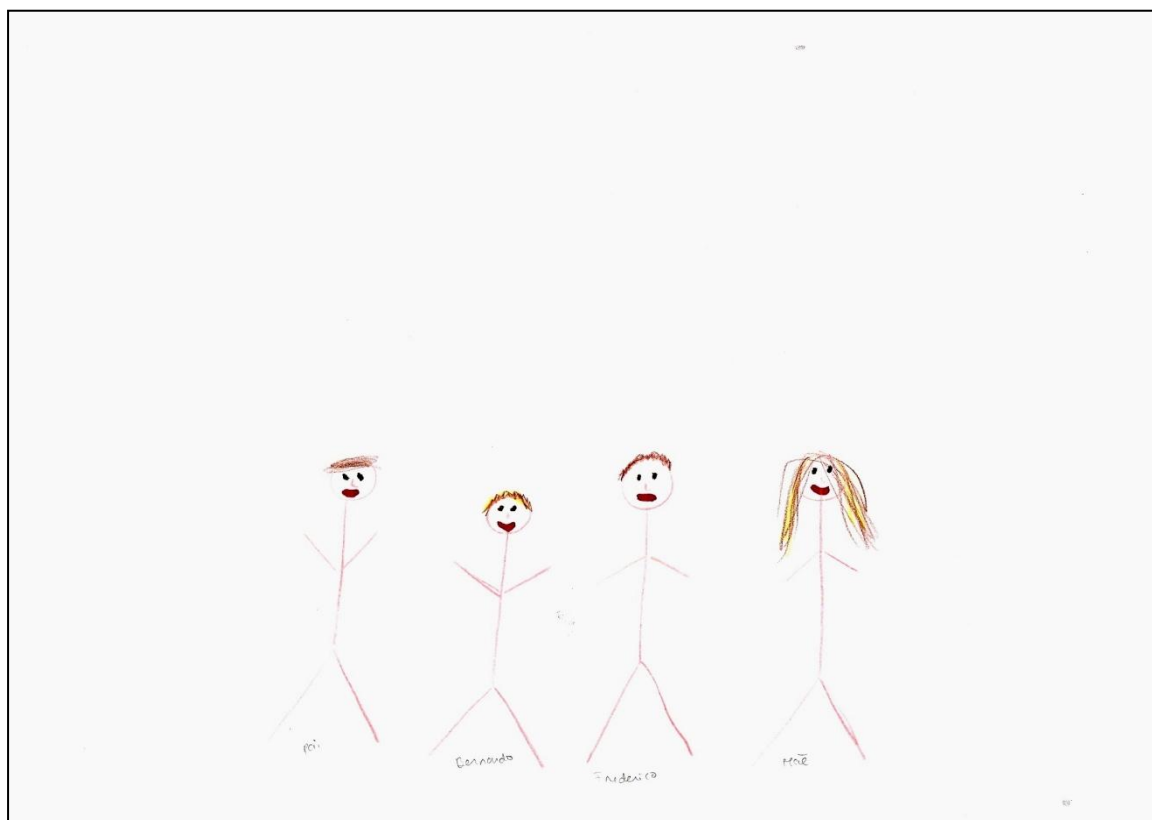
Criança 4 – Desenho da Família Real



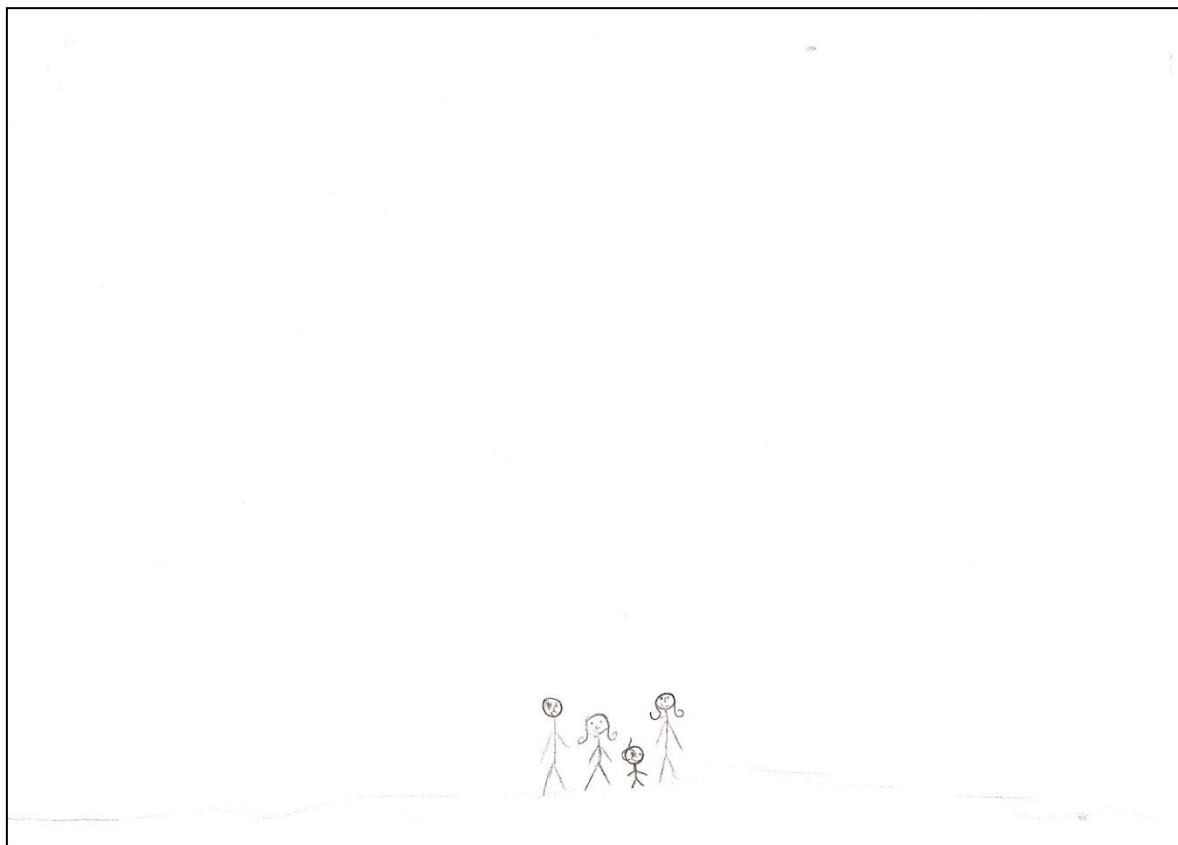
Criança 5 – Desenho da Família Imaginária



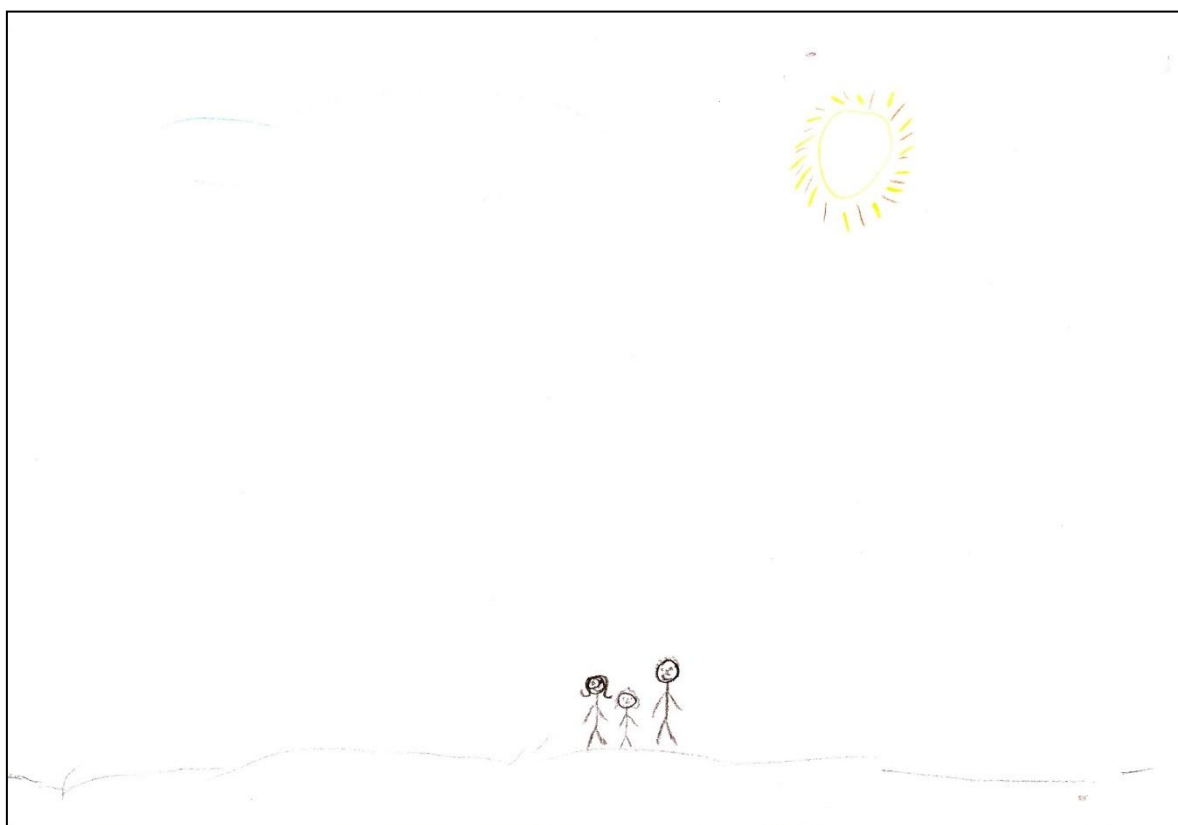
Criança 5 – Desenho da Família Real



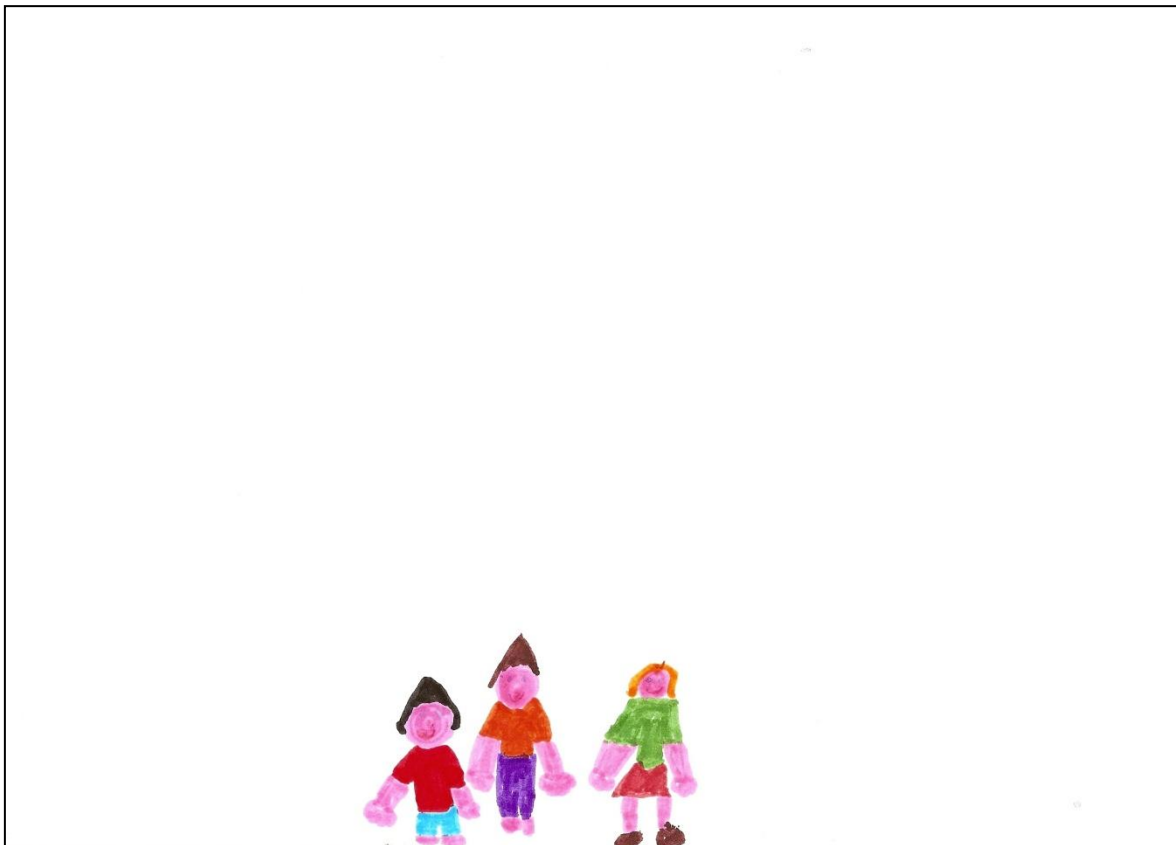
Criança 6 – Desenho da Família Imaginária



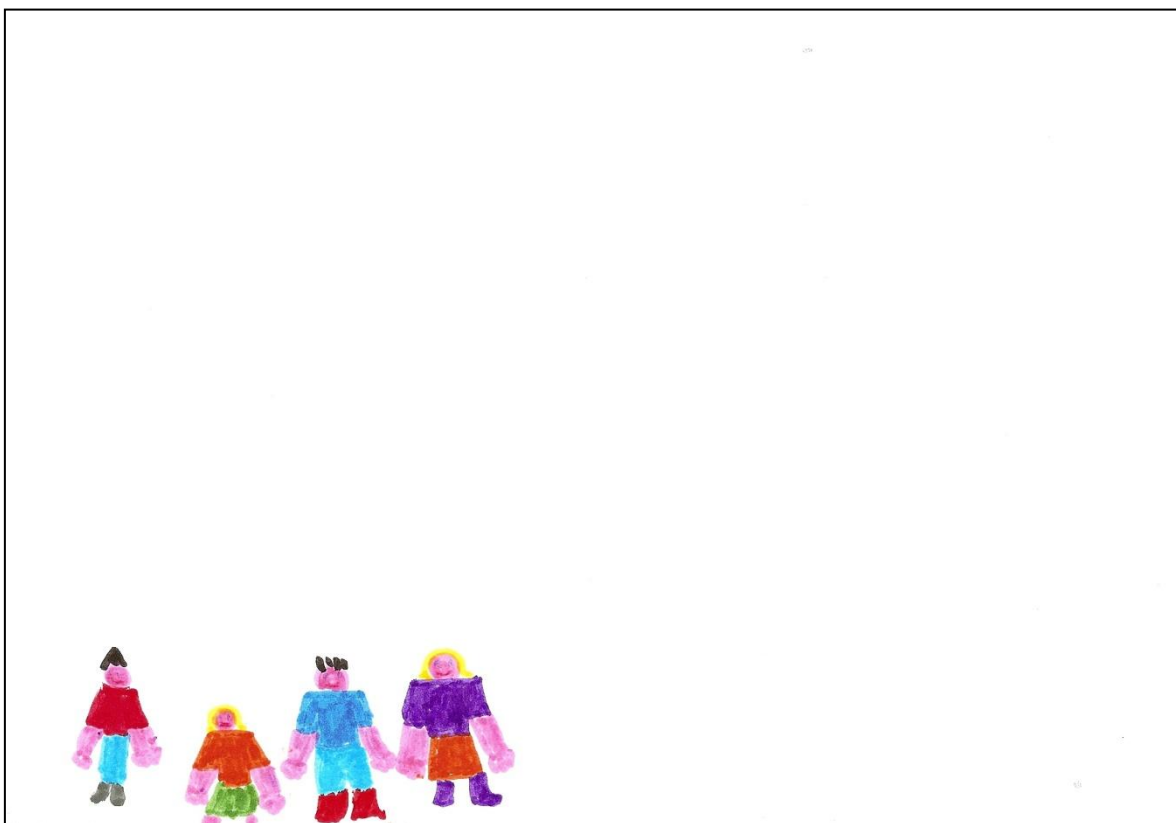
Criança 6 – Desenho da Família Real



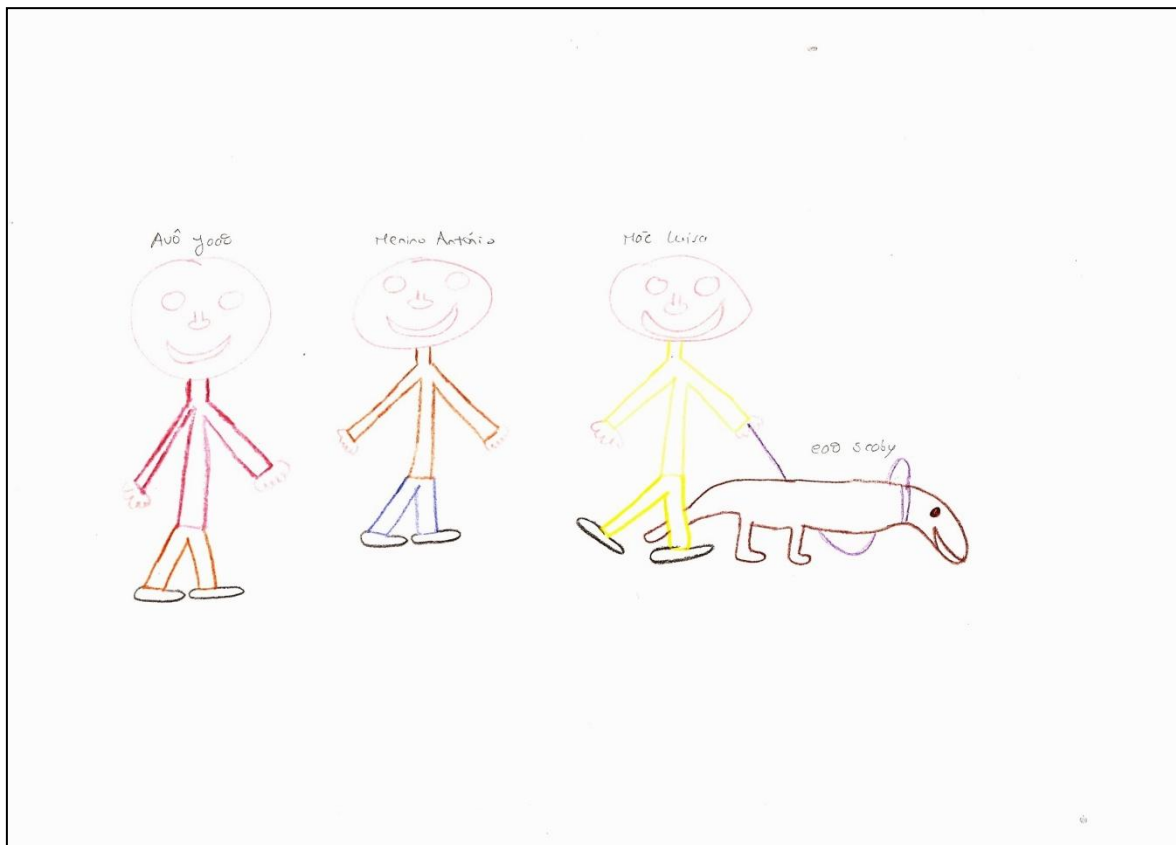
Criança 7 – Desenho da Família Imaginária



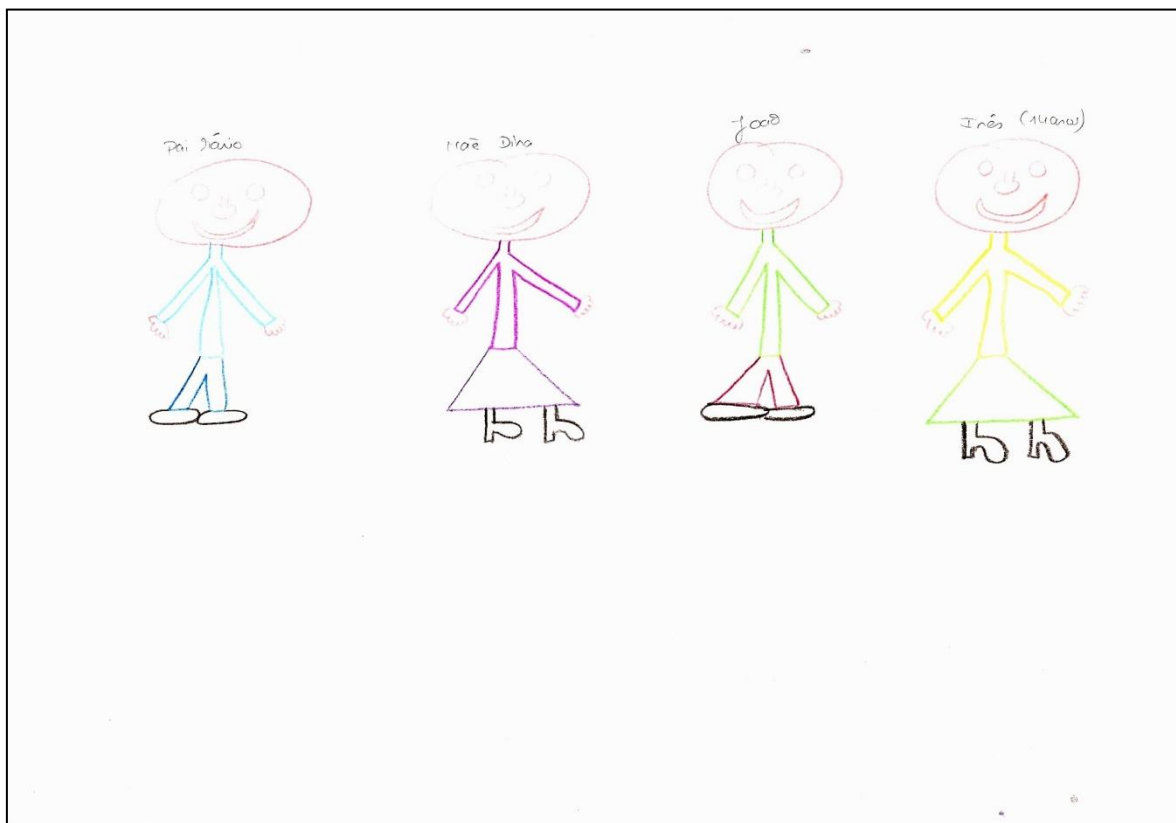
Criança 7 – Desenho da Família Real



Criança 8 – Desenho da Família Imaginária



Criança 8 – Desenho da Família Real



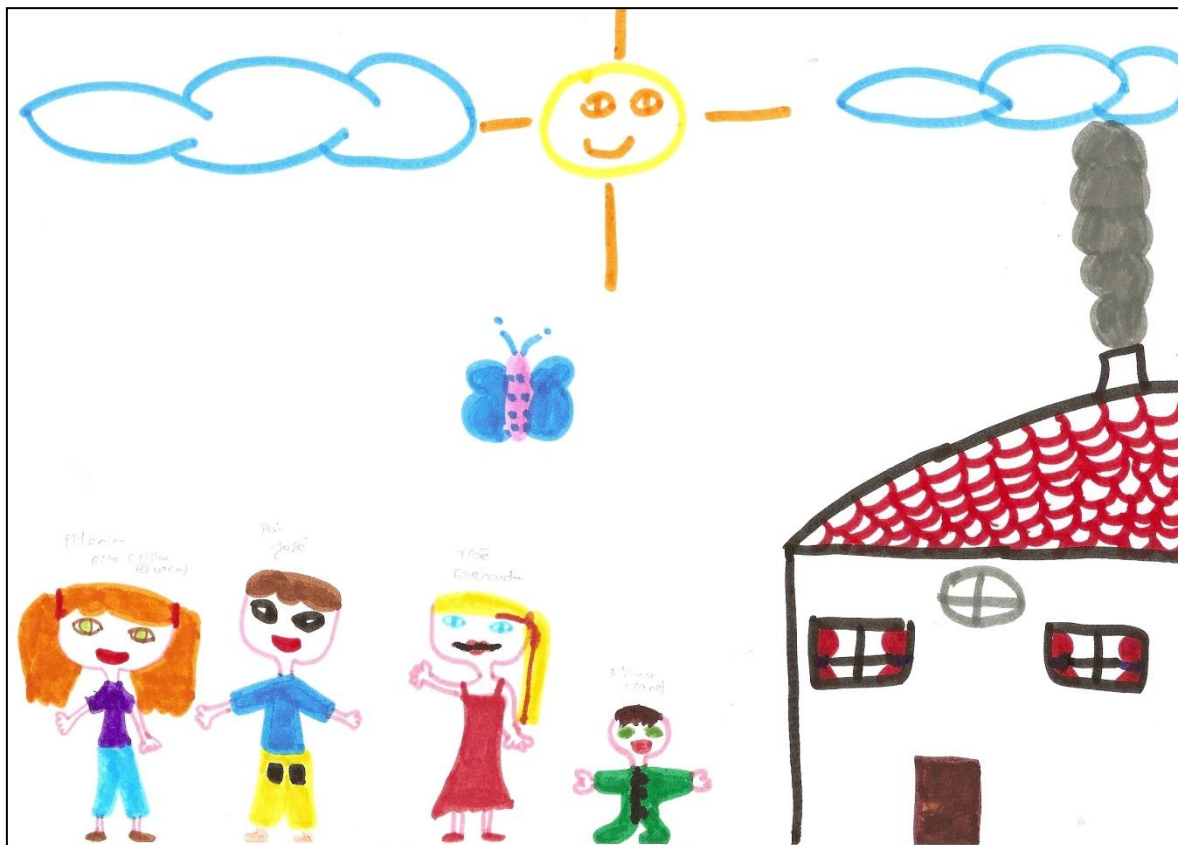
Criança 9 – Desenho da Família Imaginária



Criança 9 – Desenho da Família Real



Criança 10 – Desenho da Família Imaginária



Criança 10 – Desenho da Família Real



**ANEXO F – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS ELEMENTOS FORMAIS DO DESENHO DA
FAMÍLIA IMAGINÁRIA**

Critérios de Análise dos Elementos Formais do Desenho da Família Imaginária		Feminino	Masculino	Nº Total de Participantes
Amplitude do Traço	Maior (ocupa grande parte da folha)	Total: 0 (0%)	D5 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Menor	Total: 0 (0%)	D6 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Normal	D2 D3 D9 D10 Total: 4 (100%)	D1 D4 D7 D8 Total: 4 (66,7%)	Total: 8 (80%)
Força do Traço	Forte	Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)
	Fraco/Fino	D3 Total: 1 (25%)	D6 Total: 1 (16,7%)	Total: 2 (20%)
	Normal	D2 D9 D10 Total: 3 (75%)	D1 D4 D5 D7 D8 Total: 5 (83,3%)	Total: 8 (80%)
Tamanho	Grande	Total: 0 (0%)	D5 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Normal	D2 D3 D9 D10 Total: 4 (100%)	D1 D4 D7 D8 Total: 4 (66,7%)	Total: 8 (80%)
	Pequeno	Total: 0 (0%)	D6 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
Enquadramento /Zona da Página	Em Cima	Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)
	Em Baixo	Total: 0 (0%)	D5 D6 D7 Total: 3 (50%)	Total: 3 (30%)
	Lado Direito	Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)
	Lado Esquerdo	Total: 0 (0%)	D1 D5 D8 Total: 3 (50%)	Total: 3 (30%)

	Centro		Total: 0 (0%)	D1 D4 D8 Total: 3 (50%)	Total: 3 (30%)
	Totalidade		D2 D3 D9 D10 Total: 4 (100%)	Total: 0 (0%)	Total: 4 (40%)
	Sequência de Realização	Esquerda- Direita	D2 D3 D10 Total: 3 (75%)	D1 D5 D6 D7 D8 Total: 5 (83,3%)	Total: 8 (80%)
		Direita- Esquerda	Total: 0 (0%)	D4 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
Esquema Corporal	Preservado		D2 D3 D9 D10 Total: 4 (100%)	D1 D4 D7 D8 Total: 4 (66,7%)	Total: 8 (80%)
	Dificuldades		Total: 0 (0%)	D5 D6 Total: 2 (33,3%)	Total: 2 (20%)
Diferenciação entre Gerações	Clara Diferenciação entre Gerações (evidente a diferença de gerações – tamanho, vestuário, adereços, actividades)		D3 D9 D10 Total: 3 (75%)	Total: 0 (0%)	Total: 3 (30%)
	Diferenciação Mínima (as personagens são praticamente iguais, apenas havendo uma mínima diferenciação – tamanho)		D2 Total: 1 (25%)	D1 D5 D6 Total: 3 (50%)	Total: 4 (40%)
	Diferenciação Inexistente		Total: 0 (0%)	D4 D5 D7 D8 Total: 4 (66,7%)	Total: 4 (40%)
Diferenciação Sexual	Clara Diferenciação Sexual (diferenciação óbvia – vestuário, cabelos, adereços, actividades, caract. sexuais secundários)		D2 D3 D9 D10 Total: 4 (100%)	D7 Total: 1 (16,7%)	Total: 5 (50%)
	Diferenciação Mínima (só um detalhe permite diferenciar o sexo das personagens – cabelo/saia)		Total: 0 (0%)	D1 D4 D5 D6 Total: 4	Total: 4 (40%)

				(66,7%)	
	Diferenciação Inexistente		Total: 0 (0%)	D8 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
Distância entre as Personagens	Desenhos em Estratos		D2 Total: 1 (25%)	Total: 0 (0%)	Total: 1 (10%)
Elementos Afectuosos/ Movimentos de Afecto (agarrar ao colo, abraço, braços esticados para abraçar, palavras afectuosas escritas no desenho, contacto ocular)	Pais-Filho		Total: 0 (0%)	D1 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Filho-Pais				
	Mãe-Filho		Total: 0 (0%)	D4 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Filho-Mãe				
	Pai-Filho		Total: 0 (0%)	D5 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
Valorização das Figuras	Mais Valorizadas (desenhada em 1º lugar, tamanho maior, convergência dos olhares dos outros, executada com maior cuidado, mais tempo, mais detalhes/rica em ornamentos, posição central)	Pai	D2 Total: 1 (25%)	D5 Total: 1 (16,7%)	Total: 2 (20%)
		Mãe	D3 Total: 1 (25%)	Total: 0 (0%)	Total: 1 (10%)
		Filho	Total: 0 (0%)	D1 D4 Total: 2 (33,3%)	Total: 2 (20%)
		Filha	D10 Total: 1 (25%)	Total: 0 (0%)	Total: 1 (10%)
		Figura do Imaginário /Mundo de Fantasia	Total: 0 (0%)	D7 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
		Avós	D9 Total: 1 (25%)	D8 Total: 1 (16,7%)	Total: 2 (20%)
	Menos Valorizadas (desenhada em último lugar, riscar uma pessoa de família, omissão/supressão, desenhada num plano inferior ou separada das outras figuras, figura menor, com menos detalhes)	Mãe	D2 Total: 1 (25%)	Total: 0 (0%)	Total: 1 (10%)
		Filha	Total: 0 (0%)	D1 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
		Avô	D9 Total: 1 (25%)	Total: 0 (0%)	Total: 1 (10%)
	Ambiente	Com Ambiente (para além das personagens, acrescenta outros elementos – sol, montanha, nuvens, árvores, animais, jardins, casa, flores)		D2 D3 D9 D10 Total: 4 (100%)	D4 Total: 1 (16,7%)
Sem Ambiente (inclui apenas as personagens da família, sem		Total: 0 (0%)	D1 D5 D6	Total: 5 (50%)	

	quaisquer outros elementos)		D7 D8 Total: 5 (83,3%)	
Particularidades	Figuras ou Pormenores Bizarros	D2 Total: 1 (25%)	D8 Total: 1 (16,7%)	Total: 2 (20%)
	Desolação/Pobreza Fantasmática	Total: 0 (0%)	D6 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Figuras Sem Apoio/Suspensas	Total: 0 (0%)	D1 D8 Total: 2 (33,3%)	Total: 2 (20%)
	Ausência de Objectos Vitais	Total: 0 (0%)	D5 D6 Total: 2 (33,3%)	Total: 2 (20%)
Sensorial (o desenho não é muito preciso, espontaneidade, dinamismo vivo)		D2 D3 D9 D10 Total: 4 (100%)	D4 Total: 1 (16,7%)	Total: 5 (50%)
Racional (o desenho é muito preciso e com rigor, espontaneidade mais ou menos inibida, regra/rigidez, reprodução estereotipada e rítmica de personagens pouco móveis, isoladas umas das outras)		Total: 0 (0%)	D1 D5 D6 D7 D8 Total: 5 (83,3%)	Total: 5 (50%)

ANEXO G – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS ELEMENTOS FORMAIS DO DESENHO DA FAMÍLIA REAL

Critérios de Análise dos Elementos Formais do Desenho da Família Real		Feminino	Masculino	Nº Total de Participantes
Amplitude do Traço	Maior (ocupa grande parte da folha)	D9 Total: 1 (25%)	Total: 0 (0%)	Total: 1 (10%)
	Menor	Total: 0 (0%)	D6 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Normal	D2 D3 D10 Total: 3 (75%)	D1 D4 D5 D7 D8 Total: 5 (83,3%)	Total: 8 (80%)
Força do Traço	Forte	D9 Total: 1 (25%)	Total: 0 (0%)	Total: 1 (10%)
	Fraco/Fino	D3 Total: 1 (25%)	D6 Total: 1 (16,7%)	Total: 2 (20%)
	Normal	D2 D10 Total: 2 (50%)	D1 D4 D5 D7 D8 Total: 5 (83,3%)	Total: 7 (70%)
Tamanho	Grande	D9 D10 Total: 2 (50%)	Total: 0 (0%)	Total: 2 (20%)
	Normal	D2 D3 D10 Total: 3 (75%)	D1 D4 D5 D7 D8 Total: 5 (83,3%)	Total: 8 (80%)
	Pequeno	Total: 0 (0%)	D6 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
Enquadramento/ Zona da Página	Em Cima	Total: 0 (0%)	D8 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Em Baixo	D10 Total: 1 (25%)	D5 D7 Total: 2 (33,3%)	Total: 3 (30%)
	Lado Direito	Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)

	Lado Esquerdo		D10 Total: 1 (25%)	D1 D7 Total: 2 (33,3%)	Total: 4 (40%)
	Centro		D2 Total: 1 (25%)	D1 D5 Total: 2 (33,3%)	Total: 3 (30%)
	Totalidade		D3 D9 Total: 2 (50%)	D4 Total: 1 (16,7%)	Total: 3 (30%)
	Zonas Brancas	Só lado de baixo	Total: 0 (0%)	D8 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Sequência de Realização	Esquerda-Direita	D2 D3 D10 Total: 3 (75%)	D1 D4 D5 D6 D7 D8 Total: 6 (100%)	Total: 9 (90%)
		Direita-Esquerda	Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)
Esquema Corporal	Preservado		D2 D3 D10 Total: 3 (75%)	D1 D4 D7 D8 Total: 4 (66,7%)	Total: 7 (70%)
	Dificuldades		Total: 0 (0%)	D5 D6 Total: 2 (33,3%)	Total: 2 (20%)
Diferenciação entre Gerações	Clara Diferenciação entre Gerações (evidente a diferença de gerações – tamanho, vestuário, adereços, actividades)		D10 Total: 1 (25%)	Total: 0 (0%)	Total: 1 (10%)
	Diferenciação Mínima (as personagens são praticamente iguais, apenas havendo uma mínima diferenciação – tamanho)		D3 Total: 1 (25%)	D1 D5 D6 Total: 3 (50%)	Total: 4 (40%)
	Diferenciação Inexistente		D2 D9 Total: 2 (50%)	D4 D7 D8 Total: 3 (50%)	Total: 5 (50%)
Diferenciação Sexual	Clara Diferenciação Sexual (diferenciação óbvia – vestuário, cabelos, adereços, actividades)		D10 Total: 1 (25%)	D7 Total: 1 (16,7%)	Total: 2 (20%)
	Diferenciação Mínima (só um detalhe permite diferenciar o sexo das personagens - cabelo)		D2 D3 D9 Total: 3 (75%)	D1 D4 D5 D6 D8 Total: 5 (83,3%)	Total: 8 (80%)

	Diferenciação Inexistente		Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)
Distância entre as Personagens	Desenhos em Estratos		D2 D3 Total: 2 (50%)	D1 Total: 1 (16,7%)	Total: 3 (30%)
Elementos Afectuosos/ Movimentos de Afecto	Para o Próprio (movimentos/detalhes de afecto dirigidos ao próprio)	Mãe	Total: 0 (0%)	D1 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Para Outros (afecto dirigido para outras personagens do desenho que não o próprio)	Filha-Família	Total: 0 (0%)	D1 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
		Mãe-Pai	Total: 0 (0%)	D4 D7 Total: 2 (33,3%)	Total: 2 (20%)
O Próprio	Ausente/Excluído		Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)	Total: 0 (0%)
	Mais perto do pai/unido ao pai		D3 Total: 1 (25%)	D1 D5 Total: 2 (33,3%)	Total: 3 (30%)
	Mais perto da mãe/unido à mãe		D2 Total: 1 (25%)	D4 Total: 1 (16,7%)	Total: 2 (20%)
	Equidistante/Entre o pai e a mãe		Total: 0 (0%)	D6 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Excluído do Casal		Total: 0 (0%)	D7 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Mais perto da irmã		D10 Total: 1 (25%)	Total: 0 (0%)	Total: 1 (10%)
	Elementos Afectuosos/ Movimentos de Afecto do Próprio para Outros (abraço, braços esticados para abraçar, palavras afectuosas escritas no desenho, contacto ocular)	Mãe	Total: 0 (0%)	D1 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
Valorização das Figuras	Mais Valorizadas (desenhada em 1º lugar, tamanho maior, convergência dos olhares dos outros, executada com maior cuidado, mais tempo, mais detalhes/rica em ornamentos, posição central)	Pai	Total: 0 (0%)	D6 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
		Mãe	D2 D3 D9 Total: 3 (75%)	D1 Total: 1 (16,7%)	Total: 4 (40%)
		Irmãos	Total: 0 (0%)	D8 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
		O Próprio	Total: 0 (0%)	D4 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
		Avô	D9 Total: 1 (25%)	Total: 0 (0%)	Total: 1 (10%)

	Menos Valorizadas (desenhada em último lugar, riscar uma pessoa de família, omissão/supressão, desenhada num plano inferior ou separada das outras figuras, figura menor, com menos detalhes)	Pai	D3 Total: 1 (25%)	Total: 0 (0%)	Total: 1 (10%)
		Irmãos	Total: 0 (0%)	D1 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
		Padrasto	D2 Total: 1 (25%)	Total: 0 (0%)	Total: 1 (10%)
Ambiente	Com Ambiente (para além das personagens, acrescenta outros elementos – prédio, sol, nuvens, árvores, flores, casa, animais)		D3 Total: 1 (25%)	D4 D6 Total: 2 (33,3%)	Total: 3 (30%)
	Sem Ambiente (inclui apenas as personagens da família, sem quaisquer outros elementos)		D2 D9 D10 Total: 3 (75%)	D1 D5 D7 D8 Total: 4 (66,7%)	Total: 7 (70%)
Particularidades	Figuras ou Pormenores Bizarros		Total: 0 (0%)	D8 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Desolação/Pobreza Fantasmática		Total: 0 (0%)	D5 Total: 1 (16,7%)	Total: 1 (10%)
	Figuras Sem Apoio/Suspensas		D2 D3 Total: 2 (50%)	D1 D4 D8 Total: 3 (50%)	Total: 5 (50%)
	Ausência de Objectos Vitais		Total: 0 (0%)	D5 D6 Total: 2 (33,3%)	Total: 2 (20%)
Sensorial (o desenho não é muito preciso, espontaneidade, dinamismo vivo)			D3 Total: 1 (25%)	Total: 0 (0%)	Total: 1 (10%)
Racional (o desenho é muito preciso e com rigor, espontaneidade mais ou menos inibida, regra/rigidez, reprodução estereotipada e rítmica de personagens pouco móveis, isoladas umas das outras)			D2 D9 D10 Total: 3 (75%)	D1 D4 D5 D6 D7 D8 Total: 6 (100%)	Total: 9 (90%)

ANEXO H – ANÁLISE DE DADOS NO SPSS

Wilcoxon Signed Ranks Test

		Ranks		
		N	Mean Rank	Sum of Ranks
qlp1mae - qlp1pai	Negative Ranks	3 ^a	2,83	8,50
	Positive Ranks	2 ^b	3,25	6,50
	Ties	5 ^c		
	Total	10		
qlp2mae - qlp2pai	Negative Ranks	0 ^d	,00	,00
	Positive Ranks	4 ^e	2,50	10,00
	Ties	6 ^f		
	Total	10		
qlp4mae - qlp4pai	Negative Ranks	1 ^g	1,50	1,50
	Positive Ranks	2 ^h	2,25	4,50
	Ties	7 ⁱ		
	Total	10		
qlp5mae - qlp5pai	Negative Ranks	2 ^j	2,00	4,00
	Positive Ranks	2 ^k	3,00	6,00
	Ties	6 ^l		
	Total	10		
qlp6mae - qlp6pai	Negative Ranks	0 ^m	,00	,00
	Positive Ranks	2 ⁿ	1,50	3,00
	Ties	8 ^o		
	Total	10		
qlp11mae - qlp11pai	Negative Ranks	0 ^p	,00	,00
	Positive Ranks	2 ^q	1,50	3,00
	Ties	8 ^r		
	Total	10		
qlp12mae - qlp12pai	Negative Ranks	0 ^s	,00	,00
	Positive Ranks	1 ^t	1,00	1,00
	Ties	9 ^u		
	Total	10		
qlp14mae - qlp14pai	Negative Ranks	2 ^v	2,50	5,00
	Positive Ranks	2 ^w	2,50	5,00
	Ties	6 ^x		
	Total	10		
qlp16mae - qlp16pai	Negative Ranks	0 ^y	,00	,00
	Positive Ranks	3 ^z	2,00	6,00
	Ties	7 ^{aa}		

qlp17mae - qlp17pai	Total	10		
	Negative Ranks	0 ^{ab}	,00	,00
	Positive Ranks	1 ^{ac}	1,00	1,00
	Ties	9 ^{ad}		
qlp18mae - qlp18pai	Total	10		
	Negative Ranks	0 ^{ae}	,00	,00
	Positive Ranks	4 ^{af}	2,50	10,00
	Ties	6 ^{ag}		
qlp24mae - qlp24pai	Total	10		
	Negative Ranks	1 ^{ah}	3,00	3,00
	Positive Ranks	3 ^{ai}	2,33	7,00
	Ties	6 ^{aj}		
	Total	10		

- a. qlp1mae < qlp1pai
- b. qlp1mae > qlp1pai
- c. qlp1mae = qlp1pai
- d. qlp2mae < qlp2pai
- e. qlp2mae > qlp2pai
- f. qlp2mae = qlp2pai
- g. qlp4mae < qlp4pai
- h. qlp4mae > qlp4pai
- i. qlp4mae = qlp4pai
- j. qlp5mae < qlp5pai
- k. qlp5mae > qlp5pai
- l. qlp5mae = qlp5pai
- m. qlp6mae < qlp6pai
- n. qlp6mae > qlp6pai
- o. qlp6mae = qlp6pai
- p. qlp11mae < qlp11pai
- q. qlp11mae > qlp11pai
- r. qlp11mae = qlp11pai
- s. qlp12mae < qlp12pai
- t. qlp12mae > qlp12pai
- u. qlp12mae = qlp12pai
- v. qlp14mae < qlp14pai
- w. qlp14mae > qlp14pai
- x. qlp14mae = qlp14pai
- y. qlp16mae < qlp16pai
- z. qlp16mae > qlp16pai
- aa. qlp16mae = qlp16pai
- ab. qlp17mae < qlp17pai
- ac. qlp17mae > qlp17pai

ad. qlp17mae = qlp17pai
 ae. qlp18mae < qlp18pai
 af. qlp18mae > qlp18pai
 ag. qlp18mae = qlp18pai
 ah. qlp24mae < qlp24pai
 ai. qlp24mae > qlp24pai
 aj. qlp24mae = qlp24pai

Test Statistics^a

	Z	Asymp. Sig. (2-tailed)
qlp1mae - qlp1pai	-,276 ^b	,783
qlp2mae - qlp2pai	-2,000 ^c	,046
qlp4mae - qlp4pai	-,816 ^c	,414
qlp5mae - qlp5pai	-,378 ^c	,705
qlp6mae - qlp6pai	-1,342 ^c	,180
qlp11mae - qlp11pai	-1,342 ^c	,180
qlp12mae - qlp12pai	-1,000 ^c	,317
qlp14mae - qlp14pai	,000 ^d	1,000
qlp16mae - qlp16pai	-1,732 ^c	,083
qlp17mae - qlp17pai	-1,000 ^c	,317
qlp18mae - qlp18pai	-2,000 ^c	,046
qlp24mae - qlp24pai	-,736 ^c	,461

a. Wilcoxon Signed Ranks Test

b. Based on positive ranks.

c. Based on negative ranks.

d. The sum of negative ranks equals the sum of positive ranks.

NPar Tests

Wilcoxon Signed Ranks Test

		Ranks		
		N	Mean Rank	Sum of Ranks
qlp3mae - qlp3pai	Negative Ranks	2 ^a	3,75	7,50
	Positive Ranks	4 ^b	3,38	13,50
	Ties	4 ^c		
	Total	10		
qlp7mae - qlp7pai	Negative Ranks	4 ^d	4,00	16,00
	Positive Ranks	3 ^e	4,00	12,00
	Ties	3 ^f		
	Total	10		
qlp15mae - qlp15pai	Negative Ranks	3 ^g	2,83	8,50
	Positive Ranks	1 ^h	1,50	1,50
	Ties	6 ⁱ		
	Total	10		
qlp21mae - qlp21pai	Negative Ranks	3 ^j	2,00	6,00
	Positive Ranks	0 ^k	,00	,00
	Ties	7 ^l		
	Total	10		
qlp22mae - qlp22pai	Negative Ranks	5 ^m	3,00	15,00
	Positive Ranks	0 ⁿ	,00	,00
	Ties	5 ^o		
	Total	10		

a. qlp3mae < qlp3pai

b. qlp3mae > qlp3pai

c. qlp3mae = qlp3pai

d. qlp7mae < qlp7pai

e. qlp7mae > qlp7pai

f. qlp7mae = qlp7pai

g. qlp15mae < qlp15pai

h. qlp15mae > qlp15pai

i. qlp15mae = qlp15pai

j. qlp21mae < qlp21pai

k. qlp21mae > qlp21pai

l. qlp21mae = qlp21pai

m. qlp22mae < qlp22pai

n. qlp22mae > qlp22pai

o. qlp22mae = qlp22pai

Test Statistics^a

	Z	Asymp. Sig. (2-tailed)
qlp3mae - qlp3pai	-,647 ^b	,518
qlp7mae - qlp7pai	-,345 ^c	,730
qlp15mae - qlp15pai	-1,300 ^c	,194
qlp21mae - qlp21pai	-1,633 ^c	,102
qlp22mae - qlp22pai	-2,060 ^c	,039

a. Wilcoxon Signed Ranks Test

b. Based on negative ranks.

c. Based on positive ranks.

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
qlp3pai	10	0	3	1,00	1,054
qlp7pai	10	0	3	2,10	,994
qlp15pai	10	0	3	1,60	1,174
qlp21pai	10	0	3	1,70	1,059
qlp22pai	10	0	3	1,60	1,174
Valid N (listwise)	10				

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
qlp3mae	10	0	3	1,30	1,059
qlp7mae	10	1	3	2,00	,816
qlp15mae	10	0	3	1,20	,919
qlp21mae	10	0	3	1,20	1,033
qlp22mae	10	0	2	,80	,789
Valid N (listwise)	10				

Wilcoxon Signed Ranks Test

Ranks		N	Mean Rank	Sum of Ranks
qlp9mae - qlp9pai	Negative Ranks	1 ^a	1,00	1,00
	Positive Ranks	3 ^b	3,00	9,00
	Ties	6 ^c		
	Total	10		
qlp10 mae – qlp10pai	Negative Ranks	1 ^d	1,00	1,00
	Positive Ranks	2 ^e	2,50	5,00
	Ties	7 ^f		
	Total	10		
qlp13mae - qlp13pai	Negative Ranks	0 ^g	,00	,00
	Positive Ranks	4 ^h	2,50	10,00
	Ties	6 ⁱ		
	Total	10		
qlp19mae - qlp19pai	Negative Ranks	2 ^j	2,50	5,00
	Positive Ranks	3 ^k	3,33	10,00
	Ties	5 ^l		
	Total	10		
qlp20mae - qlp20pai	Negative Ranks	1 ^m	1,50	1,50
	Positive Ranks	2 ⁿ	2,25	4,50
	Ties	7 ^o		
	Total	10		
qlp23mae - qlp23pai	Negative Ranks	0 ^p	,00	,00
	Positive Ranks	2 ^q	1,50	3,00
	Ties	8 ^r		
	Total	10		
Proteçãomãe - ProteçãoPai	Negative Ranks	3 ^s	2,50	7,50
	Positive Ranks	4 ^t	5,13	20,50
	Ties	3 ^u		
	Total	10		

a. qlp9mae < qlp9pai

b. qlp9mae > qlp9pai

c. qlp9mae = qlp9pai

d. qlp10 mae < qlp10pai

e. qlp10 mae > qlp10pai

f. qlp10 mae = qlp10pai

g. qlp13mae < qlp13pai

h. qlp13mae > qlp13pai

i. qlp13mae = qlp13pai

j. qlp19mae < qlp19pai

- k. qlp19mae > qlp19pai
- l. qlp19mae = qlp19pai
- m. qlp20mae < qlp20pai
- n. qlp20mae > qlp20pai
- o. qlp20mae = qlp20pai
- p. qlp23mae < qlp23pai
- q. qlp23mae > qlp23pai
- r. qlp23mae = qlp23pai
- s. ProteçãoMãe < ProteçãoPai
- t. ProteçãoMãe > ProteçãoPai
- u. ProteçãoMãe = ProteçãoPai

Test Statistics^a

	Z	Asymp. Sig. (2-tailed)
qlp9mae - qlp9pai	-1,473 ^b	,141
qlp10 mae – qlp10pai	-1,069 ^b	,285
qlp13mae - qlp13pai	-2,000 ^b	,046
qlp19mae - qlp19pai	-,707 ^b	,480
qlp20mae - qlp20pai	-,816 ^b	,414
qlp23mae - qlp23pai	-1,342 ^b	,180
ProteçãoMãe - ProteçãoPai	-1,121 ^b	,262

a. Wilcoxon Signed Ranks Test

b. Based on negative ranks.

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
qlp9pai	10	0	3	1,20	1,033
qlp10pai	10	0	1	,40	,516
qlp13pai	10	0	3	,50	,972
qlp19pai	10	0	3	1,50	1,269
qlp20pai	10	0	3	1,60	1,350
qlp23pai	10	0	3	2,40	1,075
Valid N (listwise)	10				

DESCRIPTIVES VARIABLES=qlp9mae qlp10mae qlp13mae qlp19mae qlp20mae qlp23mae
/STATISTICS=MEAN STDDEV MIN MAX.

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
qlp9mae	10	0	3	1,80	1,135
qlp10 mae	10	0	3	,80	1,033
qlp13mae	10	0	3	,90	1,101
qlp19mae	10	1	3	1,70	,823
qlp20mae	10	0	3	1,80	1,229
qlp23mae	10	1	3	2,70	,675
Valid N (listwise)	10				

Wilcoxon Signed Ranks Test

Ranks		N	Mean Rank	Sum of Ranks
carinhomãe - carinhoPAI	Negative Ranks	3 ^a	2,83	8,50
	Positive Ranks	5 ^b	5,50	27,50
	Ties	2 ^c		
	Total	10		
AuntonomiaMãe – Auntonomiapai	Negative Ranks	5 ^d	5,90	29,50
	Positive Ranks	4 ^e	3,88	15,50
	Ties	1 ^f		
	Total	10		
ProteçãoMãe - ProteçãoPai	Negative Ranks	3 ^g	2,50	7,50
	Positive Ranks	4 ^h	5,13	20,50
	Ties	3 ⁱ		
	Total	10		

a. carinhomãe < carinhoPAI

b. carinhomãe > carinhoPAI

c. carinhomãe = carinhoPAI

d. AuntonomiaMãe < Auntonomiapai

e. AuntonomiaMãe > Auntonomiapai

f. AuntonomiaMãe = Auntonomiapai

g. ProteçãoMãe < ProteçãoPai

h. ProteçãoMãe > ProteçãoPai

i. ProteçãoMãe = ProteçãoPai

Test Statistics^a

	carinhomãe - carinhoPAI	AuntonomiaMãe - Auntonomiapai	Proteçãomãe - ProteçãoPai
Z	-1,335 ^b	-,833 ^c	-1,121 ^b
Asymp. Sig. (2-tailed)	,182	,405	,262

a. Wilcoxon Signed Ranks Test

b. Based on negative ranks.

c. Based on positive ranks.